

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PRESENÇA DA IGREJA NO OESTE DO PARANÁ:
A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO CATÓLICO
(1930-1990)**

TESE DE DOUTORADO

NILCEU JACOB DEITOS

PORTO ALEGRE, 2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CURSO DE DOUTORADO

**PRESENÇA DA IGREJA NO OESTE DO PARANÁ:
A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO CATÓLICO
(1930-1990)**

NILCEU JACOB DEITOS

ORIENTADORA – PROF^a DR^a SANDRA JATAHY PESAVENTO

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2004

Nilceu Jacob Deitos

**PRESENÇA DA IGREJA NO OESTE DO PARANÁ:
A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO CATÓLICO
(1930-1990)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Jatahy Pesavento.

PORTO ALEGRE, JANEIRO DE 2004

*"A Igreja é sempre igual na sua essência
e sempre nova na sua existência"*

(Dom Armando Cirio)

Dedico esta tese à minha esposa Tatiana, que no dia-a-dia ajuda a construir-me enquanto Homem.

A minha mãe Nilse e ao meu pai Euclides, que deram início a este processo construtivo.

AGRADECIMENTOS

As construções sempre são mais férteis quando feitas coletivamente. Este trabalho tem a dimensão coletiva, na medida em que muitas pessoas e instituições contribuíram para que o resultado, agora apresentado, possa ser lido, apreciado e criticado. Como somente foi possível através da contribuição de muitos, registro o meu agradecimento a todos que participaram dessa construção.

Em primeiro lugar agradeço à minha orientadora e amiga, Prof^a. Dr^a Sandra Jatahy Pesavento, sua simpatia e competência profissional são características que se confundem. Tenho por essa Historiadora uma profunda admiração pela forma talentosa que aprende e ensina.

Agradeço o apoio constante de minha esposa Tatiana e de todos os meus familiares que, de forma sempre otimista, estiveram sempre apoiando esta minha empreitada.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, de maneira particular, às professoras Helga Iracema Landgraf Piccolo, Regina Weber e Sandra Jatahy Pesavento, pela interessante aprendizagem que tive durante a oportunidade em participar das disciplinas oferecidas.

Pela contribuição significativa do Prof. Dr. Michael Löwy e por aceitar a co-orientação durante o estágio SDW realizado na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França. Registro também o agradecimento pela acolhida e pela oportunidade oferecida pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales durante o período de cinco meses.

Aos colegas de turma pelas ricas oportunidades de discussões feitas durante os seminários. De maneira muito especial pelas amizades

consolidadas durante esta brilhante experiência de pós-graduação. Cito com muito carinho a Nádia, o Ayan, a Sílvia, a Mara Rúbia e a Tássila. Esses nomes me trazem lembranças desafiadoras e fascinantes.

Os nomes do André, Antônio, Célio, Élio, Rolvi, Nivaldo e Valdomiro são referenciados pelas contribuições que deram na construção do texto original.

Ao Carlos, Davi, Frank, Letícia e Marcelo, pessoas marcantes e que tenho muita satisfação em poder contar com suas amizades.

Aos amigos e formadores do Seminário Nossa Senhora Imaculada Conceição de Viamão, pela constante acolhida durante os quatro anos de inúmeras viagens. Agradeço ao padre Rodolfo, ao Luiz Ricardo, Madalena, Márcio e Antônia.

Ao arcebispo e bispos da Arquidiocese e dioceses de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, pela receptividade tida durante as várias vezes em que os arquivos das cúrias foram disponibilizados e pelos padres que permitiram o acesso a vários documentos paroquiais.

Aos padres da Terceira Ordem Regular Franciscana pela acolhida durante o período em que estive na França. A receptividade de dom Agostin Verdier, dos padres José Maria e Alan e do religioso Francisco foi muito marcante. O padre Stewe e o Schawn também contribuíram durante aquele período e por eles tenho uma grande admiração.

A Capes, pelo apoio dado através da bolsa SDW, oportunizando um grau de estudo avançado e acesso importante aos grandes centros arquivísticos da França.

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, pela liberação integral para a realização do doutorado.

Resumo

Este trabalho investiga a presença da Igreja Católica no oeste do Estado do Paraná no período de 1930 a 1990. O período é relativo ao momento em que a Igreja marca presença através de sua institucionalização na região. A atuação da Igreja junto aos fiéis possibilitou a construção de um imaginário religioso através do qual, ao mesmo tempo em que a Igreja valorizou a presença dos colonos, estes tiveram a possibilidade de se instalarem na região, e estabeleceram uma relação de valorização ao papel desempenhado pela Igreja. A Igreja Católica utilizou-se de práticas e discursos que possibilitaram marcar presença na região, desenvolvendo uma estratégia que a caracterizou como uma instituição de necessidade ímpar junto aos colonos, a fim de provê-los dos "bens espirituais". Ao mesmo tempo, construiu a imagem do colono enquanto um homem abnegado ao trabalho e voltado aos interesses da coletividade. A recepção do discurso católico e as ações pastorais para que os discursos encontrassem receptividade por parte dos fiéis também foi uma questão analisada. Ao apontar para a construção do imaginário religioso, procurou-se investigar a partir das práticas e discursos feitos pelo clero católico junto aos colonos e a maneira como estes foram recebidos pelos colonos. Inúmeras ações foram desenvolvidas pelo clero católico e ainda hoje continuam, visando a melhor forma de atingir os fiéis, nos mais diversos níveis sociais. A realização do Concílio Ecumênico Vaticano II foi um momento de redefinição da Igreja Católica. O trabalho mostra a Igreja e sua atuação no espaço regional e as interferências que ela começou a sofrer a partir do pensamento conciliar que a perpassou em âmbito mundial, reelaborando um novo conceito de *igreja* e a repercussão destas mudanças na região. Por fim, os processos de tecnificação do campo e de urbanização que se intensificaram a partir da década de 1970, provocaram uma situação de redefinição da ação da Igreja a qual passou a remodelar seus discursos e reconstruir outras representações frente às mudanças ora registradas. Somado a isso, se percebe que a recepção dos discursos por parte dos fiéis também passou a exigir, dos emissores, estratégias mais elaboradas e convincentes. A abordagem conclusiva do trabalho consiste na demonstração das representações construídas pelos agentes da Igreja que atuaram durante os processos de colonização e de modernização.

Palavras-Chave: Igreja Católica, colonização, representações, imaginário.

Abstract

This work investigates the presence of the Catholic Church in west of Paraná State in the period of 1930 a 1990. The period is relative to the moment that the Church is made institutional in the region. The role of the Church with the settlers presents a wealth of elements that built a body of representations, which contributed in a two-way process. At the same time the Church valorized the presence of the settlers, these had the possibility of settling in the region, and they established a relation of valorization and of importance in the role played by the Church. The Catholic Church, in settling its presence in the region, developed an own strategy of performance with the settlers, using the discourses that made possible to build itself as an institution of single necessity to the settlers, to provide them with “spirituals blessings”. At the same time, it searched to build the settler’s image as an unselfish man to the work and turned to the interests of the group as well. The reception of the catholic discourse and the pastoral actions to make the discourse find receptiveness by the churchgoers it was also an analyzed issue. In pointing out to the construction of the imaginary religious, it searched to investigate from the practices and discourses done by the catholic cleric with the settlers and the way as these were received for the settlers. Many actions were developed by the catholic cleric and continue until today, aiming the best way to get to the churchgoers in the several social levels. The realization of the Vatican Ecumenical Council II was a moment of redefinition of the Catholic Church. The work shows the Catholic Church and its performance in the region and the interferences that it started to suffer from the conciliatory thought that passed it by in a world scope, elaborating again a new concept of Church and the repercussion of this changes in the region. At last, the process of mechanization and urbanization of the field, which was intensified from the decade of 1970, provoked a situation of redefinition of the Church role, which began to remodel its discourses and rebuild other representations before the changes registered at this period. Adding to this, it is realized, that the reception of the discourses by the churchgoers also began to demand, from the speakers, more elaborated and convincing strategies. The conclusive approach of the work consists in the demonstration of the representations built or by the agents of the Church that worked during the process of colonization, or by the agents of the Church that worked during the process of modernization.

Key words: Catholic Church, colonization, representations, imaginary.

LISTA DE ABREVIATURAS

ASSOESTE - Associação Educacional do Oeste do Paraná.

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base.

CPT - Comissão Pastoral da Terra.

FETAEP – Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado do Paraná.

GS - *Gaudium et Spes*

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

JOC – Juventude Operária Católica

LG – *Lumen Gentium*

MM – *Mater et Magistra*

MARIPÁ - Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A.

PND – Plano Nacional de Desenvolvimento.

SVD - Missionários Servos do Verbo Divino.

TFP - Tradição, Família e Propriedade.

USP - Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 - O PROCESSO MIGRATÓRIO NA COLONIZAÇÃO DO OESTE DO PARANÁ E A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA	34
1.1. As frentes de colonização no oeste paranaense	41
1.2. Presença da Igreja junto aos colonos	78
CAPÍTULO 2 - O COLONO NO OESTE E A RELAÇÃO COM A IGREJA CATÓLICA	99
2.1. Ações pastorais da Igreja	102
2.2. A recepção do discurso católico por parte dos colonos	133
CAPÍTULO 3 - UMA OUTRA IGREJA A PARTIR DAS MUDANÇAS CONCILIARES	141
3.1. Concílio Vaticano II – A construção do conceito de <i>igreja</i> como “povo de Deus”	148
3.2. As mudanças conciliares e a Igreja no oeste paranaense	152

CAPÍTULO 4 - AÇÃO DA IGREJA FRENTE AO	
PROCESSO MODERNIZADOR DO CAMPO	179
4.1. A Ação Católica e o movimento “Economia e Humanismo” – reflexos de uma trajetória do agir social da Igreja	180
4.2. A Igreja diante do processo de urbanização no oeste paranaense	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
BIBLIOGRAFIA	238
FONTES	245
1. Arquivos consultados	245
2. Cartas episcopais de dom Armando Círio (1º bispo de Toledo)	245
3. Cartas episcopais de dom Geraldo M. Agnelo (2º bispo de Toledo)	246
4. Entrevistas	246
5. Livros-tombo consultados	247
6. Documentos diversos citados	247

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 -	231
FOTO 02 -	231
FOTO 03 -	232
FOTO 04 -	232
FOTO 05 - ..	233
FOTO 06 - ..	233
FOTO 07 - ..	234
FOTO 08 - ..	234
FOTO 09 - ..	235
FOTO 10 - ..	235
FOTO 11 - ..	236
FOTO 12 - ..	236
FOTO 13 - ..	237
FOTO 14 - ..	237

ÍNDICE DE MAPAS

MAPA DA REGIÃO OESTE DO ESTADO DO PARANÁ	17
MAPA DEMOSTRATIVO DAS FRENTE DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO OESTE DO ESTADO	43

INTRODUÇÃO

Um dos campos de abordagem para a investigação histórica que apresenta uma riqueza de manifestações culturais e sociais é o da religiosidade. Nesta perspectiva, a proposta deste trabalho é a análise da presença da Igreja no processo de colonização e desenvolvimento do oeste paranaense¹. Esse processo ocorre principalmente sob a égide das igrejas católica e também protestante², iniciado a partir de 1930. Estas igrejas vão se consolidando na região nas décadas que se seguem. A consolidação destas igrejas acontece com o apoio das companhias colonizadoras e, posteriormente, com o emergente empresariado que se forma.

A construção do imaginário religioso que permeia o processo de ocupação do oeste paranaense e o seu posterior desenvolvimento agrário permite dar luz às relações econômicas, sociais e culturais que perfazem a construção de uma história. Através do imaginário expresso pelo clero e pelos fiéis - que, necessariamente, não se trata do mesmo imaginário - é possível perceber e reescrever um passado. Por meio de alguns indícios que se

¹ O espaço geográfico do oeste do Paraná compreende atualmente 50 municípios, sendo formado por três microrregiões, tendo como limite ao norte o município de Guaíra, ao sul o município de Capitão Leônidas Marques, ao leste o município de Guaraniaçu e ao oeste o município de Foz do Iguaçu.

² Ao considerar o protestantismo, estou fazendo referência à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), que se caracteriza como uma igreja histórica de migração. Embora o protestantismo esteja presente na região oeste do Paraná, não se caracteriza aqui como objeto deste trabalho.

expressam através de fragmentos documentais se torna possível a reconstrução de uma trama histórica que ora se pretende registrar. O imaginário religioso toma uma feição visualizadora e permite ser constatado historicamente, uma vez que uma das características da colonização da região oeste do Paraná é a presença de migrantes, católicos na maioria, e alguns protestantes.

Ao propor a problematização de decifrar este imaginário religioso, é pertinente observar que trabalhar um tempo passado, no campo da história, é sempre uma atividade que desafia o pesquisador na sua busca de oferecer uma leitura mais próxima daquilo que foi um dia. Ao colocar-se diante deste desafio, o historiador mantém consigo a convicção de que o passado, enquanto passado, está sepultado e não é possível recuperá-lo tal como o foi. Ao debruçar-se sobre um tempo que já foi, num espaço demarcado e também já transformado, o historiador se utiliza de todo o instrumental possível e à disposição para traduzir alguns traços do passado, fazendo com que este passado possa deixar de ser menos estranho.

A reconstrução visual do passado vivido se torna possível através da imaginação, o que, de certa forma, implica a ficção, na medida em que a construção supõe uma escolha, e onde se percebem, se reconhecem e se qualificam as ações sobre o espaço e tempo que são tomados como objeto de investigação. O domínio do olhar do historiador remete imediatamente ao estabelecimento de relações e à significação destas relações. Esta é a ação do historiador que reconstrói a realidade.

A reconstrução do passado, a exemplo do artista plástico ou do oleiro, parte da matéria-prima. Seu barro são as relíquias, as ruínas, os fragmentos, os cacos, os rastros, as marcas, os vestígios, os indícios que, mais do que mostrar, escondem aquilo que foi. O desvelar supõe o toque artístico do historiador em fazer com que o estranho se torne reconhecível. O passado, em sua forma bruta, trazido pelos documentos, é lapidado pelo historiador, no sentido de que este busca retirar, dos documentos calcificados, informações que, a uma primeira vista, não poderiam ser abstraídas. O primeiro exercício é, portanto, problematizar o passado, no esforço em conseguir fazer perguntas ao passado e esboçar respostas que permitam torná-lo distante do estranhamento que constantemente incomoda o historiador, e o impulsiona a aceitar o desafio.

A caracterização deste desafio se constitui, para o historiador, no esforço em perceber como os indivíduos de um determinado período

construíram a sua concepção do real. O enfrentamento desta instigação recomenda o distanciamento do tempo, como recuo necessário para melhor apreciar o passado e perceber, neste passado, o processo de construção do real.

Nesta caracterização, duas categorias de análise se tornam pertinentes para que a investigação histórica possa melhor analisar a realidade. O real e o imaginário se colocam como demarcadores dum momento de rupturas de paradigmas. Conceber o imaginário como categoria no campo da investigação historiográfica caracteriza o fim das certezas normativas sobre o conhecimento do real. O passado se coloca muito mais em pontos de interrogação, apontando para construções plurais, do que em frases conclusivas do registro singular de ações que até então descansavam sob a aura de verdade histórica.

A utilização da categoria do imaginário e das representações permite a construção de uma narrativa que presentifica o ausente, construção que é possível através das fontes que sobraram. Trata-se de um esforço em construir uma narrativa, de representar algo que já se foi, pensar aquilo que não se viu, e aquilo que não se viveu. A história é concebida, portanto, como narrativa, o que envolve a construção de uma determinada seqüência, apontando ações encadeadas, envolvendo um enredo, intrigas. É, em outra análise, uma versão do passado, mas uma versão plausível, na medida em que se utilizam

estratégias retóricas de persuasão. É, portanto, uma versão, pois se coloca como proposta de verdade acerca do passado.

Ao apontar estas reflexões no campo teórico, elas se justificam na medida em que ajudam a iluminar o olhar sobre o passado. Ao considerar o imaginário enquanto categoria teórica, reporto-me às concepções já elaboradas que possibilitam construir um conhecimento sobre o passado, e que permitem ler as representações que os homens de uma época fizeram de si, do meio em que viviam e das relações entre eles. O instrumental teórico é um elemento que possibilita ao historiador traduzir os significados. É função do historiador desconfiar do que se dá ao olhar. O método do seu “fazer” é aplicar os conceitos dentro do real que investiga, problematizando este real. As perguntas levantadas se constituirão num texto, numa narrativa que oferece uma explicação do que antes problematizou. Eis, então, a problematização do objeto em que a investigação histórica deste trabalho se debruça.

Ao analisar as motivações dos discursos é possível perceber que eles estão, via de regra, relacionados ao objetivo de atribuir significações ao meio em que se vive. Na perspectiva de Castoriadis, o imaginário efetivo é o momento em que se fazem perguntas e se dão respostas ao mundo. É, portanto, a construção de discursos.

O mundo social é cada vez constituído e articulado em função de um sistema de (...) significações, e essas significações existem, uma vez

constituídas, na forma do que chamamos o imaginário efetivo. É só relativamente a essas significações que podemos compreender, tanto a ‘escolha’ que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a ‘funcionalidade’. Presa incontestavelmente entre as coerções do real e do racional, sempre inserida em uma continuidade histórica e, por conseguinte co-determinada pelo que já se encontrava aí, trabalhando sempre com um simbolismo já dado e cuja manipulação não é livre, sua produção não pode ser exaustivamente reduzida a um desses fatores ou ao seu conjunto. Não pode, porque nenhum desses fatores pode preencher seu papel, pode ‘responder’ às perguntas às quais ‘respondem’. (...) A sociedade deve definir sua ‘identidade’, sua articulação, o mundo, suas relações com ele e com os objetos que contém; suas necessidades e seus desejos. Sem a ‘resposta’ a essas ‘perguntas’; sem essas ‘definições’ não existe mundo humano, nem sociedade e nem cultura – porque tudo permaneceria caos indiferenciado. O papel das significações imaginárias é o de fornecer uma resposta a essas perguntas, resposta que, evidentemente, nem a ‘realidade’ nem a ‘racionalidade’ podem fornecer³.

Como esta pesquisa parte da problematização da atuação da Igreja Católica junto aos colonos⁴ e sua relação com as companhias colonizadoras,

³ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

⁴ Sobre a origem etimológica da palavra colono, ver BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998. Na Região Sul, é utilizado a palavra *colono* para designar agricultores com pouca terra que organizam a produção agropecuária com base no trabalho familiar. Segundo Seyferth o termo colônia refere uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas. Nela, imigrantes alemães e italianos e seus descendentes adquiriram pequenas propriedades em projetos oficiais e privados de colonização, nas quais desenvolveram a produção agrícola tanto para a subsistência das suas famílias como para o mercado. Seyferth afirma que a figura do colono difere-se da figura dos caboclos e caipiras em função do plano de organização social da comunidade rural e da ocupação do espaço. A comunidade assume características próprias, em função da forma como se processou o povoamento. SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília : Editora da UnB, 1990. Segundo Schreiner, é comum, ainda hoje, no oeste do Paraná, o emprego de *colônia* como sinônimo de área rural de um município. E, em algum momento durante a década de 1970 e 1980, o termo *colono* passou a ser utilizado pelos cidadãos com conotação pejorativa, em contraposição ao agricultor modernizado, que incorporou a tecnologia na produção e estava diferenciando-se economicamente com o avanço do plantio da soja. SCHREINER, Davi Felix. *Entre a exclusão e a utopia – um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. Região sudoeste/oeste do Paraná*. Tese de doutorado. São Paulo : USP, 2002.

uma pergunta que se coloca é saber de quais discursos a Igreja lançava mão para construir o imaginário religioso junto aos outros que na região vinham se estabelecer. Eram discursos eminentemente religiosos, de cunho teológico, sendo muitas vezes carregados de elementos sociais que apontavam as dificuldades, desafios, estratégias de ação àqueles a quem os discursos eram dirigidos. Como se dava esta relação da abordagem teológica com os elementos sociais que apareciam nos discursos? Tanto numa como noutra abordagem, os discursos construía representações junto aos colonos. Perceber esta relação entre emissão discursiva e construção imaginária é a primeira problematização que se coloca. É instigante levantar o questionamento de que forma e quais estratégias a Igreja utilizou na construção das representações religiosas. Que discursos e que práticas foram utilizados para este fim?

Outro elemento que permite o questionamento é quanto à presença de migrantes na região oeste. Era apenas a presença de colonos católicos e protestantes? E os que vieram e não se integraram ao projeto católico ou não se deixaram induzir ao imaginário religioso que o clero construiu junto aos fiéis? Que outras representações são possíveis de serem detectadas no contexto de colonização do oeste?

Já se escreveu, sobre a história da colonização do oeste do Paraná, que as companhias colonizadoras e a Igreja estabeleceram uma relação muito estreita no momento em que a vinda de migrantes passou a caracterizar-se como interesse prioritário no processo de comercialização imobiliária. Se, por um lado, a Igreja contou com o apoio das companhias colonizadoras e, por conseguinte, do Estado e do empresariado emergente, por outro lado, certamente encontrou quem lhe oferecia resistência. A partir desta hipótese, uma questão que se coloca é a identificação de quem se colocou de forma opositora à ação da Igreja. Quem foi que resistiu e de que maneira a resistência foi apresentada?

A historiografia regional registra a presença de várias correntes migratórias que vieram para a região. Cada uma delas foi motivada por razões próximas, mas construídas em ambientes e contextos diferentes. Os migrantes de cada frente colonizadora traziam consigo sua carga cultural própria. Os migrantes têm consigo um corpo de representações de vital importância, o que de certa forma os motivou a se colocarem em marcha para lugares desconhecidos. Outra problematização em que a investigação se pode debruçar é perceber como ocorreu o processo de (re)construção imaginária a partir de outros discursos, no caso também religiosos.

O espaço escolhido no oeste paranaense torna-se um campo onde se constroem interesses e projetos. Por um lado, as companhias colonizadoras têm na terra um elemento concebido como mercadoria e sua venda visa ao enriquecimento dos que estão inseridos no jogo imobiliário. As companhias não poupam esforços em trazer colonizadores e fazer com que os mesmos adquiram propriedades rurais. Os colonos chegam na região com temores, esperanças e dificuldades que parecem ser próprios de quem troca o espaço no qual, outrora, nasceu, cresceu, procriou, por um outro espaço desconhecido, hostil e de certa forma inseguro, pelo menos até a colheita das primeiras safras. Portanto, estes têm na terra um elemento concebido como garantia de sobrevivência sua e de sua prole. Mais do que mercadoria, para eles a terra passaria a caracterizar-se como espaço de garantia da sobrevivência.

No campo das representações, tanto para os colonos como para as companhias, as representações foram construídas de forma tal que colaboraram nas suas investidas ora de venda, no caso das companhias, ora de aquisição como forma de garantir a vida, no caso dos colonos. Outros vários discursos foram feitos de várias frentes, institucionais ou não. Num universo de discursos e de representações, é indagativo investigar: Até que ponto a Igreja conseguiu consolidar um imaginário religioso na região?

Numa referência mais interna em relação à Igreja Católica, é pertinente observar que a Igreja atravessava um período de profunda reestruturação durante a década de 1960 com a realização do Concílio Vaticano II, que provocou uma renovação institucional muito intensa em todo o mundo e em vários aspectos da sua estrutura, e que ainda hoje repercute em diversas posições que toma. Reportando-se ao espaço da investigação, uma pergunta se impõe: Como a Igreja local, que naquele momento parecia estar buscando sua consolidação junto aos que ali se situavam, absorveu as mudanças conciliares e como elas apareceram no cenário local?

Na década de 1970, registra-se no oeste do Paraná um forte processo de mecanização do campo e o surgimento mais intensificado de áreas metropolitanas, embora sem perder seu forte vínculo agrário. Este processo de transformação repercutiu também no campo das representações sociais: Como a Igreja reagiu a este processo de mudança? Como isso repercutiu na (re)construção de discursos e representações?

As relações entre Estado e Igreja se explicitaram claramente no campo discursivo. Alguns elementos destas relações se constituem numa ordem fundamental, uma vez que tais relações são construídas num ambiente efêmero, onde hostilidade, cumplicidade, conveniência e defesa de interesses próprios se confundem constantemente. Uma problematização possível é

quanto à configuração das relações entre Igreja local e esferas governamentais no âmbito estadual e municipais: Como elas se deram? Que situações os aproximaram e em que ocasiões foram motivações de distanciamento?

As questões apresentadas suscitam dúvida, curiosidade e investigação. Ao desenvolver cada uma das indagações, é possível construir uma trama de informações e elaborações que permitem a visualização histórica de como as relações entre Igreja, colonizadores e o Estado foram sendo constituídas. Embora seja atribuída a cada uma das questões a sua devida relevância, é pertinente retomar a formulação principal da problemática deste trabalho.

O trabalho busca perceber a construção de um imaginário católico que perpassa tanto nos discursos do clero católico como nos dos colonos. Embora cada discurso mantenha suas particularidades, ambos fazem referência ao campo religioso, onde buscam uma certa legitimação de suas práticas. A ação da Igreja Católica no oeste do Paraná, no período entre os anos de 1930 a 1990, tem uma trajetória intensa e merecedora de investigação, uma vez que seu papel institucional foi muito expressivo nas primeiras décadas da colonização, e ainda hoje desempenha uma larga influência nos mais diversos grupos sociais, o que não parece ser uma particularidade da região. Mas é instigante perceber como a ação institucional da Igreja conseguiu construir sua legitimação utilizando-se de estratégias e ações que permitiram a ela construir-

se de tal forma. As estratégias e ações utilizadas alcançam a devida repercussão na medida em que conseguiram elaborar um corpo de representações que, de certa forma, interagiu na comunidade de fiéis.

O imaginário católico utilizado pela Igreja mostra-se de forma ambígua e plural. A título de exemplo, ora a Igreja procura apresentar-se como uma instituição imbatível no tempo, onde sua doutrina necessita ser preservada e respeitada pelos fiéis, apontada como condição de salvação dos povos, ora a Igreja assume posições de cunho social, colocando-se na defesa dos menos favorecidos, assumindo a causa social de denúncia de ações litigiosas. Por exemplo, em vários momentos a Igreja procura intervir na questão agrária no oeste paranaense, que é calcada num número considerável de problemas de posse e dupla titulação de áreas.

A partir da problematização posta, interessa ao investigador buscar respostas munindo-se dum corpo instrumental teórico que possibilite entender a construção imaginária da realidade como um processo que dá significado e que se apresenta como matriz de práticas sociais. Nesta perspectiva, temas como *representação e imaginário, a invenção do passado* utilizando-se da memória, da identidade e da história e *a construção do futuro*, onde se vislumbram projetos e utopias, serão pertinentes e estarão apontados no texto.

O contexto onde o imaginário se constrói é de um espaço onde tal imaginário ainda não é, mas poderá vir a ser. Daí a pertinência de se pensar a invenção do passado e a construção do futuro numa constante inter-relação. Este exercício permite construir uma narrativa que, na medida em que é posta na tela artística, os riscos da tinta vão tomando forma e, aos poucos, o esboço da leitura de um tempo irreversível vai construindo uma obra de história prima, embora não singular.

Ao definir a problemática que justifica este trabalho, os capítulos estarão apontando uma construção histórica, buscando uma articulação teórica e documental que possa satisfazer de forma mais clara possível a curiosidade levantada pelas dúvidas acima apontadas. O primeiro capítulo contempla *o processo migratório na colonização do oeste do Paraná e a presença da Igreja Católica*. O objetivo é mostrar algumas estratégias utilizadas pela Igreja Católica na construção de representações religiosas e discursos que procuraram viabilizar esta construção.

As relações estabelecidas entre o clero da Igreja Católica e os colonos vindos dos estados sulistas para a região oeste do Paraná mostram, entre outros, dois aspectos que chamam a atenção para uma investigação histórica que aponta a construção discursiva da instituição religiosa. Esta se colocando como instrumento necessário para prover os colonos dos “bens espirituais”,

construindo desta forma uma espécie de auto-afirmação de sua importância no espaço geográfico do oeste paranaense, fortalecendo assim a catolicidade da região. Por outro lado ocorre a construção da imagem do colono, na ótica da Igreja, enquanto indivíduos com características voltadas para o espírito comunitário e a abnegação ao trabalho, sendo que os discursos mostram-se transpassados pela idéia da valorização do trabalho, não pelo gozo da riqueza que dele advém, mas pela necessidade de trabalhar para o progresso e desenvolvimento da região. Neste contexto, é importante observar as formas de ação e articulação da Igreja Católica no sentido de prover aos colonos uma certa assistência mostrando-se em algumas ocasiões como responsável em resolver certos impasses relacionados a aspectos litigiosos da terra, e em outras, enquanto instituição mestra, posicionando-se como guia e redentora dos colonos, desde que acatada suas orientações.

O segundo capítulo vai contemplar *o colono no oeste e a relação com a Igreja Católica*. Este capítulo busca apontar a construção do imaginário religioso a partir das práticas e discursos feitos pelo clero católico junto ao colono na região delimitada para a investigação. Outro aspecto sobre o qual o capítulo irá se debruçar é quanto aos projetos que não deram certo, considerando a resistência ao discurso católico e a reconstrução a partir destes discursos. O capítulo visa considerar uma certa relativização da ação do clero

diante de circunstâncias e desafios outros que se apresentam ao colono que se fixa, ou procura se fixar, no oeste do Paraná.

O terceiro capítulo tem como tema *uma outra igreja a partir das mudanças conciliares*. Este capítulo procura mostrar a Igreja Católica e sua atuação no espaço local e as interferências que começa a sofrer a partir do pensamento conciliar que a perpassa em âmbito mundial, re-elaborando um novo conceito de Igreja e a repercussão destas mudanças na região.

Ação da Igreja frente ao processo modernizador do campo é o que vai tratar o quarto capítulo. Ao mesmo tempo em que o concílio começa a refletir na Igreja no espaço delimitado para a investigação, registra-se também um processo de tecnificação e urbanização mais acentuados no oeste paranaense, o que irá influenciar na ação da Igreja, a qual passa a remodelar seus discursos e reconstruir algumas representações frente às mudanças ora registradas.

O último capítulo será a *conclusão*, onde procurarei mostrar a efetivação de representações construídas pela Igreja em todos os momentos que os capítulos anteriores abordaram, apontando para a trajetória histórica em que as relações entre Igreja, colonos, fiéis, modernização se entrecruzam, cada um a seu tempo e em seu contexto.

Ao investigar o discurso católico no oeste paranaense, o imaginário é analisado no seu construir-se não apenas nos momentos mais expressivos de

cerimônias e festividades litúrgicas, que são momentos fortes, com discursos num ambiente propício para a propagação e incorporação do imaginário religioso. A análise recai também nas relações cotidianas dos “católicos”, onde este imaginário se desvela na maneira de o fiel falar e comportar-se.

A metodologia empregada para o trabalho de pesquisa é o cruzamento de informações de toda a documentação já localizada, bem como as entrevistas orais com pessoas que chegaram à região durante o período da colonização. A metodologia supõe ainda o estabelecimento de analogias para resgatar significados que não se apresentam de forma direta, mas cifradas, por vezes. Trata-se dum método de montagem e composição de fragmentos⁵. Do texto torna-se possível construir um extra-texto e sua visualização depende da bagagem que o historiador carrega consigo.

O trabalho metodológico tem ainda como preocupação a definição das ações da Igreja Católica na região oeste e a relação com as posturas e linhas que a instituição tem tomado ao longo do período em instância nacional. As cartas episcopais e discursos proferidos pelo bispo dom Armando Círio⁶ revelam as perspectivas da Igreja pós-conciliar e as medidas que são tomadas

⁵ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

⁶ Dom Armando Círio é o primeiro bispo eleito na região oeste. Inicialmente atuou como bispo na Diocese de Toledo (1960-1978), depois, com o desdobramento da Diocese de Toledo, ele assumiu o bispado e em seguida o arcebispado de Cascavel (1978/79 – 1994). Atualmente é bispo emérito da Arquidiocese de Cascavel.

pela Igreja na região, definindo uma ação voltada para a área social, onde os problemas relacionados à posse da terra passam a ser considerados pela pastoral católica - atitudes que vão garantindo maior nominação⁷ entre os colonos e pequenos proprietários de terra na região.

Entre as fontes documentais utilizadas estão os arquivos existentes e os livros-tombo das paróquias mais antigas e que concentram maior número de fiéis católicos existentes nas três dioceses que formam a região oeste do Paraná – a saber, as dioceses de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu. Outras fontes documentais importantes são as homilias lidas durante as celebrações religiosas, arquivadas junto à secretaria paroquial da Catedral de Cascavel.

Entre os arquivos disponíveis para pesquisa estão os arquivos das Mitras Diocesanas de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, bem como o arquivo particular de Dom Armando Cirio, arquivo composto por cartas episcopais e documentos enviados ao clero ao longo dos 30 anos nos quais ficou à frente da Diocese de Toledo e, posteriormente, da Arquidiocese de Cascavel. Uma documentação imprescindível para a compreensão do papel da Igreja institucional é a publicação de vários documentos oficiais, durante e após o período conciliar, que definem a sua ação pastoral. Outro campo importante

⁷ A idéia de nominação não é na perspectiva de Durkheim como algo estável e acabado. É empregada segundo a concepção de Peter Berger, o qual aponta o perigo supremo da separação da sociedade como sendo o perigo da ausência de sentido. O discurso nomizante, aqui empregado, surge eivado de representações. Ver: BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, tr. J. C. Barcello, São Paulo : Ed. Paulinas, 1985.

para a investigação histórica é a realização de entrevistas com pessoas que viveram na região durante o período da colonização. Nas fontes orais encontram-se ainda as entrevistas com padres e lideranças comunitárias que participaram do processo de colonização.

I - O processo migratório na colonização do oeste do Paraná e a presença da Igreja Católica

Na análise histórica da ocupação do oeste do Paraná é necessário reportar-se brevemente ao final do século XVI, ocasião em que a Igreja Católica, através da Companhia de Jesus, assume um papel protagonizante de ações muito importantes, através do aldeamento de indígenas, chamado de reduções jesuíticas. Através da Província do Guairá, com a atividade missioneira dos jesuítas, a coroa espanhola amplia seu campo de atuação no oeste do que seria hoje o território paranaense. Em menos de duas décadas, mais de uma dezena de reduções jesuíticas se espalharam pelo oeste do Paraná, tendo seu limite territorial de expansão o Rio Tibagi⁸. Esta ação marcou o início da presença católica em áreas oestinas atuando com a população indígena, que ocupava vasta extensão do Paraná.

Na configuração econômica da época, as reduções provocaram grande preocupação aos espanhóis devido ao êxito alcançado pelos jesuítas. A concorrência comercial e absorção da mão-de-obra indígena pelas reduções conflitavam com os interesses espanhóis. Somado a isso se registrava também a insuficiente remessa de escravos africanos, o que provocou a atração dos

⁸ WACHOWICZ, Rui C. *Obrageros, mensus e colonos - História do oeste paranaense*, Curitiba : Ed. Vicentina, 1982.

domínios portugueses pela mão-de-obra indígena. As bandeiras paulistas tinham nas reduções jesuíticas do Guairá grandes interesses, uma vez que os indígenas que ali se encontravam haviam sido completamente domesticados pelos jesuítas, o que facilitou a mão-de-obra escrava dos índios.

As reduções jesuíticas, sem o apoio dos espanhóis e atacadas pelas expedições portuguesas, registraram uma devastação cruel e rápida. As reduções do Guairá, num período de quatro anos (1629-1632), foram completamente destruídas, sem jamais serem recompostas. Dos poucos índios que sobreviveram a esta ação, parte se embrenhou na mata e outra parte se transferiu para o território paraguaio. Após o extermínio das reduções jesuíticas, perdeu-se significativamente o interesse de exploração pela região oeste, a qual ficou num estado de abandono por mais de um século.

Um marco significativo da história da ocupação do oeste do Paraná é datada ainda no século XIX, com a criação da colônia militar em 1889, dando origem a cidade mais antiga do Oeste do Paraná, que é Foz do Iguaçu. A colônia militar foi fundada por motivo de garantir a segurança das fronteiras.

O processo de colonização definitivo do oeste paranaense foi precedido ainda pela exploração da erva-mate e da madeira, atividades desenvolvidas por companhias de capital estrangeiro e ou nacional. Entre as companhias que se destacaram, a Companhia Mate Laranjeiras teve uma participação

significativa, empregando mão-de-obra basicamente paraguaia e escoando a produção de erva-mate e a madeira através do Rio Paraná, chegando aos mercados argentinos⁹.

As práticas exploratórias de erva-mate e da madeira por companhias estrangeiras e nacionais caracterizou-se durante o período inicial do século XX, sendo que se evidenciou para as autoridades brasileiras a partir da década de 1920. Neste período é que se registra a passagem dos revoltosos tenentistas da Coluna Prestes na região oeste do Estado. A partir do ano de 1924 era possível apontar para a precária situação nacional na região de fronteiras, sendo que a presença brasileira basicamente se resumia em alguns locais, como, por exemplo, em Catanduvas, nas margens da rodovia Estratégica no trecho que abrangia Catanduvas a Foz do Iguaçu, em Guairá e em Santa Helena. O tenentismo fazia a defesa do nacionalismo, cuja ação nacionalista se justificava quando da sua marca pelo interior do Brasil. A região oeste do Paraná, naquele contexto, deveria ser alvo de atenção das autoridades nacionais para ter a garantia de sua integração à nação brasileira¹⁰.

A concentração de mão-de-obra neste período era composta por trabalhadores paraguaios denominados *mensus* ou peões. As áreas onde se

⁹ GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel : Edunioeste, 2002. p. 89.

¹⁰ Idem, p. 90.

desenvolviam as atividades exploratórias chamavam-se de *obrages*¹¹. Estas áreas tinham uma vida útil proporcional ao período de extração maciça tanto do mate como da madeira.

A característica fundamental das *obrages* era, portanto, a exploração intensa, indiferente ao esgotamento das reservas nativas. Esta prática teve algumas implicações importantes no processo de ocupação do oeste do Paraná. Primeiramente a ação das *obrages*, por sua característica exploratória, não permitia a fixação de pessoas nas áreas. Isto significa afirmar que não é neste período que a colonização do oeste toma sua feição definitiva. O delineamento da colonização do oeste aconteceria bem mais tarde, quando, a partir de 1930, o governo federal, revestido de um caráter nacionalista, toma uma série de medidas com o objetivo de reforçar a brasilidade dos habitantes da terra. Uma das iniciativas é a “marcha para o oeste”, espaço até então caracterizado por um enorme vazio demográfico e até então abandonado e entregue aos interesses estrangeiros.

As *obrages* não possuíam interesse de especulação imobiliária, e não manifestavam nenhuma pretensão pela propriedade da terra. Embora, quando uma determinada área já estivesse esgotada em relação a suas riquezas naturais, era vendida a outros proprietários rurais que passavam a desenvolver

¹¹ WACHOWICZ, Rui C., op. cit.

outras atividades econômicas. O negócio da venda das *obrages* decadentes revelava-se como compensador aos antigos proprietários, os quais procuravam estabelecer-se em outras áreas que ainda se encontravam virgens. Isto acontecia na medida em que o mate e a madeira eram retirados, não restando mais nenhum outro interesse pelas áreas exploradas. Outra característica é a presença quase que majoritária de estrangeiros. Isto se justifica por ser a região do oeste uma área que permanecia durante o século XIX e início do século XX fora do espaço de interesse imediato do governo brasileiro, embora não tenha sido esquecido completamente. O governo brasileiro permitiu a exploração econômica pelos comerciantes argentinos. Também os paraguaios se beneficiaram desta situação¹². Mas, enquanto os argentinos entraram nas regiões do Paraná e Mato Grosso como detentores de capitais para o desenvolvimento das atividades exploratórias das *obrages*, os paraguaios tiveram como principal característica o fornecimento de mão-de-obra barata no processo de exploração que se instalou.

O processo exploratório das *obrages* perdurou até fins da década de 20 do século XX, ocasião em que vários fatores foram registrados para o esfacelamento desta prática. Uma das razões foi o esgotamento acelerado das matas, uma vez que a ação exploratória não previa nenhuma ação de

¹² Idem, *ibidem*.

recomposição da riqueza natural. Na década de 1920, o governo argentino articulou uma campanha protecionista da sua própria produção ervateira. Várias medidas foram adotadas visando incentivar o plantio da erva-mate e, ao mesmo tempo, foi sendo obstaculizada a entrada do produto brasileiro naquele país.

Com a passagem das tropas revolucionárias¹³ no oeste do Paraná nos anos de 1924 e 1925, algumas *obrages* foram prejudicadas, sendo que os bens foram apropriados pelos revolucionários e muitos dos *menssus* que nelas trabalhavam foram colocados em liberdade. As terras já exploradas eram vendidas para utilização de outras culturas, o que possibilitou, aos poucos, o advento de uma nova característica econômica na região, que foi a localização do homem na terra, dando início ao processo de colonização da região, ainda mais incentivada pela campanha da “marcha para o oeste”.

Durante o período das décadas iniciais do século XX alguns fatos no cenário nacional e mundial repercutiram no oeste do Paraná. As companhias estrangeiras, principalmente as que contavam com capital inglês, começaram a reduzir seus recursos de investimento na exploração da erva-mate e madeira

¹³ Os movimentos tenentistas de 1922 (São Paulo) e 1923 (Rio Grande do Sul) acabaram provocando uma nova revolução brasileira. O levante conseguiu dominar São Paulo, mas não conquistou o Palácio do Governo e rapidamente seus líderes se viram isolados, sem o apoio popular. O comando revolucionário procurou se instalar no Mato Grosso com a intenção de prolongar a luta e tentar permitir às tropas que viriam do Rio Grande do Sul em apoio à futura Coluna Prestes. Foram contidos pelas tropas governistas, no entanto, e forçados a procurar o Sul, descendo pelo rio Paraná até Guaíra, para em seguida se deslocar para a região de Cascavel, até o cerco final, em Catanduvas. Ver SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba : Lagarto, 1992. p. 85.

devido aos desdobramentos da primeira guerra mundial. A título de exemplificação, é pertinente registrar que a Fazenda Britânia, uma das companhias localizadas na região oeste, desistiu da construção de uma ferrovia na região, embora já tinha parte dos trilhos localizados no trajeto da construção.

Diante de uma conjuntura mundial em crise e frente às incertezas das companhias estrangeiras que operavam no oeste paranaense, muitas delas desativaram seus empreendimentos ou entraram em falências, possibilitando o aparecimento de um enorme espaço territorial para investimentos de capital nacional no período subsequente à segunda guerra mundial. Somado a esta situação, um outro elemento é o processo de expansão das fronteiras agrícolas. A migração começava a se registrar no oeste do Estado, uma vez que as velhas colônias de imigrantes europeus no Rio Grande do Sul e Santa Catarina já tinham excedentes populacionais suficiente para motivar a ocupação de outras áreas para colonizar.¹⁴

Na região oeste do Paraná, o processo de colonização comportou uma característica cultural centrada na valorização do trabalho. Esta característica é percebida pelo projeto de colonização desenvolvido pelas companhias colonizadoras e pela escolha do migrante que veio para a região, na sua

¹⁴ GREGORY, Valdir, op. cit. p.91 e 92.

maioria de descendência teuta e italiana. Esta escolha fez parte do projeto colonizador de algumas companhias. É pertinente caracterizar o processo de colonização do oeste, onde, na diversidade de frentes colonizadoras, percebe-se a valorização dada pelas companhias colonizadoras aos colonos de uma das três frentes de colonização, sendo privilegiada a frente sulista.

1.1. As frentes de colonização no oeste paranaense

O conceito de colonização que se aplica à região oeste do Paraná e decorrente da imigração para o sul do Brasil se diferencia da colonização portuguesa realizada no antigo sistema colonial. A colonização que se caracteriza no espaço delimitado desta pesquisa é decorrente daquela ocorrida por ocasião da crise do latifúndio escravocrata datada ainda no século XIX que necessitava de mecanismos de sobrevivência dentro da nova ordem do imperialismo. Segundo análise da colonização do sul do Brasil a estrutura latifundiária e a economia agroexportadora fizeram com que a localização das colônias se estabelecesse em áreas marginais¹⁵.

Segundo Renzo Maria Grosseli, o termo colônia pode significar cada um dos lotes de terra à disposição dos colonos, vinculando a colonização aos programas e projetos de subdivisão de grandes propriedades por meio de

¹⁵ Gregory, Valdir. Op. cit. p.22.

organizações públicas e privadas, visando a colocação de famílias de agricultores nos lotes assim criados, e o desenvolvimento de atividades de auxílio, assistência e supervisão, a fim de estabelecer nestas áreas, comunidades de pequenas propriedades rurais¹⁶.

Como observa Gregory, a colonização foi uma realização que aconteceu com os colonos e por causa dos colonos. “Foram eles que realizaram, em última instância, a tarefa de colonizar”¹⁷. No entendimento de Luiza Schmitz Kliemann, os colonos são os pequenos proprietários que receberam ou adquiriram terra, em pequenos lotes, para desenvolver a policultura e prover a subsistência. Já os colonizadores os proprietários particulares, empresas, ou mesmo o poder público, que, adquirindo grandes glebas, as lotearam e as venderam aos colonos¹⁸.

¹⁶ GROSSELI, Renzo M. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (venetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1987. p. 274 e 275.

¹⁷ GREGORY, Valdir, op. cit. p. 25.

¹⁸ KLIEMANN, Luíza Helena Schmitz. Rio Grande do Sul: terra e poder – história da questão agrária. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986, p. 13 e 14.

Ao referir-se às frentes de colonização, a historiografia local afirma que a frente vinda dos campos de Guarapuava se caracterizava como populações oriundas de colonos estabelecidos no terceiro planalto paranaense, também conhecido como planalto de Guarapuava, e formado por antigas colônias de imigrantes europeus¹⁹. Daí procede a frente de ocupação mais antiga da região oeste.

A frente pioneira, também chamada de frente cabocla, tem como marco inicial a criação da Colônia Militar na fronteira, sediada em Foz do Iguaçu, que provocou a colonização no sentido leste-oeste²⁰. A missão destinada a fundar a Colônia Militar do Iguaçu partiu de Guarapuava no dia 13 de setembro de 1889. A proclamação da República encontrou a segunda missão a Foz do Iguaçu em plena tarefa de reabertura da picada em sua jornada para assentar a colônia militar. No dia 23 de novembro de 1889, o comandante da futura colônia determinou a afixação de editais alertando a população sobre a presença da autoridade brasileira na região. Com a implantação da colônia militar, iniciava-se um intercâmbio crescente com Guarapuava e Curitiba. O elo da civilização, os deslocamentos humanos no sentido leste-oeste e oeste-leste acabava de ser estabelecido. Nos 23 anos de existência da colônia militar, várias conquistas foram registradas na região oeste, como, por exemplo, a

¹⁹ GREGORY, op. cit.

²⁰ SPERANÇA, Alceu. Op. cit.

instalação do telégrafo, a transformação da Vila Iguaçu em distrito administrativo de Guarapuava e, posteriormente, em município de Foz do Iguaçu, a construção da estrada federal até Catanduvas. Registrava-se, também, no período da colônia militar, o entrelaço dos interesses estrangeiros e do governo paranaense, inconformado com a sangria de erva-mate e madeira contrabandeada. Esta situação acabou levando o governo federal a intensificar os esforços visando garantir avanços em comunicação e transportes na região para assegurar, em definitivo, o controle brasileiro da área, dificultado pelas artimanhas dos concessionários estrangeiros beneficiados ao longo do Império e também nos primeiros anos da República.

Enquanto as pressões se intensificavam contra a administração na fronteira, uma população flutuante passava a fixar-se em torno da trilha dos militares e dos grandes acampamentos de ervais, os pontos de origem de muitos povoados hoje consolidados no trajeto que demandava de Catanduvas a Foz do Iguaçu. Esta população é procedente da frente cabocla de colonização. A procura pelas terras devolutas da região crescia e começava a motivar não somente os caboclos de Guarapuava, mas empresas colonizadoras que se formavam com esta finalidade.

Outra frente é chamada de frente sulista, que se originou no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O excedente de trabalhadores em tais Estados

provocou a saída de muitos para o território paranaense, sendo que a região oeste do Paraná passou a ser uma das áreas mais desejadas para a colonização. O fortalecimento da vinda de colonos se dá nas décadas de 50, 60 e 70. São inúmeros os municípios na região que passam a ser formados, sendo a sua composição étnica de italianos, alemães e poloneses²¹.

A terceira frente é deslocada do norte do Paraná e é estimulada pelo café, que do norte do Estado atravessa o Rio Piquiri e chegava à região oeste. A formação da frente cafeeira é composta por elementos vindos dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e da região Nordeste. Não se pode desconsiderar uma parcela significativa da população nascida e criada no norte paranaense, a qual integra a frente nortista de colonização²².

O Estado do Paraná, desde a década de 30 até os anos 70 do século XX, foi área de atração populacional. O auge da atração aconteceu nos anos 50, quando ainda existiam espaços não ocupados no norte do Estado e iniciava-se a ocupação da região oeste, processo que não durou mais do que 20 anos. Na década de 1970, o oeste do Paraná, bem como as demais regiões do Estado, tornaram-se áreas de expulsão populacional. O processo de colonização do oeste do Paraná é plural. Isso pode ser constatado tanto pelas várias frentes de colonização que se registram, bem como pelos mecanismos utilizados para tal,

²¹ WACHOWICZ, Rui C. Op. cit. p. 182.

²² Idem, p. 183.

ora através de empresas colonizadoras, ora pela apropriação litigiosa de territórios. No espaço geográfico do oeste do Paraná percebe-se o entrecruzamento de três frentes de colonização, num período relativamente curto. A partir das décadas de 1940/50 intensifica-se a vinda de famílias colonizadoras para a região oeste.

O processo de colonização do Oeste do Paraná se efetiva a partir da crise do sistema de obrages. Vastas áreas foram facilmente adquiridas para fins de colonização, o que, aos poucos, começou a atrair vários colonos. Alguns modelos de explicação histórica apontam para o processo de ocupação completa do território paranaense e, especificamente, do oeste do Paraná, a partir dos deslocamentos das frentes pioneiras. Trata-se de um modelo procedente para a explicação, embora, é importante ressaltar, que o encontro das três frentes de colonização - a frente cabocla, a nortista e a sulista - não ocorreu de uma forma harmônica. É pertinente destacar que o contexto social de cada frente tem suas particularidades. Embora o interesse motivador do deslocamento das frentes seja o mesmo - a conquista da terra - cada uma das frentes traz elementos culturais específicos, perspectivas próprias e trajetórias históricas diferenciadas.

No discurso político da época, a convergência para o Paraná de vários povos é tida como elemento de modernização e avanço. Mas, nas entrelinhas

do discurso, é possível perceber a presença de elementos contrários. São povos que possuem desencontros, registram angústias próprias e esperanças diferentes.

Ouçõ os passos dos brasileiros que convergem para o Paraná, através de todos os caminhos da Pátria Grande. Vêm de Minas e São Paulo, empurrados pela onda verde e dos cafeeiros, que desceram para o Sul, vivendo seu ciclo e revolucionando a tradicional economia paranaense. Vêm do Nordeste, ressequido e superpovoado, com a intrepidez e a coragem dos que lutam sempre e se habituaram a lutar sem esmorecer, para abrir sertão e fazer o cafezal avançar. Vêm do sul, transbordando do minifúndio colonial e fazendo sobreviver, aqui, os traços humanos que nos são característicos depois de mais de um século de imigração. Vêm de todas as angústias, de todos os desencontros, de todas as esperanças e de todas as coragens nacionais. O Brasil marcou encontro no Paraná (...) (Bento, 1954, p.xi)²³.

Cada frente colonizadora tem suas peculiaridades, que as fazem diferentes uma das outras. Configura-se um quadro de contrastes, sendo que as relações não são harmônicas e nem muito cordiais. Por mais que alguns afirmem que as relações eram pacíficas, esta característica não se evidencia na disputa e ocupação das áreas, onde uma série de conflitos é registrada e adiante será explorada.

A historiografia local tece algumas considerações sobre a expansão agrícola do Velho Paraná (região centro sul) que se encontra com a do sul, sendo os colonos provenientes dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do

²³ ROCHA, Bento Munhoz da. Apud: IPARDES – Fundação Edison Vieira. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba, 1989.

Sul e uma outra frente, chamada cafeeira, vinda do norte do Paraná. O que se registra na região é a presença de colonos do Velho Paraná que, no oeste do Estado, se encontram com a frente cafeeira, atravessando o Rio Piquiri, e a frente sulista, que chega dos outros Estados do sul do Brasil²⁴.

Nos registros da historiografia da região oeste, no período logo após a Revolução de 30, encontra-se, grosso modo, a presença de aproximadamente 10.000 habitantes na região, sendo que apenas 5% eram brasileiros. Nas duas décadas seguintes, a situação populacional vai sofrer uma sensível mudança. Ocorre a fixação de milhares de colonos na região, pertencentes às frentes de colonização que, de forma definitiva, fazem com que o oeste paranaense seja ocupado²⁵.

Levando-se em consideração a ocupação de um novo espaço territorial, a imbricação dos vários grupos que ocupam a região vai resultar num relacionamento diferente do que caracterizava internamente cada uma das frentes de colonização, apontando para uma aproximação tanto cultural como étnica, embora sendo patente a predominância da frente de colonização sulista. Na convivência com "diferentes", ao mesmo tempo em que se configura uma nova característica cultural, também propicia-se a criação de estereótipos depreciativos às pessoas de um meio cultural que não seja o

²⁴WACHOWICZ, Rui C. Op. cit. p. 165.

²⁵Idem, p. 182.

mesmo da colonização predominante. Trata-se da construção do “outro” no imaginário sulista. Atribuindo a estes uma conotação preconceituosa em relação ao estilo e forma de trabalho, que era diferente dos colonos do sul, onde o trabalho era algo muito arraigado²⁶. Isso aponta para o registro de uma construção nomática por partes dos grupos de colonos, caracterizada pela maneira como se manifestam em relação ao seu *modus vivendi* e a dos outros grupos de colonos que se encontravam na região, conforme as frentes de colonização. Ao considerar a questão cultural entre os grupos de colonos, parto da perspectiva de que a cultura, segundo Chartier, não se situa acima e abaixo das relações econômicas e sociais, nem pode ser alinhada com elas²⁷. Por esse sentido, as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo²⁸. Ao considerar a cultura como um elemento norteador da ação dos colonos, é utilizada, conforme cita Pesavento, “como uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa”²⁹.

²⁶ Ver SCHREINER, Davi Félix. *Cotidiano, trabalho e poder: a formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. 2ª ed. Toledo : Ed. Toledo, 1997.

²⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Revista Annales*, nº 6, nov-dez, 1989.

²⁸ HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. J. L. Camargo. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

²⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*, ed. 2ª, Belo Horizonte : Autêntica, 2004. p. 15.

Várias empresas colonizadoras estabeleceram-se na região oeste do Paraná. Entre elas destacam-se a Companhia Madeireira Colonizadora Rio Paraná – Maripá³⁰, a Pinho e Terra com as secções Piquiri, Céu Azul, Porto Mendes, Lopeí, a Industrial Agrícola Bento Gonçalves Ltda, a Colonizadora Gaúcha Ltda, a Colonizadora Matelândia Ltda, a Colonizadora Criciúma Ltda. Estas colonizadoras tinham como objetivo a exploração da madeira, a mercantilização de terras, o desenvolvimento do comércio e da indústria.

Ao apontar para a questão de que a relação entre as frentes de colonização não é harmônica, é pertinente demonstrar algumas características do projeto de colonização da Maripá. Nesta empresa imobiliária não era qualquer um que tinha acesso à negociação de terras. A Maripá desempenhava um processo de escolha cuidadoso dos futuros colonizadores, sendo que a procedência da maioria era do oeste do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e a descendência era italiana e alemã. O projeto da colonizadora dava preferência a estas etnias uma vez que as considerava portadoras de “mão-de-obra esmerada” e de “maior valor produtivo”.

A historiografia da região define o migrante dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul genericamente como sulistas. Os que

³⁰ Maripá é a Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A., responsável pela colonização de uma vasta área na região oeste do Paraná, abrangendo os municípios de Toledo até Marechal Cândido Rondon. Foi fundada no dia 13 de abril de 1946, em Porto Alegre. De acordo com os estatutos da empresa, ela foi fundada para comprar e vender terras, exportar e industrializar madeiras.

caracterizam a frente de expansão cafeeira que se implantou pelo norte do Estado, tendo ocupado o espaço geográfico em direção aos rios Piquiri, Paraná e Vale do Ivaí, são os vindos dos Estados de Minas Gerais, São Paulo e da região Nordeste do país, originários da miscigenação entre brancos (portugueses), índios e negros africanos. Estes eram, assim, denominados nortistas. Em tom depreciativo, foram chamados pelos sulistas como sendo “pêlo duro”. No Rio Grande do Sul, esta expressão significava o gado sem raça, decadente³¹.

Na fala dos colonos e de seus descendentes, é destacada a predominância da frente sulista. "*Era quase somente gente do sul*"³², recorda um migrante que chegou na região na década de 1950, observando a quase inexistência de povos vindos do norte do Estado. Em relação aos colonos sulistas, é constante a recorrência à imagem de sua disponibilidade ao trabalho. Uma manifestação da operosidade dos sulistas está registrada no relatório da colonizadora Maripá:

*Esse agricultor, descende de italianos e de alemães, com mais de 100 anos de aclimatação no país, conhecedor de nossas matas, de nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e pelo seu amor à terra que trabalha*³³.

³¹ WACHOWICZ, Rui C. Op. cit. p. 175.

³² Entrevista concedida por Antônio Cid, no dia 04/08/95 (Arquivo do autor).

³³ Tópico de um relatório organizado por Ondy Hélio Niederauer, chefe do escritório da Maripá, e aprovado pelos maiores acionistas da empresa colonizadora, como Willy Barth e Egon Werner Bercht, no ano de 1955. Willy Barth, naquele ano, já ocupava o posto de diretor da Maripá. Os documentos encontram-se no escritório da Maripá.

Ao dar ênfase aos colonos provenientes desta região do Brasil, atribuíam-se aos migrantes das outras frentes colonizadoras uma certa inaptidão ao trabalho agrícola. *“Agricultores sem experiência na agricultura e na organização cooperativa, e que não fossem afeitos ao trabalho, não eram selecionados”*³⁴.

Um aspecto que merece destaque é que, embora a região oeste seja uma área de encontro de frentes de colonização, internamente nesta área desenvolveu-se uma disputa pelos espaços, sendo muito destacada ainda hoje a predominância das frentes em todo o território, mesmo depois do processo de urbanização que avançou a partir da década de 1970.

Ao virem para a região com o desejo de se apropriarem de terras e fazê-las produzir, outros elementos culturais eram trazidos, principalmente religiosos, que aos poucos redefiniam o imaginário do migrante, contribuindo para a adaptação e, mais do que isso, o convencimento de que se estava constituindo uma nova vida e que, para isso, a força e a coragem eram indispensáveis para esta construção.

Tratava-se de um lugar desconhecido, estranho para todos e, para amortizar este estranhamento, percebe-se a ação de algumas colonizadoras no oeste paranaense, de acolhida e receptividade aos que chegavam. Era uma

³⁴ SCHREINER, Davi Félix. Op. cit.

prática comum que logo, na chegada, fossem realizadas festas, mesmo antes de serem deixadas as famílias no pedaço de terra por elas adquirido.

A receptividade festiva, além de amenizar a experiência de estranhamento, era um momento de contato com os futuros vizinhos, o que possibilitava o estabelecimento de uma relação de aproximação e de mútua ajuda. Esta prática de encontros foi mantida entre algumas famílias um período maior, conforme registra Colodel:

as pessoas procuravam reunir-se em encontros familiares, onde participavam os seus vizinhos mais próximos. Essas reuniões apresentavam a importância de abrir um espaço que possibilitava que essas famílias ficassem juntas durante algum tempo. Durante essas poucas horas procurava-se esquecer todas as dificuldades encontradas, ao mesmo tempo em que se recordavam os momentos mais felizes que haviam passado em suas comunidades de origem. A aventura da migração para as terras do oeste do Paraná era constantemente lembrada e a insatisfação com as condições materiais aqui existentes era superada por um imenso desejo de viver e de progredir. Esses colonos tinham em mente o fato do seu isolamento, que era o isolamento da própria região em relação a outros centros populacionais. Assim, as oportunidades que apareciam para que se acentuasse a aproximação dessas famílias eram aproveitadas imensamente³⁵.

Outro aspecto importante da atuação das companhias colonizadoras era a elaboração de relatórios e registros da ocupação das glebas por elas adquiridas e vendidas aos migrantes que vinham colonizá-las. Nos relatórios

³⁵ COLODEL, José Augusto. *Obrages & companhias colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960*. Santa Helena : 1988. p. 263.

era dado destaque aos nomes dos primeiros moradores, ao número da população já estabelecida na gleba e a estrutura de serviços, comercial e industrial que se caracterizava na área de colonização.

Os relatos feitos tinham dois fins bem definidos: Justificar as funções desenvolvidas pelos funcionários e administradores com o objetivo de mostrar bom desempenho aos acionistas envolvidos, sendo que a maioria com negócios localizados no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Outro objetivo dos relatórios era a produção de um material que subsidiasse a construção de discursos de divulgação e convencimento aos colonos das regiões coloniais, sendo eles possíveis compradores de lotes.

Entre as empresas colonizadoras merece destaque a forma como a Maripá organizou-se após a aquisição da Fazenda Britânia. Conforme descreve Gregory, os empreendedores do Rio Grande do Sul já tinham acumulado vasta experiência neste tipo de negócio nas fronteiras agrícolas.

Além da disponibilidade de capital, estes homens detinham uma consolidada rede de relações diretas com comerciantes, com padres, com pastores, com professores, com políticos da capital e do interior. Poderiam, com facilidade e quando conveniente, plantar notícias e reportagens em jornais, revistas e calendários dirigidos aos colonos.(...) Eram homens que sabiam ‘lidar’ com a questão colonial³⁶

É pertinente também destacar o bom relacionamento que os diretores da Maripá e de outras empresas estabeleceram com a Igreja Católica e com a

³⁶ GREGORY, Valdir. Op. cit. p. 124 e 125.

Luterana, sempre solícitos aos pedidos de doação de alguma área para construção de templos e capelas, inclusive oferecendo a estrutura de maquinário e madeiras para a viabilização das obras das igrejas.

A partir de alguns aspectos históricos, bem como da definição da problematização do trabalho, cabe a explicitação de como enfrentá-la. Primeiramente a discussão de alguns conceitos se coloca como imperativo. Já apontado anteriormente, o trabalho se afina na perspectiva da história cultural, onde a investigação de práticas permite identificar a construção de representações que compõem o campo do imaginário e as diversas interações do imaginário religioso junto aos sujeitos que estiveram presentes no tempo histórico e no espaço das relações em que a investigação se encontra delimitada.

Considerando os discursos empregados pelo clero católico, é possível perceber as representações por ele utilizadas, que vão dando sentido ao seu mundo religioso. É nas falas proferidas nos cultos que, de maneira privilegiada, o corpo de representações se evidencia com maior nitidez, fazendo com que ali o imaginário religioso seja abastecido e revigorado, conseguindo dar conta do corpo de representação constituído.

Trata-se de discursos que são construídos num momento em que a Igreja Católica estabelece uma estrutura organizacional no oeste do Paraná

através do surgimento da prelazia, seguida pela criação da primeira diocese e de várias paróquias, procurando dar conta de toda a territorialidade de abrangência da região. Este momento da presença da Igreja se contrapõe a um período anterior em que a ação da Igreja se apresentava de maneira menos efetiva devido a falta de quadros do clero e a sua atividade restringia-se basicamente a uma ação sacramentalista no espaço em questão.

Ao transparecer afinidades das populações migrantes com a Igreja Católica, estas se fundamentam na experiência em que grupos de imigrantes tinham no Rio Grande do Sul, onde a situação de isolamento e abandono do poder público ao chegarem àquele estado fez com que o catolicismo tivesse um papel fundamental no processo de organização da nova vida³⁷. No caso das colônias italianas no Rio Grande do Sul a presença do catolicismo colocava-se como força de nominação, esta herança também pode ser relacionada, em parte, com o processo de colonização do oeste do Paraná.

É pertinente caracterizar a presença católica no oeste paranaense num período em que a Igreja Católica, na esfera nacional, estava voltada para a construção de um sindicalismo católico, tentando disputar o espaço com o anarco-sindicalismo e com o Ministério do Trabalho, do governo Vargas, que

³⁷ Sobre este tema ver DE BONI, Luis Alberto. O catolicismo da imigração do triunfo à crise. In: DACANAL, José H., GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1980. Outra obra é de ISAIA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Edipucrs, 1998.

na década de 1930 instaurava um sindicalismo subordinado ao Estado. No período ditatorial do governo de Getúlio Vargas foram suprimidos os sindicatos, criando possibilidade de ação dos círculos operários católicos que ampliavam seu número de membros e se caracterizavam por sua atuação assistencial, religiosa e de cunho fortemente corporativista. Esta estrutura se manteve até 1945, quando o processo de redemocratização abriu espaço para os sindicatos – que por sua vez viriam a desaparecer na década de 1960-70³⁸.

No plano político, a Igreja, em nível nacional fundava em 1933, a Liga Eleitoral Católica (LEC)³⁹ que se compunha por uma ação de pressão com o objetivo de sufragar, pelos católicos, parlamentares de qualquer tendência ou partido, desde que comprometidos com o programa mínimo católico e dispostos a defenderem tanto na esfera do legislativo como na do executivo.

A partir da década de 1930, iniciada com o governo Vargas, a Igreja no Brasil se encontrava preparada para lançar-se à arena política do populismo. O cardeal dom Sebastião Leme, do Rio de Janeiro, preferia que, em todos os partidos políticos, os católicos apoiassem o projeto político da Igreja: o fim do caráter laicista do Estado, em particular no campo educacional, familiar, sindical. É neste contexto da Igreja no Brasil que se estabelece o processo de

³⁸ BEOZZO, José Oscar. A Igreja frente aos estados liberais: 1880-1930. In: DUSSEL, Enrique (org.). *Historia liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. Tr. R. Costa. São Paulo : Paulinas, 1992. p. 210.

³⁹ *Idem*, p. 211.

ocupação do oeste do Paraná, claramente relacionado com a ação nacionalista de Vargas.

A forma que assumiu a colonização no oeste paranaense provocou um redimensionamento do papel social assumido pela Igreja e a sua inter-relação com os colonos. A existência de capelas se constituiu num fenômeno bastante típico e intenso da imigração italiana e os descendentes desses imigrantes lograram prosseguir, mesmo migrando para outras regiões (como foi o caso do oeste do Paraná), na valorização da sua importância cultural e social dentro dos quadros constitutivos da comunidade⁴⁰. A capela, com o passar do tempo, não ficou restrita unicamente como espaço físico onde se realizavam os cultos regulamentares e seculares. Ela tornou-se o centro social da comunidade, um local de tomada de decisões, de reuniões, de festas, um espaço onde os colonos trocavam experiências vivenciais, rememoravam o passado, enfim, se aproximavam culturalmente. Esta situação registrada por Colodel remete à idéia de valorização da figura do padre, que exercia um papel central dentro da comunidade colonial. Esta configuração enaltece o sacerdote, o qual passa a assumir maior reconhecimento, o seu discurso obtém mais peso, sua aceitação torna-se mais ampla e a relação de subordinação dos fiéis mais fortalecida. O próprio Colodel lembra que

⁴⁰ COLODEL, José Augusto. *Obrages & companhias colonizadoras: Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960*. Santa Helena : 1988.

para os colonos não existia padre sem capela e nem capela sem a presença de um padre; as duas coisas eram impensáveis. O padre representava corporalmente a autoridade religiosa, a intermediação entre a fé terrena e o ‘reino dos céus’. Não era admissível para esses colonos que alguém pudesse viver sem passar pela ritualização expressa pela Igreja. A religião era indispensável para o prosseguimento de uma vida correta. Assim, para esses colonos, viver sem a presença de um padre e de uma capela tornava-se impensável⁴¹.

Na relação entre clero e fiéis, a valorização crescente da figura sacerdotal tornava-se evidenciável também pelos múltiplos papéis que o padre acabava exercendo. Como, por exemplo, a figura do padre José Winggen que atuou em Santa Helena no ano de 1930. Além de suas atividades estritamente religiosas, o padre Winggen propiciou outros tipos de benefícios para a comunidade, dando aulas para as crianças e executando o papel de médico em casos de enfermidades. No magistério, ele ensinava as primeiras letras, aritmética básica e ensino religioso.

Outro exemplo é a figura do padre Luiz Luíse, que atuou na região oeste do Paraná a partir do ano de 1952⁴². Entre maio daquele ano até a posse do primeiro prefeito de Cascavel, no dia 14 de dezembro, o padre fez o papel de prefeito e liderou, junto a outras pessoas, o movimento para a conquista de uma linha regular de aviação comercial, que foi obtida no ano seguinte. Num segundo momento em que esteve na região oeste, no distrito de Cafelândia d’Oeste, também participou de importantes conquistas comunitárias, criando a

⁴¹ Idem, Op. cit.

⁴² SPERANÇA, Alceu. Op. cit.

Cooperativa Agrícola Consolata e participando da implantação da segunda usina hidrelétrica da região, localizada naquele distrito.

Ações que extrapolavam o campo religioso, fazendo com que a figura do padre assumisse um papel de liderança, também foi uma característica do padre Antônio Patuí, que chegou na localidade de Toledo no dia 29 de julho de 1946⁴³. Por iniciativa dele foram medidos os lotes urbanos e serradas as madeiras para a construção das casas do povoado, que substituiriam as improvisadas barracas dos primeiros tempos. Deve-se a ele a construção da primeira escola do povoado de Toledo, que foi entregue aos cuidados das irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paula.

Se, por um lado, o constante espírito empreendedor por parte de vários padres contribuiu para a sua valorização social, por outro lado, nem todos os sacerdotes tinham estas iniciativas, e nem por isso deixaram de ser valorizados.

Entre os colonos, de modo geral, os padres tinham um papel social bastante destacado. Chegavam a gozar de um status que transcendia o das próprias lideranças da comunidade. A sua importância estava alicerçada num duplo aspecto: de um lado, estava a projeção através de sua educação superior, ou seja, era tido como uma pessoa de maiores estudos; por outro, sobrevinha o seu papel de guia espiritual da comunidade. Daí é que poderemos compreender o quanto era decisiva a sua participação nas decisões que eram tomadas pelos colonos. A sua opinião tinha um peso bastante grande e, muitas vezes,

⁴³ *Histórico da Diocese de Toledo, 1960-1985.* Cascavel : Assoeste, 1985.

*era imediatamente acatada por todos, que viam na sua argumentação um momento de lucidez*⁴⁴.

Neste contexto configurou-se um campo de representações, tornando mais evidenciável um imaginário social que criava uma situação de submissão dos fiéis ao clero religioso na região. Isso é perceptível, por exemplo, já no período da criação da Diocese de Toledo, no final da década de 1950, nos escritos do primeiro bispo da Diocese de Toledo. Um elemento recorrente nos discursos episcopais é a idéia de colaboração e submissão ao clero. Na primeira carta episcopal de dom Armando Cirio, estas recomendações já estão postas.

*Aos fiéis, indistinta e independentemente da posição social, declaramos que confiamos em vós e vos pedimos que acompanheis os espinhosos trabalhos dos vossos vigários e juntos promoveremos os interesses da glória de Deus na terra, o progresso e a honra da Igreja, a dilatação do reino de Jesus Cristo nas almas. Ao redor desse tríplice interesse deve estar vinculada toda a atividade de nossa vida. (...) Que as alegrias pascais (...) façam compreender os profundos anseios do vosso bispo diocesano, afim de trabalharmos em profícua, pacífica e frutuosa união e colaboração.*⁴⁵

A relação entre o clero e fiéis caracteriza-se por uma tendência de submissão por parte dos fiéis, embora, a partir da ação do clero haja uma reação que não seja necessariamente sempre de conformidade.

⁴⁴ COLODEL, José Augusto. Op. cit.

⁴⁵ Primeira carta episcopal escrita por dom Armando Cirio por ocasião da Festa da Páscoa, publicada no dia 30 de março de 1961. O bispo, ao enviar esta carta ao todos os padres da Diocese, mandava que a mesma fosse lida e explicada ao povo, durante a celebração da missa na Igreja Matriz da paróquia e em todas as capelas. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo-PR.

A utilização do “imaginário” enquanto categoria de análise não se reduz a uma forma singular. Várias são as abordagens onde historiadores, antropólogos e filósofos trouxeram suas contribuições. Parto do princípio de que o imaginário não se caracteriza como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada como a única “real”. Nesta perspectiva, B. Baczko afirma que o imaginário ocupa um papel fundamental na medida em que as ações são efetivamente guiadas pelas representações que existem a partir deste imaginário. Tais representações modelam comportamentos, mobilizam energia e legitimam a violência. Conforme Baczko, *“todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, de produzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar”*⁴⁶.

As representações dos católicos são reveladoras dos mecanismos que os mesmos utilizam, impondo - ou tentando impor - uma concepção do mundo social. A idéia de representações de Roger Chartier é apropriada para este estudo. *“A representação em relação ao mundo social permite o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade”*⁴⁷. Chartier afirma também que a noção de representação autoriza ainda a articular as práticas que visam a fazer

⁴⁶BACZKO, Bronislav. *Enciclopédia Einaudi, tomo 5 - Anthropos-homem*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. p. 309.

⁴⁷CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 1505-1520.

reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição. Como decorrência desta noção, é possível perceber que os católicos passam a identificar-se a partir de suas representações. E, por outro lado, não nos habilita a uma classificação dos grupos que estão falando, mas uma classificação a partir das suas próprias falas e discursos. Daí a necessidade de introjetar-se no cotidiano da comunidade católica e nele analisar suas falas e práticas.

Ao considerar como objeto de investigação a Igreja Católica, enquanto instituição religiosa, a concepção de Castoriadis parece-me pertinente ao relacionar as instituições ao campo simbólico. Segundo Castoriadis, *“as instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica”*⁴⁸. Nesta perspectiva, é possível afirmar que uma prática religiosa coletiva existe na medida em que se apropria de sistemas simbólicos sancionados pelo grupo social, que consiste no seu ritual e nos discursos que são proferidos pela elite religiosa, sendo que tanto um como outro não se caracterizam pelo emprego de um processo racional. Para Castoriadis, os ritos consistem em ligar a símbolos e a significados e

⁴⁸ CASTORIADIS, Cornelius. Op. cit.

fazê-los valer como tais, ou seja, a tornar esta ligação mais ou menos forçosa para a sociedade ou o grupo considerado. Daí a necessidade de a ação religiosa, no caso da Igreja Católica, estar revestida constantemente de um ritual próprio.

Ao abordar as relações entre o simbólico e o imaginário, Castoriadis afirma que

O imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘expressar-se’, o que é óbvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa a mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de ‘imagens’, mas estas ‘imagens’ lá estão como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica. Mas também, inversamente, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é. (...) Falaremos de um imaginário último ou radical, como raiz comum do imaginário efetivo e do simbólico. É finalmente a capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem⁴⁹.

Um problema que envolve o oeste e sudoeste do Estado do Paraná é a questão do campo motivada, segundo o governo estadual no período de 1962 a 1965, pela política de ocupação do território paranaense, estimulada nos governos de Bento e Lupion. Tal política passa a ser definida como prejudicial, não só pelo tipo de propriedade que gerou, mas também por ter deixado como ‘herança’ inúmeras irregularidades. Esta herança, tanto para Ney Braga como para Paulo Pimentel, foi o resultado de administrações

⁴⁹ Idem, ibidem.

equivocadas em alguns momentos e, possivelmente, até corruptas em outras, segundo discurso de Ney Braga.

Na conjuntura agrária do Paraná, o caminho que se vislumbra é o da via legal, ou seja, da legalização da situação das terras já ocupadas, localizadas no oeste e sudoeste, que se configuravam como regiões de maior conflito. A ação do governo é, portanto, a revisão de títulos expedidos pela administração anterior, procurando assegurar a posse definitiva da terra, “*ao (...) verdadeiro homem do campo, aquele que com seu trabalho persistente constrói a riqueza do Paraná*” (N. Braga 193, p. 69)⁵⁰.

A Igreja Católica, ora através do clero, ora através do bispo e, em ocasiões festivas e especiais, através da presença de vários bispos, ou de algum cardeal ou até mesmo do núncio apostólico, lançou mão de um cerimonial litúrgico preñado de simbolismos que evocavam à Igreja uma imagem que reportava à ação profética exposta no conteúdo vétero-testamentário, na medida em que discursos eram empregados na crítica de práticas sociais não condizentes com a doutrina católica.

O episcopado paranaense na ocasião em que se reuniu em Foz do Iguaçu para reunião anual e participação dos festejos dos cinco primeiros anos da Diocese de Toledo e dos 25 anos de ordenação sacerdotal de dom Armando

⁵⁰ BRAGA, Ney. Apud: IPARDES – Fundação Édison Vieira. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba, 1989.

Cirio, procurava atribuir para si, a tarefa de mediação entre o governo estadual e os pequenos proprietários para dar fim ao problema preocupante da terra. Cujas dupla titularidade das áreas agrícolas colocava em risco a posse da terra, agravada pela presença de pistoleiros que aterrorizavam os pequenos proprietários devido às circunstâncias apresentarem mais de um proprietário em várias áreas que se encontravam em litígio. A mediação entre a Igreja e o Estado ocorreu através de uma correspondência enviada pelo próprio episcopado ao senhor governador.

Um exemplo desta prática é a ação dos bispos que vão interceder junto às autoridades estaduais constituídas. Em carta enviada ao então governador Ney Braga, em 1964, fazem um apelo às autoridades estaduais para um pronto atendimento e solução dos problemas fundiários que atingiam um número considerável de pequenos proprietários e perante o que a Igreja se colocava como quem exigia uma solução e se prontificava a ajudar no que fosse preciso. A carta foi escrita na ocasião em que os bispos do Paraná se reuniram em Foz do Iguaçu. Na oportunidade, os bispos foram colocados a par da angustiante situação de conflitos agudos da região.

Senhor governador, vivamente preocupados pelo curso de determinados acontecimentos na região oeste e sentindo as súplicas e veementes apelos do rebanho, que nos é confiado, dirigimo-nos a V. Excia. no sentido de alertá-lo sobre a situação reinante no meio ambiente e que exige dos poderes públicos a tomada de providências (...).

Permita-nos, pois, Senhor Governador, que lhe exponhamos os graves problemas que nos afligem e nos preocupam sumamente em nossa Diocese de Toledo.(...) Urge que sejam anulados os títulos expedidos pela última administração estadual, por seus vícios e irregularidades. Urge que se dê ao colono a terra por ele adquirida e por ele trabalhada. Achamos justo que se defenda os direitos do bravo colono, herói anônimo na construção da grandeza da terra paranaense.

É indispensável que exista o empenho, sobretudo dos Poderes Públicos, para que, nos ambientes agrícolas - imperante no Oeste - 'se desenvolvam como convém, os serviços essenciais', elementos constitutivos dum nível de vida digno para o homem da lavoura (Mater et Magistra, 124). É necessário, outrossim, que se difunda a pequena propriedade, assegurando ao homem do interior a terra mediante a qual ele possa defender a sua vida e a dos seus(...)"⁵¹.

É uma posição de defesa dos pequenos agricultores, sendo que o episcopado, ao tomar esta postura diante do problema agrário que apresenta dupla titulação de propriedade em inúmeros casos, o faz numa perspectiva profética de denúncia litigiosa e aclamação de justiça junto ao governo estadual. Nesta mesma ocasião, os bispos fazem uma marcha no oeste, saindo de Foz do Iguaçu e percorrendo todas as paróquias mais estruturadas da diocese, até chegarem na Catedral de Toledo.

A ação da Igreja Católica em procurar posicionar-se em relação a situação conflitante que parte do setor agrário do oeste se encontrava, a partir de políticas mal conduzidas, construía uma situação propícia na elaboração de

⁵¹ Carta anexada ao artigo: Diocese de Toledo - Alguns acenos históricos feitos pelo padre Rafael Pivetta, em 1967. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

um imaginário que não estava pronto e acabado, mas que propiciava aos fiéis a representação de que a Igreja Católica era uma instituição protetora, zelosa e comprometida com a causa agrária. Elementos perceptíveis neste imaginário que é construído. Neste episódio não é possível visualizar uma ação de disputa de espaço nem com o governo, nem com outros possíveis organismos que poderiam tomar frente junto aos proprietários rurais. A Igreja estava construindo seu espaço através de uma ação que a elevasse numa condição de reconhecimento e valorização por parte dos pequenos proprietários rurais.

O imaginário católico construído a partir do discurso do clero, procurava evidenciar a Igreja enquanto uma instituição sintonizada com o problema agrário e posicionada em favor dos pequenos proprietários que sofriam com a incerteza e insegurança sobre a legítima propriedade das áreas em que se encontravam. O imaginário católico de valorização institucional da Igreja junto aos pequenos proprietários busca marcar sua posição frente à ação agrária do governo do Estado do Paraná. Este imaginário está respaldado pela doutrina social da Igreja, principalmente através da encíclica *Mater et Magistra* (1961) de João XXIII que obteve uma repercussão intensa no Brasil e sua pronta recepção por parte da Igreja. Esta encíclica abordava de maneira ampla e profunda um dos problemas que até então estava na sobra da doutrina social da Igreja, e que estava no centro do momento histórico brasileiro que

era a questão social no campo. Ao fazer frente à ação governista do Estado, a Igreja apontava também a preocupação pela mobilização no campo a partir de partidos de esquerda e fora do controle da própria Igreja. Esta era uma questão que caracterizava a situação nacional.

Em outros períodos e em situações diferentes, a Igreja no oeste do Paraná lança mão de uma imagem de ação triunfalista que alguns livros do Novo Testamento apresentam. Neste caso, os discursos utilizados situam-se numa perspectiva apologética, onde demonstram que a instituição da Igreja está predestinada a dar continuidade à ação de Jesus Cristo, exposta principalmente nos evangelhos e em algumas epístolas.

Esta postura pode ser exemplificada, na década seguinte, conforme a mensagem que dom Armando Cirio enviou a todos os fiéis por ocasião da festa do Natal em 1977, meses antes da separação da diocese de Toledo e criação de duas novas dioceses no oeste do Paraná. Na oportunidade, o bispo insistia na idéia de Igreja como redentora do mundo e que, embora sempre seja a mesma, permanece sempre atual. Utilizando-se do próprio discurso do papa Paulo VI, dom Armando cita, em sua carta, que

*a Igreja é que salvará o mundo, a Igreja é a mesma hoje, ontem e amanhã e que se encontra sempre guiada pelo Espírito Santo, (...) a força de se renovar, de se rejuvenescer, dando uma resposta nova às necessidades sempre atuais*⁵².

⁵² Mensagem do Natal de dom Armando Cirio. Natal de 1977, correspondência enviada a todas as paróquias da Diocese. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

Este discurso expressa uma representação recorrente da Igreja no oeste do Paraná que remete a idéia de uma instituição acima da dimensão temporal, que não se deixa “corroer” por ideologias mundanas que a podem tornar anacrônica. Trata-se do imaginário de uma instituição redentora e salvífica, que tenta ser construído a partir do discurso episcopal. Embora é importante observar que esse discurso é dum outro momento histórico, proferido em pelo período militar.

Para Lucian Boia⁵³, o imaginário é um produto do espírito. Enquanto atividade mental, ele se confunde com a realidade exterior e se confronta com ela. O imaginário exerce uma relação de mão dupla com o mundo, na medida em que age sobre o mundo e o mundo age sobre o imaginário. Mas, na sua essência, o imaginário constitui uma realidade independente, dispondo de suas próprias estruturas e de sua própria dinâmica. Lucian propõe a idéia de arquétipo como elemento constitutivo do imaginário. Para ele, a história do imaginário pode ser definida como a história dos arquétipos. E os arquétipos, por sua vez, são entendidos como uma constante ou uma tendência essencial do espírito humano. Eles são um esquema organizador, um molde, cuja matéria passa por modificações, mas os contornos permanecem. A idéia de permanência é o elemento central do conceito de arquétipo, o qual se

⁵³ BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris : Belles Lettres, 1999.

apresenta com uma roupagem de um elemento já dado, que antecede a construção do imaginário. Trata-se, portanto, de uma pré-condição da análise do imaginário, o que, numa primeira análise, parece destoar com a idéia de mudança e de processo.

Há uma relação pertinente da perspectiva dos arquétipos com o estudo do imaginário católico. Não há dúvida de que as práticas religiosas, seu corpo de representações, sua mística, seu ritual, foram historicamente construídos em espaços e tempos diferentes, e que este conjunto também sofre suas diferenciações e suas adaptações. Mas, ao tratar do imaginário religioso católico, reporta-se a uma magma de sentido, onde, paralelamente às mudanças, persistem as permanências, que oferecem um sentido inequívoco à idéia de “catolicidade”. O que é importante neste trabalho é perceber as mudanças e as permanências das práticas e representações católicas, que compõem o campo de representações religiosas que se constituem no oeste do Paraná.

A narrativa histórica que se propõe sobre a região oeste do Paraná constitui-se na busca de evidências, seja através das mudanças, seja através das permanências, que permita não reproduzir o passado, mas reconstruí-lo. O arsenal documental disponível coloca à nossa frente não o que aconteceu um dia, mas apresenta pedaços de um passado, que a narrativa se propõe a tornar

visíveis através de uma lógica que dê sentido à tal narrativa histórica. Vários traços permitem esboçar sinais do passado. A ação do historiador é elaborar, através da narrativa, uma ficção do passado⁵⁴, entendida não como algo fraudulento, nem como inventado, mas, sim, moldado e trabalhado a partir de elementos existentes.

A relação da narrativa com os documentos existentes permite a confecção de um texto que, no seu desenvolver-se, coloca as fontes em cheque, quando coletadas informações próximas e por vezes contraditórias. A narrativa é o instrumento onde a matéria bruta dos documentos passa por um processo de lapidação. Principalmente ao considerar as fontes provenientes de entrevistas orais, onde entram no cenário da produção a memória, as lembranças e os esquecimentos. Os cruzamentos de fontes são fundamentais quando, por exemplo, das relações feitas entre situações documentadas tanto pelo Estado como pela Igreja, pelo clero como pelos fiéis, pelos católicos e por aqueles não simpáticos ao catolicismo, pelos proprietários de terras colonizadas e pelos não proprietários, por aquilo que o bispo disse e por aqueles que viram uma suposta situação de uma outra perspectiva.

Um exemplo deste desafio metodológico é quanto à ação da Igreja diante das várias frentes colonizadoras que compuseram a região. Através de

⁵⁴ POMIAN, Krzysztof. Histoire et fiction. *Le Débat*, mars/avril. 1989, n° 54.

entrevista oral, o bispo cita que a convivência era pacífica e que, em várias ocasiões, ele teria registrado um fervor católico mais intenso entre os colonos vindos da frente nortista⁵⁵ de colonização do que dos que procediam da frente sulista.

*Embora tenha vindo da Itália, no Brasil o meu primeiro trabalho foi em São Paulo. Depois fui trabalhar no norte paranaense e em seguida tornei-me bispo. Por ter tido a experiência em trabalhar em Apucarana (norte do Estado), não foi difícil para mim atuar como bispo numa região onde se registrava a presença de pessoas vindas do norte. Em alguns casos era mais fácil do que trabalhar com os que vieram do sul.*⁵⁶

Esta afirmação é procedente, mas não deixa de camuflar uma outra situação, a de que a Igreja não tivera problemas nem preferência com nenhum grupo colonizador. Esta leitura é contrária, por exemplo, ao discurso de despedida de um padre quando, após um período breve de instalação do processo de criação de paróquia numa comunidade onde a maioria dos moradores procedia da frente nortista, teria dito, no final da celebração religiosa na qual se despedia: “*Desta comunidade saio, e afirmo que não deixarei saudades, bem como não levarei saudades*”⁵⁷. Tal situação não põe por terra a afirmação inicial do bispo, porém abre uma outra possibilidade de análise e interpretação das relações entre Igreja e grupos étnicos.

⁵⁵ A frente nortista de colonização também é conhecida como frente cafeeira.

⁵⁶ Afirmação de dom Armando Cirio durante entrevista realizada em agosto de 2001.

⁵⁷ Entrevista oral feita com um padre da diocese de Cascavel em novembro de 2000. Arquivo do Autor.

No processo de colonização e posterior período de urbanização, onde as frentes de colonização já se apresentavam de certa forma consolidadas, é pertinente considerar a importância da condição étnica entre os colonos. A presença de identidades étnicas merece ser considerada por se tratar de um espaço inter-étnico, sendo que, na confrontação das frentes de colonização, as relações inter-étnicas acontecem no cotidiano, onde vários aspectos são observáveis.

Algumas companhias colonizadoras, como a Maripá, utilizavam-se da questão étnica como elemento da política de colonização, dando preferência aos colonos da etnia alemã e italiana. O critério seletivo da Maripá demonstrava o desejo de estabelecer uma homogeneidade populacional na área da colonização. Nos primeiros anos da colonização, em que a colonizadora era dirigida por Alfredo Ruaro, os migrantes eram na sua maioria de origem italiana. Na medida em que Willy Barth assumiu a direção da empresa, o fluxo de migrantes de origem alemã era maior. Para o historiador Ruy Wachowicz, Willy Barth empreendeu uma política etno-cultural que

... alterou a política inicial seguida por Ruaro e que se reflete na composição étnica e religiosa apresentada até hoje por Toledo. A nova política não misturava, no mesmo local, descendentes de italianos e alemães, católicos e protestantes. As comunidades deveriam aglutinar pessoas da mesma origem étnica e religiosa. Elas deveriam conviver pacificamente, com respeito mútuo, porém viver isoladamente⁵⁸.

⁵⁸ WACHWICZ, Ruy C. Op. cit. p. 179.

A escolha de um tipo específico de mão-de-obra, com características culturais comuns, pressupõe a exclusão de outros. Diante do confronto étnico, relações de aproximações e de rejeições são construídas a partir de discursos onde cada etnia procura representar-se.

Os colonos de origem italiana, quando questionados sobre o que pensam dos colonos de origem germânica, respondem que os alemães são caprichosos, querendo dizer com isso que se esforçam para fazer as coisas corretamente, produzindo artigo com habilidade e orgulho da manufatura. Consideram também os alemães quietos e taciturnos. Os alemães, por sua vez, dizem que os italianos são bons trabalhadores, mas negligenciam a qualidade em favor da quantidade e falam demais. Essas apreciações são um tanto estereotipadas, mas nada indica que não haja boas relações entre eles⁵⁹.

Já em relação aos migrantes da frente nortista registram-se atitudes preconceituosas, uma vez que, na ótica das companhias colonizadoras, a preferência por colonos era pelos que provinham dos Estados do sul, dando forte conotação ao “bairrismo gaúcho”. Segundo Wachowicz, no caso da Maripá, foram excluídos três tipos de elementos humanos:

*O colono, também descendente de europeus, que avançava em direção ao oeste pela linha sul paranaense. Em sua grande parte, era formado de descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos;
O caboclo paranaense, filho tradicional dos sertões brasileiros, que também se encontrava na região em número nada desprezível;
O pêlo duro, nortista, que representava a frente cafeeira, que estava ocupando todo o norte do Paraná⁶⁰.*

⁵⁹ OBERG, Kalervo et JABINE, Thomas. *Toledo: um município da fronteira oeste do Paraná*. Rio de Janeiro: USOM, 1960. p. 51.

⁶⁰ Wachowicz, Ruy C. Op. cit. p. 174.

Nesta política seletiva de migrantes desenvolvida pela Maripá, ações preconceituosas em relação a migrantes de outras frentes eram muito claras. Segundo Oberg e Jabine, a presença do caboclo só seria admitida na região como fonte de trabalho braçal barato.

Mas como essa tarefa passou a ser executada por paraguaios refugiados no Brasil, sua presença na região passou a ser desnecessária. O pêlo duro, nortista, foi afastado da colonização, porque não entendia do tipo de agricultura praticado pelo sulista. Estava acostumado com a agricultura cafeeira, tropical. Pouco entendia da agricultura temperada de subsistência, praticada no sul. Pelo menos em linhas gerais, esses foram os argumentos apresentados pelos dirigentes, a fim de justificar a exclusão desses elementos da colonização no interior da fazenda Britânia (Maripá).⁶¹

Em outros momentos se percebe que a propaganda da colonizadora não se fazia de forma extensiva, segundo seus mentores, isso evitaria “atrair indivíduos aventureiros e parasitas”. “*Seria bom retardar o máximo possível a penetração desses elementos pra dentro de um setor novo e são*”.⁶² A posição da empresa colonizadora era a de que o desenvolvimento econômico e cultural somente seria possível com a presença de “homens sãos”.

A idéia de etnicidade aqui expressa remonta à leitura weberiana de que, entre os grupos com contrastes na forma de vida evidenciáveis e que formam grupos estranhos num período anterior ao processo de migração, não

⁶¹ OBERG, Kalervo et JABINE, Thomas. Op. cit.

⁶² WENDEPAP, Tereza. Distrito de Novo Sarandi. Relato. In: *Com licença, somos distritos de Toledo*. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1987. p. 31.

possuindo relações de vizinhança e se adaptando a condições heterogêneas, acaba despertada a idéia do *sangue estranho* do outro⁶³.

1.2. Presença da Igreja junto aos colonos

Ao considerar as fontes históricas relativas ao papel da Igreja junto aos colonizadores, é pertinente considerar a dúvida acerca das informações, a qual toma ares metódicos e a desconfiança passa a ser uma estratégia de tomar os documentos não naquilo que afirmam categoricamente, mas naquilo que eles dizem de forma sutil, naquilo que poderiam dizer e naquilo que eles não dizem.

Ao ter o imaginário católico como objeto de investigação, é necessário o cuidado em não avaliar o passado histórico num plano de unanimidade da recepção dos discursos e das práticas feitas pelo clero, seja no âmbito litúrgico, ou pastoral, ou social. E aqui se impõe um desafio metodológico, que exige sensibilidade e atenção de quem se propõe a investigar, uma vez que as fontes documentais mais acessíveis são provenientes dos arquivos paroquiais⁶⁴. As pessoas simpáticas às causas da Igreja são citadas, as que não são simpáticas, são criticadas por suas posturas, mas sequer são identificadas

⁶³ WEBER, Max. *Economia e sociedade*. 3ª ed. Brasília : Editora da UnB, 1994.

⁶⁴ Ao comentar sobre os arquivos paroquiais, estou me referindo principalmente aos livros-tombo localizados nas paróquias.

nos registros paroquiais. Tais registros, enquanto documentos brutos, não deveriam ser diferentes, uma vez que a intenção, dentro do contexto em que foram produzidos, respondia ao objetivo de mostrar a posição do clero, ou de um determinado padre, sendo ele próprio, na maioria das vezes, o autor dos registros.

O exercício em perceber a construção do imaginário exige estabelecer relações sutis entre as práticas sociais que exprimem o imaginário religioso, todavia é um exercício possível. A complexidade se estabelece de forma mais ampla quando da necessidade de perceber quais representações possuíam as pessoas, no caso das que não eram simpáticas a certas ações da Igreja, pois que não deixaram traços e nem discursos delas próprias registrados.

No processo de construção do imaginário católico, a Igreja utiliza-se, de forma recorrente, da figura do inimigo, a qual pode ser construída a partir de situações, pessoas e instituições. Uma situação que serve de exemplo é o que foi registrado no livro-tombo da Paróquia Santo Antônio.

Pelo fim do mês de novembro começaram surgir problemas, os quais não esperava, porém que pertencem à característica de Cascavel. O meu antecessor padre José Arz (SVD) que voltou das férias da Alemanha, e passou uns dias aqui, me disse: ‘cuidado! Cascavel é uma cobra, a qual é venenosa. Ela abre sua boca justamente em frente da sua igreja, pois, em frente da igreja abriam-se duas grandes avenidas, cada uma de 60 metros de largura, a Avenida Brasil e a Avenida Foz do Iguaçu’⁶⁵.

⁶⁵ Livro-tombo da Paróquia Santo Antônio, página 32, registrado pelo então vigário paroquial, padre André Bernhardt, em 1966. O documento encontra-se na secretaria paroquial da paróquia citada.

O episódio da referência à serpente, que biblicamente está relacionada ao mal, ou se coloca como representação demoníaca, aponta para alguns impasses, onde o padre enfrentou situações de hostilidade por parte de membros da sociedade cascavelense, e diante deles se colocava como vítima, como uma presa diante da inevitável ofensiva do ofídio. Um aspecto curioso é a representação usada em relação aos problemas surgidos e registrados pelo padre, os quais são caracterizados como investidas da serpente. Trata-se do esforço por parte do padre em construir a imagem do inimigo, que aqui apresenta através de divergências relacionadas ao patrimônio da paróquia.

No texto estão registradas quatro tentativas de “picadas”. Nos casos relacionados pelo padre, nenhum diz respeito às práticas litúrgicas nem pastorais. Todas elas se configuram como incidentes no campo administrativo. Um, relacionado com um empresário do ramo hoteleiro, que queria construir seu empreendimento em área que pertencia à paróquia. Outro, com um “antigo e famigerado secretário da Prefeitura⁶⁶”, que não atendia às reivindicações do padre em relação à definição das propriedades urbanas pertencentes à paróquia. Um terceiro incidente é com um advogado que ofereceu denúncia à promotoria pública de ação lesiva por parte da

⁶⁶ Livro-tombo da Paróquia Santo Antônio de Cascavel-PR.

administração do executivo municipal por ter realizado desapropriação e posterior doação de área para a Cúria Diocesana de Toledo⁶⁷.

Em cada uma das situações em que os indivíduos foram criticados não se sabem as razões próprias de suas atitudes. Em cada caso é possível perceber a situação dos indivíduos através de uma via indireta. Ou seja, ler as ações dos agentes através de quem anuncia. As questões levantadas pelo padre são todas elas relacionadas à definição do reconhecimento de pertencimento de imóveis urbanos localizados próximos à Igreja e que, por modificação do plano viário da cidade (abertura de avenidas), algumas áreas ficaram em litígio. De um lado, o vigário defendendo que as áreas eram de pertencimento da Igreja, e outros achando que não, ou que não se deveria empregar dinheiro público em desapropriações para beneficiar a Igreja. Além do interesse pela valorização imobiliária dos terrenos, estava por trás uma questão que perpassa a crise entre o Estado liberal e a Igreja. Ou seja, a não ingerência da Igreja em assuntos restritos à administração pública. No caso, a Igreja não aceitava uma simples desapropriação. Exigia a permuta com outras áreas próximas donde o templo estava edificado.

Este episódio aponta para o estabelecimento de uma relação entre Igreja e o poder público em nível municipal não caracterizado por laços de

⁶⁷ Do quarto caso, que o padre relaciona à quarta picada, os registros não são suficientemente claros.

aproximação. Este quadro de relacionamento assinala para uma disputa no campo do poder onde se busca o reconhecimento institucional da Igreja, criando-se um contexto de certa hostilidade. Não se trata apenas de uma questão de definição de propriedades. Está se expressando uma situação de reconhecimento de autoridade, reportando-se a um período imediatamente anterior, onde os poderes públicos convergiam para o fortalecimento da Igreja e que num momento essa convergência não é mais registrada pelo poder municipal, repercutindo no estabelecimento de uma construção negativa do município, expressa pelo discurso do padre. O episódio é um exemplo pertinente para demonstrar o processo de construção de uma representação do poder público municipal.

Ver a questão por uma via indireta significa encontrar indícios que permitam perceber os interesses e argumentos utilizados pelos indivíduos, caracterizados, pela crítica eclesiástica, como sendo coadjuvantes do bote da serpente. Apenas defendiam posições contrárias às do padre, o que não nos permite vê-los como indivíduos portadores de interesses negativos ou maldosos por suas ações. Somente divergiram da posição do padre, o qual constrói uma imagem de hostilidade para com a Igreja, imagem de estar sendo constantemente atacada por atitudes supostamente “rasteiras”.

Outro aspecto que reporta ao uso da via indireta para perceber como se configuravam as ações e respectivas representações das pessoas contrárias às outras tantas e possíveis posições do clero é quanto à localização dos indivíduos e definição de suas divergências. As fontes documentais registram inúmeros nomes de pessoas ligadas à Igreja. Sejam os que subscreveram a ata de organização de comissão para solicitar a presença de um sacerdote para a freguesia de Nossa Senhora Aparecida, do então distrito de Cascavel, município de Foz do Iguassú (sic.). Sejam os que assinaram a ata de instalação da paróquia de Santo Antônio. Sejam os nomes que compuseram as primeiras diretorias paroquiais, que tinham a função de organizar festas e promoções com o objetivo de construir igreja, casa canônica, salão de festas e outros empreendimentos. Os nomes de possíveis opositores não aparecem. Diante desta configuração é possível, através de entrevistas orais com pessoas cujos nomes configuram dos documentos acima citados, questioná-los sobre possíveis situações de divergências entre indivíduos ou grupos com a Igreja local. Através desta via inversa é possível detectar e localizar os “inimigos” da Igreja e perceber, nas falas, que razões teriam levado a se posicionarem de forma divergente da instituição religiosa. Trata-se de um trabalho de investigação que levanta alguns indícios, através dos quais uma teia histórica pode ser produzida, analisando um imaginário católico sendo construído e a

resistência a este imaginário através de outras representações que foram sendo forjadas e elaboradas durante o período, permitindo descortinar uma possível batalha travada no campo das representações sociais. Se esta batalha não tivesse sido travada, não saberia responder por quais razões o sacerdote teria lançado mão de uma imagem tão negativa de Cascavel, ao seu sucessor, como sendo a igreja uma frágil vítima de uma serpente pronta para abocanhá-la. Na representação geográfica construída pelo padre, é importante manter a dúvida e o questionamento: Foi a Igreja que se colocou no caminho da serpente ou a serpente se colocou no caminho onde o templo estava construído. Não se trata de ajuizar posições, o que cairia num suposto diletantismo. O que a construção desta cena sugere é perceber as ações, argumentos, representações e imaginários que deram sustentação para ambas as partes.

Outra demonstração da construção do inimigo está relacionada às demais religiões existentes na região, onde a disputa pela permanência dos fiéis possibilita um combate que se expressa de forma áspera, atribuindo às outras denominações religiosas uma caracterização muito negativa. Isso pode ser observado em relação à Igreja Luterana, através da fórmula de abjuração e profissão de fé feita por um jovem, na localidade de Laranjeiras do Sul no ano de 1963, em plena realização do Concílio Vaticano II em Roma.

Eu, V.B., (...) de joelhos diante de vós, reverendo senhor delegado especial e tocando com minha mão o santo evangelho, professo aceitar firmemente e crer que ninguém poderá alcançar a salvação eterna, sem que com toda a sinceridade creia e aceite tudo o que crê e ensina a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, contra a qual Igreja de Jesus Cristo pesa-me do íntimo da alma haver gravemente errado, **porque aderi aos erros da seita luterana e os professei.***

*Agora, porém, pela graça de Deus, de todo o coração, contrito e arrependido de haver pertencido à mencionada **seita herética**, sinceramente a detesto e abjuro, bem como com o mesmo sentimento **detesto e amaldição todos os outros erros e seitas contrárias e opostas à Santa Igreja Católica Apostólica Romana**⁶⁸ (grifos do autor).*

O documento acima não é produzido pelo fiel supostamente arrependido. Ele apenas assinou o texto já previamente redigido pelo padre da localidade, que, em seguida, enviara ao bispo diocesano solicitando a este a permissão ao vigário paroquial em ouvir a profissão de fé católica do arrependido, bem como proceder à absolvição das censuras em que tivesse incorrido.

A maneira como é enaltecida a Igreja Católica e desconsiderada a Igreja Protestante demonstra claramente a construção de outro inimigo, o qual era combatido por sacerdotes católicos, não demonstrando nenhum esforço de diálogo ecumênico, o que, aliás, será uma das recomendações conciliares.

Dar visibilidade aos que tomaram posturas contrárias à Igreja é uma tarefa de risco na medida em que a via indireta permite, com facilidade, levar

* Por se tratar de documento guardado sob sigilo, optei em não tornar público o nome da pessoa que realizou a abjuração.

⁶⁸ Arquivo da Cúria Diocesana da Diocese de Toledo-PR.

a conclusões que podem não ser procedentes. Trata-se de um exercício de ler o que não está escrito, mas que se esconde nas entrelinhas de quem fala. Os elementos que permitem a visualização são retirados das falas de quem os (des)classificou, dentro da óptica da comunidade católica, da paróquia, ou do padre. Os elementos de visualidade necessitam submeter-se a um processo de desconstrução da lógica de quem produziu os discursos, para, a partir daí, tomá-los como indícios que poderão ser utilizados na construção do “outro” que os documentos eclesiais condenam, mas não mostram, criticam, mas não os apresentam. É uma busca de um outro campo de representações não demonstrável, mas combatido por quem se identifica com o campo das representações católicas. Este último é mais acessível de ser identificado, uma vez que o exercício de identificação se dá duma forma direta, através da análise de documentos acessíveis.

Nesta última perspectiva, a título de exemplificação, é pertinente reportar-se ao contexto da colonização, onde se observa que em alguns discursos do clero, padres e bispo, reforçava-se a prática econômica baseada na pequena produção dos colonizadores. As cartas episcopais de dom Armando Círio frisam o aspecto do trabalho, a valorização da abnegação e do esforço dos que se dedicaram ao árduo trabalho de fazer a terra produzir e retirar dela seu sustento.

*Proclamamos (...) o melhor louvor aos pioneiros, aos desbravadores das matas agrestes, aos construtores das cidades, aos homens e mulheres, que anonimamente, edificaram a grandeza da região, mercê do suor do sacrifício do desconforto, da falta de recursos e, muitas vezes, das lágrimas da desesperança*⁶⁹.

Ao apresentar alguns subsídios às paróquias, dom Armando destaca que a região é privilegiada e, entre as várias razões que enumera, enfatiza “*principalmente o elemento humano trabalhador, sadio e religioso*”⁷⁰.

É o poder de um discurso religioso que “nomizava”⁷¹, fortalecendo a catolicidade da região, que passa a ser um elemento importante na construção cultural de uma idéia de trabalho da época, ainda hoje muito expressa na região. Estes discursos estão transpassados pela idéia da valorização do trabalho, não pelo gozo da riqueza que dele advém, mas pela necessidade de trabalhar para o progresso e desenvolvimento da região. Em nenhum momento, as cartas apresentam o mérito do trabalho de forma individual e de enriquecimento pessoal, mas sempre numa perspectiva coletiva. Não é o indivíduo que cresce, é a comunidade que avança e, neste sentido, é possível perceber a valorização da ascense⁷² pelo trabalho, onde no labor dos primeiros

⁶⁹ Carta apostólica de dom Armando Círio - 1969 - Arquivo: Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

⁷⁰ Subsídio para pregação sobre a “Diocese – Família de Deus”, produzida pelo bispo dom Armando em colaboração com Conselho Pastoral Diocesano, Toledo, 1970.

⁷¹ Ver nota de rodapé nº 7.

⁷² WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; T.J.M.K. Szmrecsányi. 5. ed. São Paulo : Pioneira, 1987.

colonos é assunto do discurso religioso para firmar a continuidade desse trabalho e desenvolvimento da região.

O discurso voltado à valorização do trabalho, que define e valoriza a dimensão identitária dos colonos, é um aspecto muito presente e constante no período da colonização. Através do enaltecimento da figura do pioneiro, a Igreja intervém num processo de construção identitária. A figura do pioneiro que desbravou com muito suor e sacrifício as matas do oeste paranaense acaba exercendo um papel de localização histórica do colono. O colono que ainda continua trabalhando a terra tem, nos pioneiros, sua fonte inspiradora de labuta, esforço e dedicação à terra. O pioneiro desbravador foi o agente da história, que merece ser admirado, valorizado e até mesmo imitado no que tange à superação dos desafios que se colocam na lida da terra.

Neste trabalho, a história oral é tomada de uma importância quase singular, no levantamento de fontes. É através dela que a via indireta se torna possível, uma vez que a estratégia é ler o “outro” através de quem o anuncia. É por intermédio da oralidade que informações são obtidas e posteriormente lapidadas para decodificar o campo de representações que se construiu. Mas também é pela oralidade que a via direta, em perceber as representações de quem se auto-anuncia, torna-se perceptível.

As relações estabelecidas entre o clero da Igreja Católica e os colonos vindos dos Estados sulistas para a região oeste do Paraná mostram, entre outros, dois aspectos que chamam a atenção para uma investigação histórica da construção discursiva da instituição religiosa - o aspecto de se colocar como instrumento necessário para prover os colonos dos “bens espirituais”, e o de construir, desta forma, uma espécie de auto-afirmação de sua importância naquele espaço geográfico, fortalecendo assim a catolicidade da região.

Como segundo aspecto, ocorre a construção da imagem do colono, na ótica da Igreja, enquanto indivíduos com características voltadas para o espírito comunitário e a abnegação ao trabalho. Neste contexto, é importante observar as formas de ação e articulação da Igreja Católica no sentido de prover aos colonos uma certa assistência mostrando-se, em algumas ocasiões, como responsável em resolver certos impasses relacionados a aspectos litigiosos da terra, ou mesmo na articulação dos agricultores com o objetivo de promover o homem do meio rural, como ocorreu, por exemplo, na Campanha de Educação e Promoção Rural, no ano de 1970, promovida com a participação da Igreja, onde se destacava a necessidade de organização, a exemplo de outras classes que estão organizadas.

Sozinho, isolado, desapareces e ninguém te respeita. Todos te exploram porque não sabes fazer valer o teu direito, não tens a força de que

*necessitas. É por isso que te convocamos para a união e organização da tua classe*⁷³.

Em várias ocasiões registram-se manifestações por parte do episcopado e clero católico visando à valorização, reconhecimento e apoio aos colonos, pequenos proprietários, construindo uma imagem de uma instituição que protege e defende esta parcela da sociedade. Na ocasião da passagem do 10º aniversário da Diocese de Toledo, o bispo escrevia a seguinte mensagem:

Volvemos em modo particular as nossas preocupações para os homens que vivem na lavoura, que é a quase totalidade da população da nossa Diocese, comungando de seus justos anseios e sofrendo com eles em suas legítimas apreensões.

O homem da terra reclama para si e para os seus familiares uma vida digna, que só será obtida pela libertação da ignorância, da miséria e da incerteza.

*O agricultor é a classe obreira que menos reivindica para si. Quando muito, o nosso colono pede paz e tranqüilidade para trabalhar, o justo preço do que produz e a solução dos litígios das terras, cuja temática foi e ainda é motivo de delicada gravidade nesta nossa região*⁷⁴.

Em outras situações, a Igreja se colocava como instituição mestra, posicionando-se como guia e redentora dos colonos, desde que acatadas as suas orientações.

Tão logo que as primeiras famílias se instalaram na região, a Igreja Católica começou a colocar em prática uma série de atividades visando

⁷³ Texto do panfleto de convocação dos agricultores da Campanha de Educação e Promoção Rural, que teve na Diocese de Toledo um número significativo de voluntários, além de um padre e uma religiosa liberados para atuarem no movimento, com amplo apoio da Igreja Católica.

⁷⁴ Texto comemorativo do décimo ano de instalação da Diocese de Toledo, escrito pelo bispo dom Armando Cirio em colaboração com o Conselho Pastoral Diocesano, no ano de 1969. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo.

oferecer o atendimento espiritual a quem aqui se encontrava. Porém, como a área de ocupação era nova, registrava-se uma grande precariedade da ação da Igreja, tendo em vista a falta de estrutura humana e condições administrativas.

Segundo anotações paroquiais de Foz do Iguaçu, registra-se que

*Desde 1907, pois os padres do Verbo Divino vinham de Guarapuava, a fim de atender aos interesses espirituais desta próspera colônia. Porém sendo separada da sede da Paróquia por um imenso sertão, não foi possível visitá-la mais do que uma vez por ano.*⁷⁵

Duas décadas depois, no ano de 1926, registrou-se o processo de institucionalização da Igreja no Oeste do Paraná e Foz do Iguaçu passou a ser sede de uma prelazia, sendo, mais tarde, em 1946, transferida para Laranjeiras do Sul. Neste período registra-se uma trajetória histórica da Igreja no Brasil que parte do período do estado populista brasileiro de 1930, já considerado anteriormente, ocasião em que a Igreja Católica no Brasil se encontra preparada para lançar-se à arena política do populismo. Liderada pelo cardeal dom Sebastião Leme, com o triunfo da revolução de 1930, a Igreja articula a demonstração ao governo da importância massiva da própria Igreja através de manifestações multitudinárias em honra de Nossa Senhora Aparecida e do Cristo Redentor do Corcovado (1931). Neste período a Igreja, através da Liga Eleitoral Católica (LEC) busca impor no programa dos partidos políticos as reivindicações da Igreja, caracterizando o manejo político da Igreja no

⁷⁵ Informações retiradas do Livro-tombo I da Paróquia São João Batista (Catedral), de Foz do Iguaçu- PR, página 3.

contexto populista de Vargas caracterizada pela ação do episcopado contra o comunismo (1937). Este momento marca o fim de uma fase histórica, com o surgimento do Estado Novo (1937). A partir daí a Igreja perde as prerrogativas do período anterior e busca-se a unidade da instituição para a precária fase que se iniciava⁷⁶.

A Igreja, durante o regime populista atravessou duas fases. A primeira de 1930 a 1945, claramente populista no campo político e econômico. Neste período o Brasil junto com outros países latino-americanos (Argentina e Chile) dão passos importantes. A Igreja recupera o poder perdido durante o período de “perseguições” liberais.

Outra fase (de 1945 a 1959) a Igreja apóia os populismos num primeiro momento com um “anticomunismo” próprio da “guerra fria”, para depois – a partir da década de 1950 – começar a tomar distância com respeito aos governos populistas, para não ser derrotada na queda deles⁷⁷.

No Brasil, a Igreja atravessava anos de otimismo. A ação católica expandia-se e consolidava o peso e a influência do laicato organizado na vida da Igreja no Brasil. Esta abriu-se mais para o social, com iniciativas pioneiras no campo da educação popular, da sindicalização rural e do acercamento à classe operária, com o crescimento da Juventude Operária Católica (JOC), a

⁷⁶ DUSSEL, Enrique. A Igreja nos regimes populistas (1930-1959). In: DUSSEL, Enrique (org.). *Historia liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. Tr. R. Costa. São Paulo : Paulinas, 1992. p.229.

⁷⁷ Idem, *ibidem*.

fundação da Ação Católica Operária (ACO), trazendo uma perspectiva distinta dos Círculos Operários Católicos, que vinham duma tradição corporativista, datada dos anos de 1930⁷⁸.

A década de 1950 é marcada ainda pela criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fundada em 1952 que marca profundamente a atuação da Igreja no Brasil⁷⁹. Em 1959, é criada a primeira diocese do Oeste do Paraná com sede em Toledo, o que não representou o fim das precariedades da Igreja. Quando da instalação da Diocese havia apenas dois padres seculares, oriundos do Rio Grande do Sul. Daí que uma das atividades emergenciais do primeiro bispo, dom Armando Cirio, foi a busca, junto aos provinciais de congregações religiosas, de padres para atender todo o território oeste e fundação de inúmeras paróquias.

A década de 1960, marcada pelo golpe militar de 1964, é caracterizada na Igreja do Brasil por três fases⁸⁰. A primeira até 1964 expressa um era carismática da CNBB. Nesta fase a Ação Católica vai radicalizando e assumindo posições classistas e políticas. A Igreja deixou de precisar sua aliança com o Estado para realizar uma função na sociedade civil, embora seja

⁷⁸ Sobre esse assunto ver BEOZZO José Oscar (org.) A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II. Tr. J. R. Costa. São Paulo : Paulinas, 1993.

⁷⁹ Sobre este período ver BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis : Vozes. p.1993.

⁸⁰ DUSSEL, Enrique. A Igreja ante a renovação do Concílio e de Medellín (1959-1972). In: DUSSEL, Enrique (org.). Historia liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina. Tr. R. Costa. São Paulo : Paulinas, 1992. p. 253-254.

uma ação desenvolvimentista. A segunda fase (1964-1968), marcada pelo golpe militar, é de retrocesso a posições já superadas. Período em que se registra a perseguição aos membros da Ação Católica, da Juventude Operária Católica e da Ação Popular. Período em que muitos líderes são presos ou partem para o exílio. Começa o regime da Segurança Nacional, que se conheceria anos depois em toda a América Latina. A terceira fase (1968-1973) começa com a escolha do secretário geral da CNBB do bispo Aloísio Lorscheider, que apresenta de imediato uma grande capacidade organizativa e vontade de mudança.

No âmbito regional do Oeste do Paraná, a Igreja se esforça na definição do espaço diocesano, através da criação de inúmeras paróquias em toda a territorialidade da Diocese. Este aspecto parece se destacar, dada a ênfase de dom Armando nos empreendimentos de construção de paróquias.

A segunda década (1970, n. do a.), diante de uma população numericamente alta, e as cidades começando a tomar maiores expressões, tivemos como preocupação a estruturação das paróquias. Era necessário que cada paróquia tivesse sua igreja e casa paroquial. Em 1972 chegamos a ter 37 igrejas matrizes em construção⁸¹.

A estruturação da Igreja Católica contou com uma série de atividades e planos pastorais sendo a cada momento revistos, pensados e executados, procurando marcar presença entre a população oestina, de maneira que

⁸¹Entrevista concedida por dom Armando Círio, Revista Catedral, nº 60, set./1993.

pudesse garantir sua predominância. É o que se pode perceber na carta comemorativa da primeira década da Diocese de Toledo, que dom Armando enviou para todo o clero da Diocese:

O décimo aniversário de instalação da Diocese de Toledo marca, de maneira inconfundível, o fim de um período experimental ou de soluções improvisadas, onde se buscaram respostas para inconfundíveis problemas, de organização ou de administração, tão comuns nas neo-dioceses. É tempo de dar início a uma outra etapa na sistemática da Diocese, de encetar um novo ritmo de atividades, de traçar novas metas, de estudar novas formas de vida e de trabalho, de continuar renovando as instituições e estruturas, de revitalizar a prática dos sacramentos, enfim de renovar, na mais estrita obediência aos ensinamentos preconizados pelo Concílio Ecumênico⁸².

Tratava-se de um discurso renovador bem enquadrado no espírito do Concílio Vaticano II, que reformava internamente a Igreja Católica, provocando avanços e resistências por parte dos católicos.

Outra ação importante da Igreja na região oeste, que foi tomada com vistas à articulação da sua predominância, foi a criação de duas outras dioceses, em 1978, sendo as de Cascavel e Foz do Iguaçu, elevando a Diocese de Cascavel, um ano e cinco meses depois, à categoria de Sede Metropolitana, passando a ser Arquidiocese. A separação e criação de duas novas dioceses foram assim anunciadas por dom Armando em 1977:

Está, portanto, a delinear-se um novo período eclesial na nossa região donde hão de vir grandes benefícios espirituais e pastorais. Preparemo-

⁸²Carta apostólica de dom Armando Círio - 1969 - Arquivo: Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

*nos para viver os grandes e históricos acontecimentos. Os novos bispos farão com que a Igreja esteja presente com mais êxito e eficácia, em todas as atividades humanas, sociais e espirituais. As comunidades eclesiais receberão mais incremento, a obra das vocações mais incentivos, a ação dos padres mais unidade e o apostolado dos leigos mais animação, a atuação dos religiosos mais estímulo, as energias do bem da sociedade mais impulso*⁸³.

Esse discurso, que aponta para a Igreja como sendo a instituição que dá norte à vida e à prática dos seus fiéis, não deixa de ser uma fala transpassada pela nomização que a Igreja pretende para todos os católicos. Mostra-se no discurso que, apesar dos avanços técnicos e sociais que a humanidade enfrenta a cada dia, a Igreja se coloca ao lado das necessidades de todos:

*Os novos bispos mostrarão que a Igreja ama os homens, também os homens do nosso tempo, que a Igreja não é hostil a ninguém, que a Igreja entende as necessidades humanas como nenhum organismo social pode fazer, apesar de a (sic) civilização moderna dispor de maravilhosos progressos*⁸⁴.

Várias foram as iniciativas pastorais e criação de organismos que propiciassem a vitalização católica na região oeste. Não é possível elencar tudo o que foi feito, sendo estudadas algumas iniciativas que afloram com mais freqüência nos arquivos das paróquias, apontando para as condições e

⁸³ Mensagem do Natal de dom Armando Cirio. Natal de 1977, correspondência enviada a todas as paróquias da Diocese. (A/A).

⁸⁴ Idem, ibidem.

processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção de sentido⁸⁵.

É recorrente nos discursos do clero, padres e bispo, reforçar a prática econômica e o estilo de produção dos colonizadores⁸⁶. A valorização dos “pioneiros”, no discurso episcopal, cumpre uma função de identidade, onde o receptor, ao mesmo tempo em que valoriza a ação dos primeiros colonos, também se identifica com eles, assumindo a perspectiva de trabalho, dedicação e sacrifício.

Como instituição religiosa, a Igreja vai se preocupar em desenvolver seu papel junto aos que na região se estabelecem, e este papel será fundamental na nominação de quem vem para a região. Este aspecto é visível no trabalho que mostra alguns acenos históricos feitos pelo padre Rafael Pivetta em 1967. Em seu artigo, lembra a presença dos padres do Verbo Divino, que na região vieram após a criação da Prelazia de Foz do Iguaçu em 1926. A estes padres ele afirma que

*são nomes que os primeiros migrantes sempre recordarão com profunda admiração e sentidas saudades, pois, quando faltavam estradas, meios de locomoção, recursos materiais, sobravam a estes apóstolos incansáveis o zelo da glória de Deus e o amor às almas, que os fazia presentes em toda parte*⁸⁷.

⁸⁵ CHARTIER, Roger, *A história cultural - entre práticas e representações*, tr. M. M. Galhardo, Lisboa : Difel, p.180.

⁸⁶ Ver nota de nº 56.

⁸⁷ PIVETTA, pe. Rafael, Diocese de Toledo, *Alguns acenos históricos*, 1967. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

Não se negam as dificuldades e os sacrifícios necessários a serem dispensados na terra para fazê-la produzir e conseguir garantir a sobrevivência dos que se lançam a fazer das matas fechadas, terrenos produtivos de alimentos. A dificuldade de trabalhar a terra é compensada, em vários discursos, principalmente religiosos, pela operosidade, vontade e espírito trabalhador, de quem nesta terra está. O aspecto do desenvolvimento da região é destacado em várias ocasiões.

A visão panorâmica do oeste muda constantemente aos olhos do viajante. Novas moradias surgem do dia para a noite, vilas e povoados formam-se em meses, e cidades são construídas num lustro. A matéria imensa vai caindo ao contato do fio destruidor de milhares de centenas de machados e é substituída por variadas culturas e ubérrimas pastagens, que logo são povoadas de selecionadas raças bovinas⁸⁸.

É um discurso apelativo ao trabalho, em vista ao desenvolvimento da região, onde a missão do homem passa a ser a de dar continuidade ao que os primeiros, com muito sacrifício, fizeram. Trata-se da idéia do legado do trabalho, ainda hoje utilizada nos discursos religiosos e políticos, apelando para a idéia de identidade do homem do oeste paranaense associada ao trabalho, que não mede sacrifícios ao se dispor ao trabalho e que articula, através de uma forma comunitária, elementos muito freqüentes nas representações acerca daquela população.

⁸⁸ Idem, ibidem.

II - O colono no oeste e a relação com a Igreja Católica

A presença da Igreja Católica no oeste paranaense, e como decorrência disso o estreitamento das relações entre clero e os colonos⁸⁹ que ocuparam a região, é marcada por um vasto número de ações pastorais que contribuíram, ao longo de todo o período, na construção de um discurso voltado para uma dupla finalidade. A constituição, na configuração regional, de uma legitimação da Igreja, enquanto instituição que buscava sua consolidação junto aos povos migrantes do oeste paranaense e, ao mesmo tempo, procurava se caracterizar como um instrumento de apoio, valorização e atendimento aos anseios, preocupações, desafios e problemas das pessoas que se encontravam na região. Nesta perspectiva, a construção do discurso católico tem a necessidade de garantir uma recepção por parte da comunidade emergente, que seja o mais próximo possível do conteúdo que ela se propõe a transmitir. Esta relação entre Igreja e colonos se constrói numa dupla dimensão, onde o conteúdo transmissível pela Igreja sofre um processo de adaptação e reelaboração para que a recepção possa ser efetivada. Parece ser evidenciável que a recepção discursiva passe por um processo interno de reelaboração por parte de quem recebe o discurso. Esta dimensão pode ser demonstrada historicamente,

⁸⁹ Ver nota de rodapé nº 4.

através das várias iniciativas pastorais desenvolvidas no interior das diversas comunidades paroquiais. Embora a dimensão temporal seja demasiadamente delimitada, não ultrapassando um período de seis décadas, bem como a dimensão espacial, que se fixa no espaço restrito de algumas dioceses, é possível perceber práticas pastorais diferenciadas, no que tange à sua forma entre os grupos católicos advindos das diferentes frentes de colonização do oeste paranaense⁹⁰. Isso pode ser visualizado, por exemplo, pelas mais diferentes formas como o bispo era recepcionado, por ocasião de suas visitas apostólicas às comunidades interioranas.

A recepção era sempre solene, variando, sobretudo no interior, conforme as características da população. Onde predominavam os de ascendência alemã, não faltava o coral, executando belos cânticos. Onde predominavam os de ascendência polonesa não faltavam um grupo de crianças, fazendo coroa ao redor do bispo para conduzi-lo, jogando flores no seu caminho, até a Igreja ou ao local da celebração da missa. Onde predominavam os de ascendência cabocla, não faltava o pedido de formar duas fileiras e ir ao encontro do bispo, rezando e cantando. Onde predominavam os de ascendência italiana, não faltavam rojões, gritos de ‘viva o bispo’ e cavaleiros montando soberanamente cavalos enfeitados⁹¹

Pelo estilo da recepção da figura do bispo se constituíam também formas próprias e variáveis de ação e de transmissão de discursos pastorais,

⁹⁰ Ver o subtítulo: *As frentes de colonização no oeste paranaense*, no primeiro capítulo desse trabalho.

⁹¹ *Revista Cristo Rei*, Ano III, nº 24, dezembro de 1998, Toledo-PR. A Revista Cristo Rei em suas várias edições utilizadas e citadas neste capítulo teve a publicação, subdividida em vários números, de um trabalho de registro da memória histórica da Diocese de Toledo, que foi realizado por Irineu Roque Scherer. Seu trabalho constituiu-se na coleta de depoimentos que relatavam a história da Diocese e mesmo o período anterior a sua criação. Evidentemente que estes relatos são fundamentados na memória dos entrevistados, e passa pela mesma crítica que recebem os depoimentos orais, enquanto fonte histórica do passado.

como, por exemplo, o contato entre colonos da região de Toledo com o padre Antônio Patuí⁹². A atuação de entusiasmo das pessoas, e ao mesmo tempo em que conseguia agradar a comunidade, assumia um papel de cobrança e de exigência, fazendo com que certos trabalhos coletivos fossem assumidos pela maioria dos fiéis.

Uma noite estava no barraco no acampamento, e o padre chegou e foi uma festa, todo mundo se confessou e comungou, pois o padre tinha chegado. (...) ele conseguiu entusiasmar todo mundo, todo mundo estava entusiasmado (...) no final foi uma coisa maravilhosa, todo mundo comungou e foi rezada a missa. Ele gostou muito.(...) Ele era enérgico e fez todo mundo trabalhar⁹³.

O objetivo deste capítulo é demonstrar a recepção do discurso realizado pelo clero católico e as mais diferentes ações pastorais desenvolvidas pela Igreja para que os discursos encontrassem receptividade por parte dos fiéis. Ao apontar a construção do imaginário religioso a partir das práticas e discursos feitos pelo clero junto aos católicos, e a maneira como eles foram recebidos pelos fiéis, faz-se necessário delimitar esse capítulo em duas partes. A primeira voltada para a investigação das diversas iniciativas pastorais da Igreja Católica, que foram desenvolvidas durante o período definido para a análise. A partir das ações pastorais, desenvolve-se a segunda parte, que é a recepção das inúmeras ações desenvolvidas pelo clero católico e ainda hoje

⁹² O papel deste padre foi considerado no primeiro capítulo, nota de rodapé 43.

⁹³ Entrevista concedida por Alfredo Paschoal Ruaro, em 19 de julho de 1991. Arquivo do Museu Histórico Willy Barth, Toledo-PR.

continuam, sendo que anualmente assembléias de pastorais são realizadas visando à melhor forma possível de atingir seus fiéis, nos mais diversos níveis sociais. Nestas ações, algumas práticas continuam, outras foram redefinidas e outras foram excluídas. As ações pastorais têm como parâmetro de existência a possibilidade de manter uma relação de recepção das ações e discursos católicos junto aos fiéis, sendo que é a partir desta relação que as ações se definem, se constroem e se consolidam.

2.1. Ações pastorais da Igreja

Em relação às ações pastorais desenvolvidas durante o período da presença católica no oeste do Paraná, cabe informar que foram consideradas as iniciativas documentadas nos livros-tombo das paróquias e das cúrias diocesanas. Trata-se, portanto, de um período posterior à presença jesuítica. As ações pastorais datam do ano de 1907, ocasião em que se registra a presença do clero católico na região oeste, transformando a região como área de pertencimento paroquial, embora desenvolvendo uma ação bastante precária, uma vez que a dimensão territorial era muito vasta, e se caracterizava pelos poucos recursos de locomoção. Fatores que não permitiam uma presença intensiva na região do oeste do Paraná.

Desde que no ano de 1907 o Exmo. e Revmo. Sr. Duarte Leopoldo e Silva, M. D. Bispo de Curitiba entregou a vasta Paróquia de

*Guarapuava aos cuidados espirituais da Congregação do Verbo Divino, ficou-lhe também confiada à antiga Colônia Militar de Foz do Iguassú que eclesialmente pertencia e ainda pertente à Paróquia de Guarapuava*⁹⁴

Diante da precariedade de atuação por parte da Igreja, as visitas dos sacerdotes aconteciam uma vez por ano. Ocasão em que os interesses espirituais eram atendidos. Tais interesses consistiam na realização de alguns sacramentos, sendo essa a principal característica da atuação do padre entre fiéis que se encontravam na região oeste.

A falta de uma estrutura de atendimento mais freqüente aos fiéis fazia com que os mesmos desenvolvessem uma espiritualidade muito própria. A existência de oratórios particulares era uma demonstração desta espiritualidade familiar, o que não eram condenados pelos padres, ao contrário, eram valorizados e visitados pelos sacerdotes. Embora a procura das ações sacramentais não fosse muito freqüente por parte dos fiéis, as visitas dos padres pareciam serem sempre muito bem-vindas por parte da população. Pois ao padre sempre se ofereciam acolhida e refeições, o que demonstrava uma certa intimidade em poder freqüentar a casa daqueles que o recebiam. Os registros dão conta que sua presença era motivo de ser posteriormente lembrada.

⁹⁴ Livro-tombo, nº I, da Catedral São João Batista de Foz do Iguçu, p. 2.

Em 1907, S. Excia Dom Duarte Leopoldo da Silva, d.d. bispo de Curitiba, contratou para Guarapuava os revmos. padres do Verbo Divino. (...) O II coadjutor visitava as capelas e oráculos particulares, percorria distâncias enormes, encontrando famílias poucas, sofrendo pobreza pesada, andando de cavalo próprio, trabalhando gratuitamente como missionário em terras pagãs, apenas pela comida.

Em 1910, de maio até julho, o rev. Guilherme Münster, SVD, percorreu a paróquia de Guarapuava até Foz do Iguassú, pregando, ensinando, batizando crianças nascidas desde 1898.

Poucas confissões, poucos casamentos apesar da atividade e zelo apostólico do Rev. Pe. Münster, SVD, companheiro e diplomata. Em 1912, o Rev. Pe. Guillherme Münster, SVD, visitou pela segunda vez Foz o Iguassú, deixando saudades. (...)⁹⁵.

A ação pastoral dos padres que transitavam pela região consistia apenas numa atuação sacramentalista, sendo oferecidos apenas os sacramentos do batismo, confissão, eucaristia e matrimônio. Pelas contingências encontradas, os clérigos não tinham possibilidade de organizar comunidades e estabelecer uma ação pastoral mais estruturada, numa perspectiva de formar uma comunidade cristã. Essas preocupações somente receberiam atenção alguns anos mais tarde.

No (em) maio, junho, julho de 1919, o velho pe. Nicolau Baur, SVD, ex-missionário da Igreja na África, sempre alegre, sabia contar histórias, agradava ao povo e tinha muita conversa. Batizou, confessou, comungou e fez o casamento de uma mãe que já tinha cinco filhos que foram batizados. (...)⁹⁶.

⁹⁵ Idem, p. 3.

⁹⁶ Idem, p. 4.

Já em 1923 registra-se uma presença mais intensiva de clérigos em Foz do Iguaçu, sendo que uma das atividades pastorais era a educação e a alfabetização. Na época o Estado passava a oferecer uma subvenção estadual, que ajudava na instrução pública de Foz do Iguaçu.

*Foi naquele mesmo tempo (1923) que o Exmo. Presidente do Estado, sr. Caetano Munhoz da Rocha, mandou oferecer aos padres uma subvenção estadual, (...) que ajudassem na instrução pública de Foz do Iguassú*⁹⁷.

Se, por um lado, a presença de padres era motivo de reivindicação por parte dos fiéis e autoridades constituídas, a própria Igreja, através da hierarquia, manifestava um certo temor e preocupação em deslocar padres para a região, temendo o grau do desafio e de dificuldades que os sacerdotes enfrentariam, devido à precariedade da região e ao distanciamento dos centros urbanos mais próximos. Por essa razão, a Diocese de Curitiba não fazia questão em enviar padres seculares. Apenas religiosos, pois esses não viveriam sozinhos e teriam condições de formarem pequenas comunidades internas, para poderem enfrentar os desafios de forma coletiva.

Assim, graças a Deus, as instâncias reiteradas anualmente do povo de Foz do Iguassú pedindo sacerdotes afetivos e religiosos para Foz. As instâncias das companhias colonizadoras de Foz do Iguassú; As instâncias do senhor prefeito municipal, sr. Jorge Schimelgling; as instâncias de sua Excia Revma. Dom João Francisco Braga, bispo de Curitiba, o qual conhecedor perfeito da situação religiosa em Foz do Iguassú, negou jurisdição a sacerdotes seculares, várias

⁹⁷ Idem, p. 2.

*vezes, que pretendiam estabelecer-se em Foz, pelo perigo de se perderem nestes meios (...), sozinho, isolado distante de Guarapuava 450 km, de Posadas, na Argentina 380 km (...) povos vizinhos*⁹⁸.

A historiografia regional⁹⁹ registra que até o período anterior de 1930 o oeste paranaense viveu completamente abandonado e entregue aos estrangeiros. Com a revolução de 1930, o governo getulista, ao assumir o poder, incluiu, de imediato, entre as suas preocupações, a ocupação efetiva das fronteiras do oeste, iniciando uma nova fase para a região oeste. Sob a ideologia firmada sobre o bandeirantismo e o nacionalismo, o governo federal cunhou o slogan “marcha para o oeste”, concebido por vários intelectuais, como Sílvio Romero, Cândido Rondon, Tristão de Araripe, Paulo Prado, Cassiano Ricardo e outros. Por trás do argumento nacionalista, de ocupar a fronteira, Getúlio Vargas tinha outros objetivos, como, por exemplo, abrir espaço para o excedente populacional do Rio Grande do Sul em benefício de capitalistas gaúchos. Ao mesmo tempo em que o Rio Grande do Sul se livrava do excesso populacional, empresários se beneficiavam explorando atividades imobiliárias na região oeste. A partir deste período, os governos estadual e

⁹⁸ Idem, p. 5.

⁹⁹ Assoeste – Associação Educacional do Oeste do Paraná. *Síntese da história do Paraná*. Cascavel : Assoeste, s/d.

federal criaram um clima de competição e de atrito na corrida pela sua ocupação¹⁰⁰.

Ao abordar o aspecto colonizador da região oeste que se deu de maneira complexa, aponto para a possibilidade do desenvolvimento de uma religiosidade eivada por aspectos das religiões católica e protestante, e, mais tarde, de outras manifestações cristãs de cunho pentecostal advindo da frente cafeeira de colonização. A imbricação de culturas possibilitou, mais tarde, o avanço pentecostal na região oeste¹⁰¹. Em 1951 a comunidade cascavelense mostrava aspirações também em avanços espirituais.

A reivindicação da presença de padres na região oeste por parte dos colonos é anterior. Em 1931¹⁰² o monsenhor Guilherme Maria despachou uma correspondência ao senhor Manoel Pompeu, em Catanduvas, afirmando que dentro em breve estaria enviando padres para aquela localidade, o que correspondia a um anseio daquela comunidade, uma vez que, na correspondência, o monsenhor já apontava alguém que estaria disposto a contribuir na construção da moradia do padre.

¹⁰⁰ Nesta competição prevaleceu a força de Getúlio Vargas, culminando, em 1943, com a criação do Território Federal do Iguçu. O processo, no entanto, se reverteu com a queda de Getúlio em 1945, que propiciou a extinção do Território.

¹⁰¹ Sobre essa questão veja DEITOS, Nilceu Jacob. *Representações pentecostais no oeste paranaense – A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel – 1970-1995*. Dissertação de mestrado. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

¹⁰² Em linhas gerais, o modelo de igreja neste período era de uma neocristandade, caracterizada pela tendência de fuga do cosmopolitismo. Trata-se de uma visão do mundo onde tudo é cristão, o que remete à Igreja da Idade Média. RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da igreja*. São Paulo : Paulinas, 1982.

Como já há padres em Laranjeiras, tentarei trazê-los até Catanduvas também (...) espero que será possível no ano novo. Porém para realizar este desejo, quero que o povo mostre boa (sic) vontade, e ajuda também. Assim é que eu peço uma casa de morada para os padres. O povo há de quotizar-se e com o resultado fazer uma casa, que será propriedade da paróquia de Catanduvas. (...) O senhor Nartel Camargo, em cuja casa eu estive no mez (sic) de dezembro, quer dar o donativo que prometeu (...)¹⁰³.

Na correspondência do prelado monsenhor Guilherme está posto o interesse da Igreja em enviar padres para Catanduvas, e ao mesmo tempo remete aos fiéis católicos a organização e viabilização da instalação do clero católico, através da edificação de uma infra-estrutura para tal.

A vinda do primeiro vigário para Cascavel deu-se em 1952, pelo mando do prelado de Laranjeiras do Sul, Dom Manoel Köenner, que aceitou a presença do missionário, padre Luis Luise, determinando que o sacerdote viesse a trabalhar em Cascavel, respondendo aos insistentes pedidos feitos pela comunidade local¹⁰⁴.

A chegada do padre Luis Luise para Cascavel deu-se com a formação de uma comissão de algumas pessoas de Cascavel que se dirigiu à Prelazia de Laranjeiras do Sul e, em audiência com o prelado Manoel Köenner, a mais elevada autoridade religiosa da região, foi manifesto o desejo da comunidade cascavelense em vir a ter a criação de uma paróquia e a designação de um

¹⁰³ Carta enviada pelo monsenhor Guilherme Maria Thiletzek ao senhor Manoel Pompeu no dia 18 de abril de 1931. Arquivo particular de Alberto Pompeu.

¹⁰⁴ SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a cidade*. Op. cit. p. 281.

padre que viesse a conduzi-la, sendo então o padre Luis Luise responsável por tal tarefa¹⁰⁵.

A presença católica na região oeste é remota a este período. Era uma prática das próprias companhias colonizadoras se comprometerem em providenciar a presença de padres nas áreas de colonização. Augusto Colodel, ao tratar sobre uma colonizadora na região de Santa Helena, confirma essa prática por parte das companhias colonizadoras:

a partir de 1932 a Companhia Espéria deixou de subvencionar a vinda de clérigos para a sua área de colonização. A partir desta atitude ampliou-se ainda mais a distância entre a Companhia e os colonos que já estavam estabelecidos em Santa Helena. Por outro lado, a não existência de um padre na região a ser colonizada fez com que diminuísse consideravelmente o afluxo de novas famílias de colonos¹⁰⁶.

Segundo Augusto Colodel, nos anos 20 já se iniciava um trabalho de inspeção na região de Foz do Iguaçu com a intenção de criar uma paróquia. O autor afirma que o objetivo era de melhor atender às “necessidades espirituais” do povo¹⁰⁷. Essa afirmação carrega consigo toda a força de uma representação criada pelo discurso. É antes a necessidade de nomeação que se registra entre os colonos que são estranhos naquela terra, bem como a manifestação do próprio Estado no sentido de manter a coesão da população

¹⁰⁵ Idem, ibidem.

¹⁰⁶ COLODEL, Augusto. *Obragens & companhias colonizadoras - Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960*. Santa Helena : Prefeitura Municipal, 1988. p.249.

¹⁰⁷ Idem. Op.cit. p.243/4.

daquela região, por se tratar de área fronteiriça, como o próprio historiador dá margem para pensar na seqüência de seu relato.

Colodel, ao referir-se sobre a colonização de Santa Helena, frisa a importância que a capela e o padre tinham para os colonizadores que vinham para a região oeste, sendo que para os colonos não era possível a existência de um padre sem a capela, e nem a existência da capela sem a presença de um padre. Eram coisas inseparáveis. Segundo o historiador,

o padre representava corporalmente a autoridade religiosa, a intermediação entre a fé terrena e o reino dos céus. Não era admissível para esses colonos que alguém pudesse viver sem passar pela ritualização expressa pela Igreja. A religião era indispensável para o prosseguimento de uma vida correta. Assim, para esses colonos, viver sem a presença de um padre e de uma capela tornava-se impensável¹⁰⁸.

Segundo o autor, ao tratar sobre a imigração italiana, muito presente na região do extremo oeste do Paraná, é observado que a religião era um fator proeminente de vida em comunidade de tais imigrantes, sendo que ela se apresentava muito mais intensa e arraigada no cotidiano dos que habitavam áreas urbanas¹⁰⁹, destacando que eram populações que, mesmo quando imigravam da Itália, originariamente eram saídas do meio rural.

¹⁰⁸ Idem. p. 241.

¹⁰⁹ Idem, ibidem.

Com o início do processo de ocupação do oeste, através do incentivo do governo federal e a partir da vinda das companhias colonizadoras, a Igreja Católica começou a desenvolver uma atuação eclesial mais intensa, seja através da presença mais freqüente de sacerdotes, seja na delimitação das paróquias e criação, num período posterior, da Diocese de Toledo. Antes, porém, ainda em 1926 foi criada a Prelazia de Foz do Iguaçu, visando estabelecer uma presença mais constante e efetiva por parte do clero na região.

O primeiro administrador apostólico escolhido foi o monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, que já era enviado especial e ficou à frente da Prelazia a partir do fim do ano de 1926 a fevereiro de 1937, quando veio a falecer, no Rio de Janeiro. Durante a sua atuação como administrador apostólico, a presença da Igreja na região se fez mais ativa. Foram criadas e incorporadas as paróquias de Pitanga e Laranjeiras do Sul, ao mesmo tempo em que foram se formando mais comunidades cristãs, como as de Cascavel, Catanduvas, Santa Helena e Guaíra. Com o objetivo de fazer com que a presença da Igreja se tornasse mais visível na região onde as migrações eram mais intensas, em 1946 optou-se em transferir a sede da Prelazia de Foz do Iguaçu para Laranjeiras do Sul¹¹⁰.

¹¹⁰ Revista *Cristo Rei*, Ano I, nº 10, Toledo, setembro de 1997.

Segundo depoimento de dom Armando Cirio,

a seqüência do trabalho veio através do segundo administrador apostólico, monsenhor Manuel Köenner, que inaugurou um novo modo de governar a Prelazia. Sozinho, ou às vezes acompanhado por um padre, começou a andar de um lugar para outro, pregando a palavra de Deus, confessando, celebrando missas, administrando crisma e outros sacramentos. Foram várias viagens no lombo de um animal, atendendo a tudo e a todos... sempre com botas altas, chapéu de abas largas e guarda-pó. Sua cordialidade encantava a todos¹¹¹.

Nesse período a região oeste do Paraná registrava a vinda de um contingente cada vez maior de migrantes que chegava para ocupar as terras. A população aumentava de forma intensa e progressiva e novas cidades surgiam.

Isso obrigou a Igreja a pensar numa mudança estrutural profunda, para tornar mais ágil a solução dos problemas que vinham se acumulando, quer na área social, quer na área eclesial. Fruto dessa reflexão foi a extinção da Prelazia e criação de duas dioceses, em Campo Mourão e Toledo¹¹².

A criação da primeira diocese no Oeste paranaense, em 20 de junho de 1959, possibilitou uma articulação mais intensa da ação da Igreja. O primeiro bispo somente tomou posse mais de um ano depois. Em 11 de setembro de 1960, dom Armando Cirio assumiu o episcopado, iniciando os trabalhos de organização administrativa e pastoral da Diocese.

¹¹¹ Idem, *ibidem*.

¹¹² Idem, *ibidem*.

Segundo dom Armando, o início das atividades como primeiro bispo da região oeste foi marcado pela escassez de recursos e pela dificuldade em definir as prioridades de ação, uma vez que tudo estava por fazer. Segundo seu próprio depoimento, a necessidade de reconhecimento da região, suas características culturais e costumes da população, foi uma das motivações que o fez percorrer todo o território da nova diocese para, a partir daí, iniciar o trabalho pastoral.

Passados os momentos felizes da posse, logo me vi assaltado por muitas interrogações e perplexidades: Que devo fazer? Onde começar? Quais são os problemas que logo mereceriam particular atenção? Como pôr em ação a minha responsabilidade, faltando-me condições? Estas e outras interrogações provocaram em mim inquietude e também abatimentos. Contribuí para esse estado de espírito, a reclusão na casa paroquial, o mau tempo que sobreveio logo depois da posse, com chuvas torrenciais, que duraram mais de um mês, e a falta de um meio para me locomover. (...) O que achava importante para mim, naquele momento, era sair daquela vida de anacoreta que vivia na casa paroquial, à espera do término da casa do bispo, o que acabou acontecendo com a decisão de percorrer, sem nenhum prévio aviso, todo o território da diocese, de quase mil Km², para conhecer sua geografia, um pouco de sua história, as suas estradas, os padres, alguns problemas do povo. (...) Em contato com os padres, algumas autoridades municipais, gente comum, pude captar não somente elementos de sua história sócio-político-religiosa, mas sobretudo tomar conhecimento de problemas reais que não me permitiam mais ficar parado, como a luta acirrada pelas terras, exacerbada pela ganância dos homens e inoperância do governo; a emigração, que estava tomando proporções alarmantes; a falta de padres e de pessoal religioso, considerados naquele estágio de desenvolvimento indispensáveis, não só para a assistência religiosa mas também para a animação da comunidade

*em geral à solução dos problemas que vinham se acumulando, quer na área social, quer na área eclesial*¹¹³.

A ação pastoral a partir da criação da diocese teve sua tonalidade marcada pela primeira carta pastoral de dom Armando Cirio, onde destacava a importância de que “todos sejamos um só”. O bispo fez um apelo para que todas as associações religiosas colaborassem com a ação pastoral da paróquia. Pediu a todos os sacerdotes e fiéis o empenho e dedicação pela causa da Igreja. Seu texto manifestava a preocupação de uma ação coletiva e unida por parte do clero e da participação dos fiéis engajados.

*Aos fiéis, indistinta e independentemente da posição social, declaramos que confiamos em vós e vos pedimos que acompanheis os espinhosos trabalhos dos vossos vigários e juntos promoveremos os interesses da glória de Deus na terra, o progresso e a honra da Igreja, a dilatação do reino de Jesus Cristo nas almas. Ao redor desse tríplice interesse deve estar vinculada toda a atividade de nossa vida*¹¹⁴.

A Igreja Católica se demonstrava comprometida com os que aqui chegavam, procurando dispensar-lhes os serviços religiosos de que dispunha. Segundo dom Armando,

a Igreja tinha um grande trabalho a ser realizado. Os desafios eram a assistência religiosa que deveria ser dada (...). A preocupação da primeira década (1960-1970 - n. do a.) foi a procura de padres, uma

¹¹³ Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, Dom Irineu Roque. Primeiros passos da nova diocese. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano I, nº 12. Toledo : novembro/97. p. 14.

¹¹⁴ Carta pastoral de dom Armando Círio. Toledo, 30 de março de 1961.

*vez que nesta região praticamente inexistiam sacerdotes religiosos*¹¹⁵.

Outra atividade desempenhada no processo de constituição da predominância católica foi a edificação de dezenas de paróquias em todo o território oestino. A caracterização religiosa da maior parte dos imigrantes provindos do sul e a presença da Igreja Católica são dois fatores que se aproximam entre si e revelam o estilo da religiosidade de Cascavel no período de sua colonização. Dada esta situação, a Igreja Católica começa a se estruturar com a criação de diversas paróquias na região oeste, e, para prestar um serviço religioso mais eficiente, é criada em 1959 a Diocese de Toledo, abrangendo 18 municípios da região oeste, chegando na época a uma população de 140 mil espalhados numa extensão de aproximadamente 30 mil quilômetros¹¹⁶.

Na ocasião da posse de dom Armando existiam, em toda a região oeste, 15 paróquias, abrangendo desde os municípios de Guaíra até Laranjeiras do Sul e Foz do Iguaçu¹¹⁷. Já no ano de 1969 o número havia duplicado

Os dez últimos anos que nos separam da instalação da Diocese representaram um grande surto de desenvolvimento da vida religiosa. As paróquias e capelas foram se multiplicando com o correr dos anos. Hoje, contamos no território de nossa Diocese com 37 paróquias, que se traduzem em 500 comunidades de fé, culto e

¹¹⁵ Entrevista com dom Armando - Rev. Catedral, nº 60, set/1993.

¹¹⁶ Ver padre Rafael Pivetta.

¹¹⁷ PIVETTA, padre. Rafael, Op. cit.

*de caridade. No entanto, o contínuo e crescente fluxo migratório exigirá, inexoravelmente, a criação de novas paróquias*¹¹⁸

Se este aspecto é visível no discurso religioso, outros também são possíveis, que concentram as falas nas necessidades de estarem unidos e coesos, formando uma comunidade ordeira, trabalhadora e dócil às posturas e preocupações da Igreja, sendo observável a disposição de acolhida a várias questões que o clero aponta para os católicos. No discurso de dom Armando não aparecem comunidades católicas, mas “comunidades *de fé, culto e de caridade*”. Trata-se de uma forma de garantir a necessidade de um relacionamento bastante estreito entre colonos de que a Igreja precisava para manter seu poder legitimador. O discurso religioso servia para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existiam nas suas vidas cotidianas¹¹⁹. Em sua carta apostólica comemorativa dos 10 anos da Diocese de Toledo, dom Armando ressalta a docilidade e o acato das solicitações que a Igreja fazia.

Às honras competem, também, as responsabilidades. Por isso, gratos somos ao povo das paróquias de nossa Diocese, o qual sempre, com invulgar generosidade, arca com os ônus da criação de centros paroquiais, através da doação de terrenos, gastos na construção dos templos e das casas paroquiais, assim como despesas para condução, edificação de colégios ou obras sociais,

¹¹⁸ Carta apostólica de dom Armando Círio - 1969 - Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

¹¹⁹ BERGER, Peter. op. cit. p.55.

*afora as devidas contribuições para a formação de novos agentes pastorais*¹²⁰.

A articulação e empenho da Igreja nos locais onde vai edificando sua predominância católica na região são mostrados nos discursos e práticas de nominação do mundo daqueles que ali se encontravam. Para dom Armando, a edificação de paróquias “*era a garantia da assistência religiosa para que houvesse a proclamação da fé, e que o povo cristão pudesse continuar vivendo como cristão*”¹²¹, expressando todo o esforço de cultivo da religiosidade católica, empreitada vencedora até a década de 70, e que hoje ainda é predominante, embora se registre a ascendência de outras formas de expressão da religiosidade, sendo o pentecostalismo de cunho protestante uma delas.

Outro desafio, assim apontado pelo arcebispo, foi a estruturação do clero local. “*Até 1980, de todos os padres que atuavam nas dioceses da província (quatro dioceses - n. do a.), 90 por cento eram padres de congregações religiosas*”¹²². Por isso foi estabelecida prioridade na atenção para que surgisse o clero local, através da implantação de um seminário diocesano.

¹²⁰ Carta apostólica de dom Armando Círio - 1969 - Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

¹²¹ Idem, ibidem.

¹²² Idem, ibidem.

Entre as iniciativas que tinham grande valorização por parte do clero católico, pode ser mencionada a realização das missões populares na diocese. Iniciativa ainda hoje realizada e que vem recebendo, por parte da Igreja, muito apoio e estímulo. As missões eram realizadas em períodos constantes e sempre contavam com a presença de padres vindos de outras regiões, freqüentemente padres do Rio Grande do Sul. As missões se caracterizavam como momentos fortes da vida espiritual das famílias e cumpriam a função de aproximar mais as pessoas das práticas religiosas, principalmente nas celebrações eucarísticas e na freqüência aos sacramentos. O grupo de missionários percorria algumas comunidades, permanecendo em média uma semana em cada comunidade.

Assim era anunciada a realização das missões populares:

Durante os meses de maio a junho oito missionários capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul estarão percorrendo e realizando missões populares nas paróquias de Nova Aurora, Formosa do Oeste, Jesuítas, Tupãssi e Assis Chateaubriand. Consideramos a iniciativa ótima¹²³.

A realização de missões populares, ocasião de reavivamento da fé dos católicos, movimentou uma boa parcela deles na cidade, sendo assim registrada: “*um grande acontecimento foram as missões em 1960 nos mezes*

¹²³ Boletim Mensal da Diocese de Toledo. Julho de 1972. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

(sic) junho e julho pregadas pelos reverendíssimos capuchinhos de Caxias do Sul (RS)”¹²⁴.

Em relação à criação de organismos, um exemplo foi o teor de uma circular em 1969, solicitando-se aos vigários de todas as paróquias a comunicação ao povo da criação de “mais um organismo dentro da Diocese: a Assembléia Geral Diocesana”, com o fim de sempre melhor traduzir na prática os princípios da corresponsabilidade, da colegialidade e da unidade. Pensou-se na constituição desta assembléia com a finalidade de

analisar a situação pastoral da Diocese e sugerir medidas a serem adotadas para a melhor coordenação das tarefas sacerdotais, sendo que a mesma reuniria pelo menos no mês de março de cada ano, e extraordinariamente, quando assim parecer ao bispo ou pelo menos por um terço dos membros¹²⁵.

Tais iniciativas garantiam a predominância da Igreja Católica e a maior adesão dos fiéis, que na década de 1960 teve uma significativa ascendência:

Cada domingo aumenta o número de fiéis às missas e a frequência aos santos sacramentos. Hoje então foi talvez o domingo onde nunca se viu tantos fiéis na Igreja¹²⁶. Domingo da Ressurreição foi uma apoteose à Jesus Eucarístico. Durante a semana santa foram feitas 2.800 comunhões¹²⁷.

Em 1967, as missões populares se repetiriam na cidade: Tratava-se de um instrumento apropriado para a manutenção da predominância católica:

¹²⁴ Livro-tombo da Paróquia Santo Antônio - Cascavel-PR, p. 26.

¹²⁵ Carta de dom Armando, bispo de Toledo, abril de 1969, arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

¹²⁶ Livro-tombo da Catedral Nossa Senhora Aparecida - 17/03/63, p. 06.

¹²⁷ Livro-tombo da Catedral Nossa Senhora Aparecida - 14/04/63, p. 07.

“Santas missões na cidade, contemporaneamente nas duas paróquias (Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio - n. do a.) e São Cristóvão, com a presença de 14 padres capuchinhos de Ponta Grossa (PR)”¹²⁸.

A presença dos missionários capuchinhos recebeu uma grande acolhida, sendo que na véspera da chegada assim fora anunciada pela emissora de rádio local:

Os missionários, em número de 14, amanhã, 29 de outubro, às 18 horas chegarão na nossa cidade, em frente à casa Santo Antônio para dar início às S.S. Missões, enquanto renovamos a todos o nosso convite para participarem (...) a chegada dos missionários, esperamos encontrar todos os paroquianos nesta primeira manifestação de fé e piedade, para merecermos, todos juntos, a proteção de Nossa Senhora Aparecida para o maior progresso civil e religioso de nossa comunidade, que agora pode bem mais se chamar a família de Deus e de Maria¹²⁹.

O zelo pela divulgação de materiais católicos (livros e revistas) e a dura posição contra a circulação de materiais não católicos mostram o recurso de nominação utilizado para manter a predominância católica, coibindo a circulação de materiais que não tivessem procedência católica. Esta preocupação é expressa em várias ocasiões, principalmente nos programas radiofônicos que a Igreja mantinha. Assim era veiculada a notícia:

¹²⁸ Livro-tombo da Catedral Nossa Senhora Aparecida - 29/10/67, p. 15.

¹²⁹ Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 28/08/67, arquivo da Catedral.

Estão em nossa cidade, e permanecerão alguns dias, as irmãs da Pia Sociedade de São Paulo, que se dedicam ao apostolado da bôa (sic) imprensa, difundindo nas famílias a Bíblia Sagrada, o Evangelho, livros de formação, revistas bôas (sic), como a ‘Família Cristã’. Obs.: Famílias: aproveitem da presença das Irmãs Paulinas para adquirirem, especialmente, o santo evangelho¹³⁰.

Encontram-se em nossa cidade as Irmãs Paulinas que se dedicam ao Apostolado da bôa (sic.) imprensa. Aproveitem para renovar ou fazer a assinatura da ‘Família Cristã’, a revista que já serve 120 mil famílias. – Comprem também o Evangelho e livros de formação (...) ¹³¹.

Em outra ocasião aparece a propaganda dos “bons livros” e o combate a “má imprensa”:

Estão presentes em nossa cidade as rev. das Irmãs Paulinas de Curitiba, que se dedicam ao apostolado da bôa (sic) imprensa, com a difusão de revistas e livros sadios. As famílias, que se preocupam em ter em casa bons livros, aproveitem desta visita. Um bom livro é um tesouro, como, pelo contrário, um livro mau é uma cobra venenosa¹³².

Não faltam notas que combatem com insistência a veiculação de livros contrários ao que se chamava de verdadeira fé:

Há poucos dias, ficamos sabendo de que nas capelas do interior passou alguém vendendo livros a respeito de religião e educação. Além de uma verdadeira exploração nos preços, foram vendidos livros cheios de êrros (sic) perniciosos contra a doutrina católica. Quem comprou livros contrários à verdadeira fé, não podem nem lê-los nem ficar com eles em casa, mas deve destruí-los quanto

¹³⁰ Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 09/05/70, arquivo da Catedral.

¹³¹ Boletim Voz das Paróquias de Cascavel. 20 de maio de 1972. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

¹³² Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 07/06/69, arquivo da Catedral.

*antes. Atenção moradores do interior! Cuidado para com os falsos profetas! Nunca comprem livros que falam sobre religião ou sobre educação, sem primeiro consultar os padres. Não se deixem iludir, para não terem prejuízos econômicos e mais ainda espirituais e morais.*¹³³

Esta manifestação de condenação categórica da produção literária de outras religiões é tomada pela Igreja Católica como estratégia de manutenção do nomos objetivo, sendo que este discurso procura tornar a sociedade guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual¹³⁴.

Outra preocupação dos padres, expressa na documentação, é quanto à formação católica dos professores que atuavam tanto a nível primário como secundário nas escolas, sendo que constantemente eram oferecidos cursos catequéticos para os professores. Com muita freqüência se registram atividades realizadas entre os professores. Estes encontros eram feitos no início do ano letivo e durante o período das aulas. Estas atividades eram constantes, fazendo com que freqüentemente os professores mantivessem contato com vários aspectos da doutrina católica e se apostava que os mesmos ensinamentos fossem aos poucos repassados aos alunos.

¹³³ Trata-se de um discurso de total negação ao modelo eclesiológico que o Vaticano II propõe. Este aponta para um aspecto pluralista da religião, enquanto que o discurso citado mostra uma característica de cristandade. Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 13/06/70.

¹³⁴ Ver BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado...* Op. cit. p. 34.

*Quarta-feira próxima, dia 21 de abril, às 14 horas, será feito, no Centro Social, um encontro de espiritualidade para professores e professoras do primário (...)*¹³⁵

*Nos dias 7, 8 e 9 de junho, das 8 às 18 horas, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, será realizado um curso catequético para as senhoras professoras e senhores professores do Ensino Primário. O programa contempla quatro conferências diárias com debates e círculos de estudos sobre a Bíblia, doutrina, psicologia e metodologia religiosa, para o aprimoramento do Ensino Religioso. Desde já convidamos as senhoras professoras e senhores professores do Ensino Primário*¹³⁶.

Os professores que atuavam no nível secundário eram convidados com o pretexto de realizarem confraternizações e também se prepararem para o ano letivo:

*Na próxima semana (...) no Salão Paroquial N. S. Aparecida, realizar-se-á um importante curso de orientação para todos os professores secundários de Cascavel. Os assuntos a serem tratados são os seguintes: 'choque entre gerações', 'o encontro mais importante e necessário na vida', 'o encontro mais importante e necessário do mundo'. Desde já agradecemos os conferencistas (...) Enquanto convidamos encarecidamente a todos os professores a participarem, desejamos que o curso não só se torne motivo de uma melhor orientação do corpo docente de nossa cidade, mas também ocasião de uma mais profunda amizade e confraternização entre Eles (sic), antes de enfrentar a fadiga do nôvo (sic) ano letivo*¹³⁷.

¹³⁵ Boletim Voz das Paróquias de Cascavel, 17 de abril de 1971. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

¹³⁶ Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 28/06/69, arquivo da Catedral.

¹³⁷ Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 21/02/70, arquivo da Catedral.

Ainda no campo acadêmico¹³⁸, a Igreja procurava estabelecer contato também com os acadêmicos a nível universitário. Essa iniciativa pode ser registrada durante o primeiro ano de funcionamento da primeira faculdade de Cascavel. A iniciativa visava aproximar os alunos universitários através do diretório acadêmico e pretendia fixar no calendário dos alunos um encontro semanal através da celebração religiosa. A proposta inicial era a realização da missa do acadêmico.

Por iniciativa do Diretório Acadêmico 16 de Agosto da Faculdade de Filosofia de Cascavel, amanhã, às 19 horas, será celebrada a Missa do Universitário por sua Exma. dom Armando Cirio, bispo diocesano. O diretório acadêmico convida na participação da mesma as autoridades, os calouros e todos os veteranos. Intenção de quem lançou a iniciativa é de que todo domingo, num horário certo, haja, na futura catedral de Cascavel, a Missa do Acadêmico que poderá se tornar um ótimo meio de confraternização entre os estudantes universitários e uma profunda expressão da real união que reina entre a fé e a ciência. Só podemos aplaudir esta iniciativa e apoiá-la para um caminho sempre melhor da faculdade e da comunidade cascavelense¹³⁹.

As iniciativas e atividades pastorais desenvolvidas onde se mantinha a

¹³⁸ Sobre a atuação da Igreja a nível de ensino fundamental e médio, recomendo a obra de Mezzomo que investiga a ação dos colégios confessionais no oeste do Estado, sobretudo em Toledo, através dos colégios Imaculado Coração de Maria (Incomar) e o colégio La Salle. Na obra, o autor apresenta as repercussões do projeto eclesialístico, mostrando ser a educação confessional uma tentativa de “restauração do mundo em Cristo” e aponta a atuação dos colégios como sendo a “forma ideal e mais perfeita de promover o homem, que é através do ensino”. MEZZOMO, Frank Antônio. *Religião, nomos e eu-topia: práxis do catolicismo no oeste do Paraná*. Cascavel : Edunioeste, 2002.

¹³⁹ Boletim Voz das Paróquias de Cascavel, 09 de março de 1974. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

situação nômica dos católicos, e onde se resguardava a predominância católica em Cascavel e na região, são diversas e variadas. Nos programas radiofônicos várias destas atividades são noticiadas, sempre com a convocação da presença de todos os fiéis, como, por exemplo, nas procissões realizadas:

Segunda-feira próxima, dia 25 de março, se realizará a procissão votiva¹⁴⁰ dos cascavelenses para agradecer a Nossa Senhora que no ano de 1965 libertou a nossa cidade do grave perigo da febre amarela e para pedir a sua valiosa proteção contra qualquer desgraça. Quem não cumpre com os votos feitos como poderia merecer as graças do céu?¹⁴¹

Pode-se afirmar que a análise das práticas que diversamente se apreendem dos bens simbólicos, produziram usos e significações diferenciadas entre os fiéis¹⁴². Outra atividade desenvolvida pelos padres, que de certa forma contribuía com a predominância católica, era a preocupação em manter os contatos pessoais nas famílias em suas residências:

A paróquia é uma comunidade de fé, de culto e de amor. Mas como poderá ser assim se os membros não se conhecem entre si? Para que a paróquia não seja uma espécie de sistema social semelhante a tantos outros sistemas sociais onde os funcionários (neste caso os padres) atendem a um público que não conhecem; para que a paróquia não se torne só uma 'agência de administração de sacramentos'; mas para que seja uma comunidade verdadeira, os padres acham seu dever visitar as famílias num sentido de amizade e de fraternidade para com todos. Será mais uma oportunidade, talvez de primeira importância, para que os pastores possam conhecer o seu rebanho e o rebanho os pastores e com a graça de

¹⁴⁰Que é ofertada em cumprimento de uma promessa feita.

¹⁴¹ Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 23/03/68, arquivo da Catedral.

¹⁴² CHARTIER, Roger. Op. cit. p. 178.

Deus ser um de ajuda aos outros no caminho da vida que, feito no amor, nos deve levar todos a Deus. O pequeno sacrifício que se deixará em cada família como lembrança do encontro e da visita falará sempre do amor de Cristo que nos deve unir no sacrifício da bondade e da caridade para participar também da glória da ressurreição. Os padres já agradecem a fé que deve levar as famílias cristãs a ver no sacerdote um representante de Cristo e, portanto, desejosa de encontrar-se, sobretudo com as crianças, com os doentes, com os velhinhos e com os famintos para partilhar com eles o amor de Cristo. Esta visita será também uma oportunidade para fazer o levantamento paroquial que poderá levar a um bom planejamento e a uma autêntica animação apostólica¹⁴³.

A prática de visitas dos padres às famílias é ainda bastante comum e estrategicamente se caracteriza como uma ação da nomização muito eficiente. É a ocasião de contatos culturais de ênfase religiosa que se constroem no cotidiano, bem como de conversação entre o padre e os fiéis, numa situação diferenciada da que se dá nas celebrações religiosas. São contatos que se refletem na manutenção de mundos como realidade subjetiva, e isto se dá na medida em que se mantém a conversação¹⁴⁴.

Outra iniciativa importante das atividades pastorais em relação às famílias era a realização de encontros que reunissem o maior número possível delas. Já em 1971 se organizavam os movimentos familiares cristãos.

Movimento Familiar Cristão – está sendo organizado em Cascavel o Movimento Familiar Cristão. Já tem uma equipe de casais

¹⁴³ Boletim informativo das paróquias N. S. Aparecida e Sto. Antônio veiculado na Rádio Colméia no dia 20/04/68, arquivo da Catedral.

¹⁴⁴ Em termos práticos, o que acontece é uma conversação que o padre mantém com os fiéis no seu cotidiano, o que é aproveitado depois nas homilias realizadas pelos padres. BERGER, Peter Ludwig. Op. cit. p. 30.

*coordenadores. Fazemos votos que possa encontrar boa (sic.) aceitação, pelo maior bem e união das famílias de Cascavel*¹⁴⁵.

A preocupação da Igreja em manter sua posição numa sociedade em transformação é algo sempre latente, como se expressa no documento dos bispos do Paraná escrito em 1970. Após uma breve introdução, os bispos iniciam a primeira parte afirmando que:

*Vivemos num momento de rápidas transformações: ‘a humanidade passa de uma concepção mais estática da ordem das coisas para uma concepção mais dinâmica e evolutiva. Nasce daí, um imenso complexo nôvo (sic) de problemas que provoca novas análises (...)’ (GS5). Conseqüentemente, muitos valores recebidos, mesmo no campo moral e religioso, são postos em cheque. (GS7). Como não podia deixar de ser, essa situação que é universal, reflete-se também de maneira aguda em nosso Paraná, estado que está passando por um surpreendente surto de progresso econômico, social e cultural, tornando-o uma das principais unidades da Federação. Um novo Paraná está surgindo sob nossos olhos*¹⁴⁶.

Ao considerar a preocupação dos bispos do Paraná, em homilia proferida no ano seguinte na Igreja Nossa Senhora Aparecida, se afirmava:

*Diante desta nova situação, os bispos perguntam-se qual deve ser a posição da Igreja e respondem: ‘A Igreja não pode e não quer ficar à margem dêste (sic) processo de crescimento. Sua missão, evidentemente, ‘não é da ordem política, social ou econômica’ (GS42). Mas, com sua finalidade religiosa, ela deseja ser ‘como que o fermento e alma da sociedade humana’ (GS40 e MM3),*¹⁴⁷.

¹⁴⁵ Boletim Voz das Paróquias de Cascavel, 20 de fevereiro de 1971. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

¹⁴⁶ Documento dos Bispos do Paraná - Missão e Renovação da Igreja - 1970, Arquivo da Catedral.

¹⁴⁷ Homilia proferida na Igreja Nossa Senhora Aparecida de Cascavel no dia 24/01/71. Cópia da homilia se encontra no arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

Trata-se de um discurso fundamentado nos documentos da Igreja pós-conciliar, carregado de uma tendência nomizadora, em vista da manutenção da predominância da Igreja Católica numa sociedade em acelerado processo de mudanças. Em Cascavel, particularmente, é o período em que emerge sua urbanização e o crescimento demográfico da cidade.

O discurso e a prática da Igreja Católica através das várias iniciativas pastorais durante todo esse período apontam para o objetivo de garantir uma posição de predominância, sendo uma presença constante entre os agricultores. Trata-se de uma sociedade bastante assistida pelos trabalhos pastorais da Igreja, e que tem na Igreja um elemento muito forte de nomização. Razão pela qual, na carta apostólica de dom Armando em 1969, é dedicado um parágrafo todo especial para o trabalhador da terra:

Volvemos, também, as nossas preocupações para os colonos e camponeses de nossa Diocese, comungando de seus justos anseios e sofrendo, com eles (sic), em suas pretensões insatisfeitas. O homem da terra reclama para si e para seus familiares uma vida digna, que só será obtida pela libertação da ignorância, da miséria e da incerteza. O agricultor é a classe obreira, que menos favores reivindica para si. Quando muito, o nosso colono pede paz e tranqüilidade para trabalhar, que muitas vezes lhe é negado, pela agressividade do ambiente em que vivem e pela litigiosidade das terras, cuja temática foi e ainda é motivo de delicada gravidade¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Carta apostólica de dom Armando Cirio escrita em 1969. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

Atenção semelhante é dispensada aos agricultores, onde a participação da Igreja foi decisiva. Na década de 1970 registra-se uma ação mais intensa da Igreja Católica, na realização de eventos pastorais que visavam atingir cada vez mais um número mais significativo de fiéis. No início daquela década foi realizada a Campanha de Educação e Promoção Rural. Esta iniciativa tinha como objetivo principal promover o homem do meio rural. Segundo as metas apresentadas pelo folheto de propaganda, registrava-se o desejo de despertar o agricultor para a realidade do mundo moderno, elevando o nível cultural e profissional. Buscava também organizar os trabalhadores rurais em associações profissionais e de classe, criando um autêntico espírito comunitário. Entre outras metas, registrava-se também o desejo de levar o agricultor a viver a mensagem do evangelho, formando líderes e animadores de comunidade. Outra meta era a de preparar as senhoras e jovens para desempenhar melhor sua missão de esposa, mãe e dona de casa. No folheto que circulou com o objetivo de adesão dos agricultores à campanha estava escrito:

*De teu trabalho depende a vida de tôda (sic) uma nação. Sem o teu trabalho, sem o teu suor, não existiriam cidades, nem fábricas, nem progresso. Tu és importante, mas muitos desconhecem a tua importância. É preciso que tu mesma lhes mostres a tua fôrça (sic) e o teu valor. É preciso que tu te organizes como as outras classes se organizam (...)*¹⁴⁹.

¹⁴⁹Folheto da Campanha de Educação e Promoção Rural, Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida.

O texto do folheto que circulou em várias famílias localizadas na área rural insistia na valorização da auto-estima dos agricultores e na necessidade de organizarem-se em associações:

Podes pensar que pouco ou nada vales porque não tens muito estudo ou porque ouviste outro te chamar de 'colono grosso'. Isto não importa. O que interessa é que tens direitos que ninguém te pode tirar, e, tens qualidades que talvez tu mesmo nunca percebeste. Acima de tudo és livre. Podes encontrar-te com teus amigos e companheiros de trabalho e discutir com eles teus problemas. Podes unir-te em uma organização. De classe e assim tornar-te forte. 'A união faz a força' (...) Meu amigo! Serás grande e forte na medida que souberes unir tuas poucas forças e capacidades às de outras pessoas, dispostas como tu, a colaborar para o progresso e a melhoria do mundo rural. Isolados e desunidos os agricultores jamais poderão pensar em melhores dias. É na união e organização dos que trabalham a terra que está o progresso e o bem-estar de nossa colônia. Se isto, meu amigo, te custa algum sacrifício, lembra-te que muito mais já sofreste e vais sofrer por causa da falta de união e falta de organização de tua classe. Toma a iniciativa do movimento e encontrarás quem irá contigo. Entra de cheio na Campanha de Educação e Promoção Rural. Não espere pelos outros para dar o primeiro passo¹⁵⁰.

A campanha desenvolvida contou com os recursos humanos de um padre e de uma freira liberados para o movimento. Esta iniciativa demonstra a ação da Igreja, de forma articulada, atuando junto aos trabalhadores rurais, visando organizá-los, com o objetivo de fortalecê-los em organizações e associações, valorizando o surgimento de lideranças, e, ao mesmo tempo,

¹⁵⁰ Idem, ibidem.

fazendo com que os trabalhadores rurais se mantivessem próximos da Igreja Católica, seja nas reuniões comunitárias que contaria com a presença de todos os adultos, seja nas reuniões que poderiam ser tanto para todos, como para determinados grupos, como, por exemplo, homens e moços, senhoras e moças, grupos de pais, grupos de jovens - sejam nos cursos de líderes e animadores de comunidade, nos cursos de formação permanentes ou periódicos, nos cursos para senhoras e moças, e nas campanhas para incentivar a boa leitura e torná-la parte do programa diário da família. Neste contexto, a Igreja na região mantinha, em certas ocasiões, uma posição de preocupação com os problemas sociais que, devido à posse da terra, foram criados na região oeste.

Ao registrar a predominância católica, não se está desconsiderando a presença protestante que, através do trabalho das colonizadoras, propiciou também a instalação de colonos protestantes vindos das regiões germânicas dos estados sulistas. A colonização do oeste teve como característica a separação dicotômica entre italianos-alemães e católicos-protestantes,¹⁵¹ característica arquitetada pela própria administração de uma das maiores colonizadoras do Oeste do Paraná - a Maripá.

A política étnico-cultural-religiosa que se registrou na colonizadora Maripá, tendo a sua frente o diretor da companhia colonizadora Alfredo

¹⁵¹ WACHOWICZ, Rui C. *Obrageiros, mensus e colonos - História do oeste paranaense*, Op. cit. p. 178.

Paschoal Ruaro e seu sucessor Willy Barth não misturava num mesmo local colonos de descendência ítala e germânica, bem como católicos e protestantes. Fazia parte desta política colonizadora o convívio aparentemente pacífico entre as diferentes origens étnica e religiosa, porém deveriam viver isoladamente¹⁵². Esta marca da política de colonização se expressa ainda hoje na região oeste do Paraná, onde alguns municípios como Nova Santa Rosa e Marechal Cândido Rondon, ambos de maioria migratória de descendência alemã têm uma predominância religiosa de protestantes, enquanto que os municípios de origem migratória de ítalos, como Santa Helena e Toledo, têm a predominância católica. Esta separação étnica-religiosa fez com que não se registrassem problemas de convivência. Católicos e protestantes mantiveram um bom relacionamento, sendo que ambos, conforme documentos institucionais, mantêm um diálogo ecumênico suficiente para evitar conflitos de ordem doutrinal e pastoral.

Em relação à presença pentecostal, a Igreja Católica demonstrou um posicionamento de insatisfação e até de retaliação aos seus membros, como pode ser observado na ocasião em que foi realizada a primeira reunião de zeladoras das capelinhas domésticas na igreja matriz Nossa Senhora Aparecida. Entre as resoluções tomadas, a quarta delas chama a atenção

¹⁵² Idem, p. 179.

quanto à relação entre igrejas diferentes: “A distribuição de leite em pó, por ora, pára (sic), já que os crentes são os que mais vêm em procura, pois a Igreja Católica não pode ajudar na propaganda contra si mesma”¹⁵³.

Esta citação no livro-tombo expressa uma postura de contrariedade da Igreja Católica às manifestações pentecostais, que surgiam na região oeste do Paraná. Tais manifestações estabeleciam uma concorrência entre os campos religiosos, o que, ao mesmo tempo, gerava um mercado de bens simbólicos provocando a expansão cada vez maior dos campos religiosos.

2.2. A recepção do discurso católico por parte dos colonos

Ao aplicarem na região o sistema de trabalho que já possuíam, as culturas agrícolas que já desenvolviam, possibilitava-se aos poucos a nomização das famílias colonizadoras em terras paranaenses. Um fator que contribuiu para este processo de nomização foi a presença do catolicismo, sendo a religião que traziam consigo¹⁵⁴. Este fator fica bem expresso na observação feita por um antigo morador na região:

No início o atendimento religioso não havia, creio que as famílias de italianos solicitaram a presença de padres, porque se sentiam

¹⁵³ Mais uma vez temos aqui uma demonstração de uma prática contrária ao que sugere o Vaticano II, negando o pluralismo religioso. Livro-tombo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, nº 1, registrado no dia 21/05/64, p. 18 e 19.

¹⁵⁴ Sobre a presença católica e protestante, observa-se que os sulistas eram, na maioria, católicos ou protestantes, das regiões dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina que provinham as famílias colonizadoras.

*meio que desamparadas, sem uma chance de praticar a religião, solicitando a quem de direito na época*¹⁵⁵.

Esta reivindicação é logo feita, sendo registrado na historiografia local o esforço e a insistente solicitação da presença de padres na região que há alguns anos já era colonizada.

Em Cascavel, a presença de padres foi um fator que, correspondendo à religiosidade dos colonizadores do sul, alimentou o imaginário de um povo que tinha no trabalho e na fé, fortes motivações de vida. Sem ajuizarem-se melhores do que outros povos, afirma-se em vários discursos que é um povo trabalhador, como aparece em entrevista com famílias que chegaram na região durante o período da frente sulista de colonização. "*O povo sulista é um tipo de gente trabalhadora e não são pessoas desqualificadas para o trabalho*"¹⁵⁶.

Segundo o vigário, padre Antônio Patuí,

*o colono que veio do Rio Grande, era um colono formado, um colono que sabia trabalhar a terra, plantar e colher os frutos, progredir. Sabia formar um lar, uma cidade, interessava-se para formar uma comunidade. Queria ter escola, queria direção espiritual. Tanto é verdade, que se serviram da minha presença e mandaram vir mais colonos de lá, porque aqui havia assistência (...)*¹⁵⁷.

¹⁵⁵ Entrevista concedida por Antônio Cid, no dia 04/08/95. (A/A).

¹⁵⁶ Entrevista concedida por Alberto Pompeu no dia 05/08/95. (A/A).

¹⁵⁷ PATUÍ, padre Antônio. Entrevista gravada, concedida a Rui C. Wachowicz em novembro de 1979, em Ponta Grossa (WACHOWICZ, p. 178).

E o ímpeto pelo trabalho aparece relacionado à religiosidade. Nas falas é visível um discurso que mostra a nomização, sendo que a presença religiosa se caracteriza como uma instituição que oferecia uma ordem significativa às experiências daqueles colonos¹⁵⁸. Apesar de estarmos frente a colonos católicos e protestantes, é evidenciável nesse caso a relação entre nomização e valorização do trabalho¹⁵⁹, como aponta a fala de um entrevistado:

Em Cascavel, desde o início existia uma certa união entre trabalho e religião, porque os descendentes de italianos e poloneses na região eram pessoas que uniam o trabalho com a religião. [...] E o trabalho teria mais frutos porque estava sob a proteção de Deus e isso se percebe até hoje¹⁶⁰.

Um descendente de família pioneira de Cascavel observa a necessidade que se tinha da presença dos padres, mostrando porque seus pais mantinham sempre um espírito de acolhida aos sacerdotes que por esta região passavam: "*era a presença de alguém que pudesse abençoar aquele começo, dando-nos a certeza de que começávamos pelo caminho certo*"¹⁶¹.

Os discursos provindos do clero registraram uma recepção por parte dos fiéis apontando, em várias entrevistas realizadas, a importância da presença do padre. Mais do que o seu discurso, a sua presença registra uma valorização

¹⁵⁸ BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulinas. p. 32.

¹⁵⁹ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. In: "Os Pensadores". São Paulo : Abril Cultural, 1980. p. 212.

¹⁶⁰ Entrevista concedida por Antônio Cid, no dia 04/08/95. (A/A).

¹⁶¹ Entrevista concedida por Décio Galafassi, em abril de 1995. (A/A).

pelos moradores da região e a consideração expressa pelo fiéis em relação à figura do padre é caracterizado de forma muito intensa.

Aprendi com meu pai: ‘amar os padres, obedecer aos médicos e respeitar os professores’. Meu pai sempre falava, ‘Deus me livre falar mal dos padres’. Para minha mãe, um padre era como um filho dela¹⁶².

Quando cheguei em Toledo, em fevereiro de 1949. O padre Antônio Patuí já estava aqui, foi ele que endireitou a vida da gente. (...) Era uma pessoa muito trabalhadora. No começo eram todos católicos. Depois vieram os protestantes. Era uma pessoa muito boa e enérgica. Lembro-me que ele sempre insistia em querer ver todos como filhos de Deus e que todos amassem a Deus. Recordo-me que ele colocou uma ordem na Igreja, e a maioria gostou. Todos os dias, de manhã após a missa até a tarde, às seis da tarde, deveria ter adoração na Igreja, e todos os dias o pessoal vinha. Começava de manhã até a tarde até, quando se fazia a oração do terço. Sempre tinha a presença de alguém na igreja fazendo adoração ao Santíssimo. Saía uma pessoa, entrava outra, de modo que sempre tinha alguém na igreja. Durante o dia sempre tinha a presença de alguma pessoa. O padre fazia com que todos participassem. Não sei como, acho que o pessoal percebia que o padre tinha razão. A gente obedecia, pois a gente sabia que o que ele fazia era realmente obra de Deus¹⁶³.

Um elemento muito freqüente no discurso dos padres era o da intimação. Entre os entrevistados, é muito comum encontrar depoimentos que apontavam a autoridade do padre e o medo em desacatar suas recomendações. A partir desse elemento, é possível perceber que a recepção discursiva ocorria de forma que nem sempre a mensagem fosse acatada por convencimento.

¹⁶² Entrevista realizada com a senhora Gentila Viezzer, em 01 de julho de 2003.

¹⁶³ Idem, ibidem.

O padre Patuí vinha sempre a cada mês rezar as missas deles e se mandava. Ele vinha sempre muito rapidamente. Mas ele sabia quem vinha e quem deixava de vir à missa. Lembro-me de uma ocasião que o Itacir não pôde vir à missa por motivo de trabalho. E o padre gritou comigo, dentro da igreja, perguntando por que o meu marido não tinha vindo à missa. Aquilo foi terrível. Ele falou na frente de todo mundo, ‘porque o seu Itacir não veio?’ E bateu na mesa. Me deu vontade de sair e ir embora. Ele tinha um lado um pouco explosivo¹⁶⁴.

O padre vinha muito em casa. O padre visitava todo mundo igual. Sabia de tudo o que ocorria na comunidade. Quando alguém não vinha na missa ele queria saber qual a razão de não ter ido à missa. A gente se obrigava a ser católico na marra. Para mim não tem padre que não preste. Fico com pena porque na verdade a gente tem que rezar muito por eles¹⁶⁵.

Ao tratar sobre a recepção, é importante destacar que as práticas pastorais realizadas pelo clero católico na região oeste do Paraná foram variadas e constantes, conforme os documentos apontam. A atuação dos padres e bispo, em transmitir um discurso de valorização da fé católica e da importância da unidade em torno da Igreja, fez com que a instituição se fortalecesse e reunisse uma gama significativa de fiéis. Uma curiosidade presente nestas ações desencadeadas pelo clero é a forma como aconteceu a recepção junto aos fiéis católicos. Os indícios da recepção discursiva se expressam pela forma como os documentos são apresentados, revelando um sintonia como que representava a figura do padre ou do bispo. Esta

¹⁶⁴ Entrevista feita com a senhora Lídia Maria Luchesa, no dia 01 de julho de 2003.

¹⁶⁵ Entrevista feita com a senhora Gentila Viezzer, no dia 01 de julho de 2003.

problematização nos impele ao uso de algumas categorias conceituais, como, por exemplo, a categoria da *recepção*. A recepção é um elemento que aponta para a preocupação de como os destinatários ou receptores agem em relação a algum discurso. A recepção pressupõe que os sentidos de determinados textos ou discursos são construídos no mesmo processo, onde receptor e emissor se distinguem, mas também se interagem¹⁶⁶. O estudo da recepção supõe considerar que a interpretação faça parte constitutiva do processo discursivo. O processo avaliativo do próprio discurso do clero considerou essa questão, sendo através disso que algumas práticas religiosas foram mantidas, outras alteradas, e outras ainda excluídas. E isso é perceptível pela análise comparativa da ação pastoral que ainda hoje é realizada nas dioceses da região oeste do Paraná. Chartier¹⁶⁷ aponta para a idéia de que a construção de sentido que ocorre, seja na leitura de algum texto, seja na escuta de algum discurso, sempre é resultado de um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares e as comunidades. Para Chartier, “*as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores*”¹⁶⁸. Há uma relação muito estreita e também, ao mesmo tempo, independente entre a emissão e a

¹⁶⁶RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Tese de doutorado. UFRGS : Porto Alegre, 2002. p. 43.

¹⁶⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação, In: *Estudos avançados*. USP, 5(11), jan./abr. 1991, p. 178.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*.

recepção de um discurso. Esse elemento é de uma importância ímpar no entendimento da história cultural. Ao discutir as relações entre a produção e a recepção discursiva, Sandra Jatahy Pesavento observa que

*o texto não é só produto do escritor, mas também, produção da leitura. Ou, em outras palavras, o leitor cria um texto próprio, na prática de ler, o que o distancia bastante da posição de consumidor passivo. Trata-se, pois, de um consumo que se converte em produção, manifestando-se, por vezes, uma defasagem entre as intenções do autor do texto ao escrevê-lo e as representações que o leitor elabora no momento da leitura*¹⁶⁹.

Esta questão também é apresentada por Carla Simone Rodeghero, ao considerar que tal defasagem é facilmente perceptível entre as representações ‘oficiais’ emanadas pelo emissor, no caso a Igreja Católica, e as imagens que ficaram registradas na memória dos receptores, no caso os católicos entrevistados.¹⁷⁰

Esta defasagem entre as intenções do emissor e a forma de leitura por parte do receptor permite a criação de representações próprias que permitem uma releitura do discurso feito, a partir da reelaboração por parte do receptor. O que é perceptível neste período é uma articulação da Igreja Católica com vários setores da sociedade buscando a garantia de sua predominância e, como tal, vai se estabelecendo um campo de negociação de bens simbólicos,

¹⁶⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: a leitura sensível do tempo. In: *Anos 90*, Porto Alegre, nº 7, julho de 1997, p. 35.

¹⁷⁰ RODEGHERO, Carla Simone. Op. cit. p. 46 e ss.

negociação que pode ser expressa pelas preocupações pastorais do próprio bispo, como através dos encaminhamentos da ação pelos padres nas diversas paróquias e capelas na região. A visita às famílias, a convocação dos professores para cursos religiosos, a divulgação da “boa” imprensa, a realização das “missões”, e o empenho na construção de templos, e de toda a infra-estrutura para a formação de um clero local e a produção discursiva que constantemente contemplava os agricultores, são exemplos disso. Todo este trabalho manifesta uma demanda religiosa que correspondeu a uma situação social de legitimação da ordem estabelecida própria das classes privilegiadas¹⁷¹.

¹⁷¹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva. p. 87.

III - Uma outra Igreja a partir das mudanças conciliares

A realização do Concílio Ecumênico Vaticano II é um momento de redefinição da Igreja Católica. O objeto de investigação passa a ser a Igreja Católica e sua atuação no espaço local e as interferências que começam a sofrer a partir do pensamento conciliar que a perpassa em âmbito mundial, reelaborando um novo conceito de *igreja*¹⁷² e a repercussão destas mudanças na região. Inicialmente é considerada a situação da Igreja diante da realização do concílio. Embora a realização do Concílio Vaticano II represente um momento crucial para a Igreja, no sentido de mudanças internas tanto no campo pastoral como doutrinal e, portanto, sujeito a provocar situações de crise na instituição, percebe-se, na dimensão microrregional, um certo clima de otimismo na expectativa de a Igreja se transformar numa instituição mais avançada e moderna. Este clima é revelado pelo teor de algumas cartas episcopais, embora não seja necessariamente esta a consequência do concílio.

Num segundo momento, as investigações são direcionadas para as mudanças conciliares e a Igreja no oeste paranaense. A redefinição conceitual

¹⁷² Cito a pertinência da recomendação de Dreher, de que ao escrever sobre a história da Igreja, em primeiro lugar deve perguntar pela natureza da Igreja, deve saber dizer o que é Igreja. Ao trabalhar sobre o conceito de *igreja*, considero apenas o desdobramento histórico em uma dimensão confessional da Igreja Católica Apostólica Romana. Ver: DREHER, Martin N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo : Sinodal, 1999.

de *igreja* é um aspecto que marca a ação e a posição da mesma. Este processo provoca uma situação que não é singular na Igreja Católica na região, no que se refere à reestruturação pastoral e de ação dos próprios padres, sendo que a demonstração de simpatia às mudanças conciliares é quase que uma unanimidade, embora o estilo de ação pastoral de vários sacerdotes revele resistência e dificuldade de incorporação do conceito de uma outra Igreja. Esta situação provocará a realização de práticas e discursos muito antagônicos, o que demonstra uma certa crise organizacional da Igreja no oeste do Paraná.

O desafio e comprometimento de Koselleck ao analisar os testemunhos lingüísticos para descobrir as experiências e conceitos do tempo é algo que instiga e também desafia o pesquisador a olhar o seu objeto de pesquisa numa outra dimensão. Esta disposição de Koselleck nos remete a uma posição de sensibilidade crítica com a pesquisa, que facilmente passaria despercebida se não fosse a maneira séria e profunda que o autor aborda em sua obra historiográfica¹⁷³.

Dois aspectos da obra de Koselleck parecem fundamentais e muito pertinentes neste trabalho historiográfico. O primeiro é quanto ao compromisso com a situação e a temporalidade. Reiteradas vezes Koselleck chama a atenção para a leitura histórica dentro da temporalidade em que a

¹⁷³ A referência da obra é: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona : Ediciones Paidós Ibérica S A., 1993.

trama se desenvolve. É o desafio de perceber e definir a temporalização da perspectiva histórica.

Outro aspecto é quanto à questão da semântica, onde Koselleck insiste na percepção da construção histórica dos conceitos. Neste sentido, os conceitos utilizados numa determinada época e circunstância expressam uma concepção pertinente àquela época e circunstância, o que não se caracteriza de forma absoluta. O tempo forma e deforma os conceitos. O que é fundamental é a sensibilidade investigativa em perceber a que época e circunstância o conceito é construído e qual seu sentido dentro da temporalidade, a qual vai mudando o conceito.

No processo de colonização do oeste paranaense, a presença da Igreja Católica no contexto de ocupação da terra foi marcada por práticas e discursos produzidos pelo clero que se constituíam através de representações que possibilitavam a criação de uma situação favorável à presença dos fiéis e o conseqüente desenvolvimento da região.

Não se trata aqui de rememorar o passado mediante a tradução oral, mas de reconstruí-lo com um procedimento crítico. Neste sentido, o compromisso com a situação e a temporalidade é um aspecto fundamental na análise da atuação da Igreja no oeste paranaense, lembrando a citação de Koselleck¹⁷⁴, ao

¹⁷⁴ KOSELLECK, Reinhart. Op. cit.

referenciar Comenius, de que de “*nenhuma maneira se deve duvidar que uma coisa se comporta tão realmente como se pareça ao observador*”. O que é destacado por Koselleck, longe de assumir uma posição de imparcialidade, é o esforço em fazer uma leitura na temporalidade que é valorizado.

Ao considerar a temporalização da perspectiva histórica, Koselleck observa que, uma vez passada uma história, permanece definitivamente igual a si mesma, porém as direções do olhar do historiador se rompem ao modo de um caleidoscópio, dependendo de sua situação inicial. Remonta a Chladenius que define um marco teórico válido até hoje. As fontes têm um peso específico, não desprezível, porém mediante diferentes formas de olhar, as fontes podem dar a conhecer coisas diferentes. Os usos de “pontos de vistas” da “posição” ou “situação” se entremesclam rapidamente. Na medida em que se tomou a sério a intervenção perspectivista se modificou também o “status” de uma história do passado que já havia transcorrido. Perdeu a qualidade de ter que permanecer sempre idêntica a si mesma para ser verdadeira. A contribuição de Koselleck está voltada para o cuidado metódico de investigação que se torna imprescindível ao abordar o tempo histórico, mantendo o historiador o compromisso com a situação e a temporalidade em que a investigação ocorre.

Ao considerar o papel desenvolvido pela Igreja Católica no período da colonização e posterior desenvolvimento da região oeste, é preciso delimitar as investigações dentro do contexto e expectativas da época, que são característicos do período em questão. Trata-se de uma Igreja situada ainda no período anterior à realização do Concílio Vaticano II, e que, enquanto instituição religiosa, buscava garantir sua legitimação junto a uma população heterogênea, e com poucos recursos humanos e econômicos. Caracterizada pelo período anterior à década de 1950, quando ainda não havia sido criada nenhuma diocese na região oeste do Paraná, e a prática religiosa consistia basicamente na ação sacramentalista dos poucos padres que atuavam na região. Sem a delimitação e reconhecimento deste contexto, a análise histórica facilmente estaria obstruindo uma temporalidade que tornaria tal análise frágil e improcedente.

Na obra de Koselleck um aspecto que é trabalhado de forma admirável é quanto à análise metodologicamente realizada da semântica dos conceitos centrais que tem aglutinado as experiências históricas do tempo. O próprio Koselleck chama a atenção para as análises semânticas, as quais devem buscar a constituição linguística de experiências do tempo ali donde apareceram na realidade passada. Ao considerar a história conceitual, Koselleck critica a transferência despercebida ao passado de expressões da vida social do

presente e ligadas à época. Na história de um conceito é necessário comparar mutuamente o âmbito da experiência e o horizonte de esperança da época correspondente. Daí a exigência de traduzir os significados passados da palavra para a nossa compreensão atual. Por isso, afirma Koselleck, a análise sincrônica do passado se completa diacronicamente. Somente diacronicamente se pode perceber a permanência e a força da validade de um conceito social ou político junto com as estruturas que o correspondem.

Neste sentido, é pertinente perceber a mudança histórica que vem sofrendo o conceito de *igreja*, dentro do campo do catolicismo. No caso brasileiro, durante os três primeiros séculos, a Igreja Católica estava inserida no projeto colonial, onde o monarca português era considerado o chefe efetivo da Igreja, dado que somente a partir do século XIX o Romano Pontífice passou a assumir influência progressiva na organização da vida eclesiástica brasileira. Foi só a partir de fins do século XVIII que um grupo significativo de clérigos passou a questionar o valor desse compromisso histórico. Esses clérigos, por sua vez, se inspiravam muito mais no pensamento dos iluministas e dos racionalistas do século XVIII do que na tradição escolástica do aristotelismo-tomista.

Neste período, o conceito de *igreja* é construído dentro de uma perspectiva de cunho autoritário. *Igreja* é uma instituição onde o poder é

exercido de forma autoritária, e a participação dos fiéis se restringe ao espaço de subserviência às leis canônicas e à aceitabilidade inquestionável das “verdades” dogmáticas.

Uma longa trajetória histórica é realizada e, conseqüentemente, o conceito de *igreja* vai se transformando, seja no período em que a Igreja mostra uma certa abertura para o pensamento liberal, o que ensejou a participação política de uma parte do clero nas lutas pela independência do país, seja no período do Segundo Reinado, onde prevaleceu dentro da Igreja a tônica antiliberal, provocando atitudes conservadoras e até mesmo reacionárias da instituição eclesiástica frente ao avanço da burguesia liberal. No período em que a Igreja enfrentou a laicização do Estado decorrente da implantação da República, dividiu-se o pensamento católico em diversas correntes, desde os simpatizantes do pensamento liberal até os que permaneceram arraigados nas tradições monarquistas. A postura de abertura aos problemas sociais, mediante a chamada “opção pelos pobres” marcou o conceito de *igreja* para uma parte significativa dos fiéis a partir do último quartel do século passado¹⁷⁵. Trata-se de uma trajetória extensa que merece uma análise muito cuidadosa para perceber como que o conceito de *igreja* vem sofrendo mudanças. Por necessidade de delimitação, é pertinente

¹⁷⁵ Ver coleção de seis volumes da história do pensamento católico no Brasil de Riolando Azzi, editada pelas Edições Paulinas.

considerar o processo em que a Igreja, em âmbito mundial, viveu durante a década de 60 do século XX e como a Igreja Católica na região oeste do Paraná se articulou. A movimentação eclesial e as mudanças institucionais decorrentes da realização do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) passaram a redefinir o conceito de *igreja*, repercutindo e influenciando a ação da Igreja a nível local, onde esta presente pesquisa se desenvolve.

Não se trata de uma mudança radical de conceito. O conceito ainda mantém permanências. O que é instigante ao historiador é a possibilidade de trabalhar sob a premissa teórica de ter que harmonizar e comparar a permanência e a mudança. Esta é a recomendação de Koselleck, quando aborda a história conceitual, a qual abarca uma zona de convergência na qual o passado, junto com seus conceitos, afeta os conceitos atuais. Ao trabalhar a mudança de um conceito, é essencial munir-se teoricamente para que se possa conceber o que há de comum e de diferente no tempo.

3.1 – Concílio Vaticano II – A construção do conceito de *igreja* como “povo de Deus”

O conceito de *igreja* passa por um processo de mudança, e o Concílio apenas pode ser tomado como marco dessa mudança. É a tentativa de

conceitualização de *igreja* enquanto “povo de Deus”, onde a participação dos fiéis deveria ser mais ativa. Uma *igreja* onde a ação pastoral de congregar e unir os fiéis deveria ser mais acentuada. Neste sentido, é pertinente observar a nota da obra de Alberigo.¹⁷⁶

‘Pastoral’ é palavra-chave que expressa a dimensão central da eclesiologia de Roncalli, que deveras quer qualificar o concílio por ele convocado como ‘concílio pastoral’. ‘Pastoral’ e os vocábulos com a mesma raiz ocupam lugar de grande relevo no vocabulário de Roncalli. Aparecem ao longo de todo os seus escritos com cerca de 2000 ocorrências, de acordo com a concordância verbal preparada por A. Molloni junto do Instituto para as ciências religiosas de Bolonha.

Percebe-se um processo de mudança de conceito de *igreja*, onde procura romper com uma tradição conservadora, em que Igreja é compreendida apenas como instituição autoritária, onde os fiéis tinham um espaço muito limitado de ação e participação. O que se registra é tentativa da incorporação de mais um elemento ao conceito de *igreja*, enquanto “povo de Deus”, sem deixar ao mesmo tempo de romper totalmente com as características anteriores.

É possível perceber que na proposta conciliar estava a ser delineado um novo momento na história da Igreja Católica. O próprio papa João XXIII, mentor do Concílio Vaticano II, desejava que a realização do mesmo fosse um concílio de transição de épocas, um concílio que fizesse passar a Igreja da

¹⁷⁶ ALBERIGO, Giuseppe (Coord.) *História do Concílio Vaticano II*, Vol. 1., tr. J.R. Costa. Petrópolis : Vozes, 1995. p. 83.

época pós-tridentina e, de certa forma, da plurissecular fase constantiniana para uma fase de testemunho e anúncio, recuperando os elementos fortes e permanentes da tradição, estimados capazes de alimentar e garantir a fidelidade evangélica de transição tão árdua. Nessa perspectiva, o concílio assumia importância toda especial, mais como “evento” que como elaboração e produção de normas¹⁷⁷. Neste contexto, a reconceitualização de *igreja* passa a ser uma questão de importância ímpar. Na ocasião da realização da terceira sessão do concílio, mais precisamente na 82ª Congregação Geral, um dos capítulos debatidos foi o capítulo que levou como título “o povo de Deus”. Na oportunidade, o monsenhor Gabriel Garrone, então arcebispo de Toulouse, na França, recordou, no dia 17 de setembro de 1964, que o texto debatido no ano anterior não tinha nenhum capítulo específico que abordasse sobre o “povo de Deus” e lembrava que os elementos desta concepção de *igreja* estavam esparsos por outros capítulos. Atendendo à solicitação de diversos padres, a comissão do concílio compilou um texto que seria votado, embora com alguns conteúdos inteiramente inéditos. Os motivos pelos quais os padres solicitaram o capítulo foram assim compendiados pelo relator:

1) Pelo título ‘povo de Deus’, tirado da Sagrada Escritura, a Igreja nos é apresentada melhor em seu estado histórico, no tempo, em demanda de sua bem-aventurada finalidade;

¹⁷⁷ ALBERIGO, Giuseppe (Coord.) *História do Concílio Vaticano II*. Vol. I. tr. J. R. Costa. Petrópolis, RJ : Vozes, 1995, p. 57

- 2) *Encarada como ‘povo de Deus’, a Igreja é vista mais em sua totalidade, sobretudo nos pontos comuns a todos os fiéis. Assim se torna bem mais claro que pastores e fiéis pertencem a um só povo, muito embora, sob certo aspecto, a Hierarquia preceda os fiéis, para gerá-los. Pois o Povo como tal e sua salvação está, segundo o plano de Deus, na linha da finalidade, enquanto a Hierarquia é apenas um meio ordenado para este fim;*
- 3) *Daí também fica mais claro tanto o múnus dos pastores que oferecem aos fiéis os meios de salvação, quanto a mesma vocação dos fiéis que devem pessoalmente colaborar na difusão e santificação de toda a Igreja. A Hierarquia, tirada do Povo, age para o bem do Povo e assim se impõe também a idéia de serviço (diakonia), tão insistentemente repetida na Aula;*
- 4) *Outrossim, a unidade da Igreja na variedade católica dos mistérios se torna mais evidente, sem eliminar os elementos específicos das igrejas particulares, das tradições e das culturas;*
- 5) *E – o que tem certa importância para a finalidade ecumênica do presente Concílio - mais corretamente se estabelece a perspectiva para tratar da questão da pertinência à Igreja, coisa que se tornara difícilima com a terminologia dos ‘membros’;*
- 6) *Afinal, vê-se melhor como continua no tempo e como cresce a obra e a vida de Cristo no mundo, o que abre as perspectivas missionárias da Igreja*¹⁷⁸.

As seis razões apresentadas pelo relator da congregação geral caracterizando a Igreja enquanto “povo de Deus” buscam, ao mesmo tempo, um elemento de legitimação da instituição, abstraindo na bíblia o termo que a legitima e define sua identidade histórica. Mas a dimensão de ‘povo de Deus’ fica mais bem expressa na segunda e terceira argumentações, onde, além de apontar para a dimensão da totalidade enquanto conceito da Igreja, o argumento explora a dimensão da comunidade na relação entre fiéis e

¹⁷⁸ KLOPPENBURG, Boaventura. A III Sessão do Vaticano II, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 24, fasc. 4, dezembro de 1964. p. 922.

pastores, sendo reconhecida a primazia da hierarquia. Ou seja, a mesma *“advém do meio do povo e age para o bem deste povo”*. Esta relação construída entre a hierarquia e os fiéis apresenta, também, a legitimação da própria hierarquia, enquanto se constrói como guardiã e zeladora do povo. A construção da idéia de “povo de Deus” supõe a afirmação de comunidade e unidade. Na vasta amplidão da idéia de “povo de Deus” existe a possibilidade de contemplar a todos os fiéis, nos mais diversos locais, sob os mais diversos estilos de vida, independente de suas culturas e tradições que não são elementos unânimes entre todos os membros deste “povo de Deus”, porém permite, mesmo assim, pensar a instituição numa perspectiva de comunidade e portadora da idéia de unidade. Mas, na construção desta perspectiva, a hierarquia manterá uma atuação de zelo institucional, não tanto caracterizada pelo aspecto de ‘diaconia’ ao ‘povo de Deus’, enquanto conceito fundante da Igreja, onde busca a legitimação na Sagrada Escritura, mas a serviço do ‘povo de Deus’, como elemento redutor compreendido numa dimensão de manutenção da instituição na perspectiva da totalidade.

3.2- As mudanças conciliares e a Igreja no oeste paranaense

No período em que o Concílio Vaticano II foi realizado, a Igreja Católica encontrava-se numa fase de estruturação na região oeste do Paraná.

Ao mesmo tempo em que o clero se esforçava em estruturar a Igreja em nível de diocese, paróquias e capelas, tinha-se o desafio também de construir um novo conceito de *igreja*. Nos discursos episcopais a recorrência de incentivo a formar uma igreja caracterizada pelos elementos de comunidade e unidade é constantemente enaltecida, o que aponta uma afinidade entre o discurso do bispo com relação ao novo conceito de *igreja*. Ao concentrar a investigação a partir dos depoimentos de dom Armando Cirio, é possível perceber que no contexto daqueles discursos, a idéia de comunidade e unidade aparece como elemento identitário, uma vez que outras posturas, movimentos e correntes se colocavam de forma um tanto quanto hostilizada diante da Igreja. Em alguns discursos do bispo dom Armando Cirio, o termo *igreja* é substituído pelo termo “comunidades de fé, culto e de caridade”.

*Os dez últimos anos que nos separam da instalação da Diocese, representaram um grande surto de desenvolvimento da vida religiosa. As paróquias e capelas foram se multiplicando com o correr dos anos. Hoje, contamos no território de nossa Diocese com 37 paróquias, **que se traduzem em 500 comunidades de fé, culto e de caridade** (grifo nosso). No entanto, o contínuo e crescente fluxo migratório exigirá, inexoravelmente, a criação de novas paróquias¹⁷⁹*

O conceito de *igreja* que marcou presença junto aos colonizadores, durante o período de ocupação da região, não é mais o mesmo a partir das quatro últimas décadas do século passado, quando as definições do Concílio

¹⁷⁹ Carta apostólica de dom Armando Cirio – 1969 – Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

Vaticano II começam a repercutir e aos poucos começam a ser incorporadas na ação da Igreja. Não se trata de um conceito novo. Mas, na relação de mudanças e permanência, a idéia de *igreja* sofre modificações.

A coincidente realização do Concílio Vaticano II em Roma, entre os anos de 1962 a 1965, com o período dos anos iniciais da estruturação da Diocese de Toledo, sendo ela a primeira Diocese na região oeste do Paraná, criada em 1959, fez com que a avaliação de dom Armando Cirio, que participou do colégio conciliar, fosse caracterizada pelo desafio de construir uma nova diocese, num contexto em que se construía uma nova Igreja.

*a década compreendida entre 1965 e 1975 foi de muitas mudanças também na Diocese de Toledo. Essas mudanças constituíram-se num acontecimento marcante. O Concílio Vaticano II realizado em Roma com a participação de bispos de todo o mundo, e a II Conferência Episcopal Latino-americana (1968), realizada em Medellín, na Colômbia, da qual participaram mais de duzentos delegados da região, são acontecimentos históricos de muita relevância e abrangência e não podiam deixar de ter repercussões na Diocese de Toledo*¹⁸⁰.

Ao comentar sobre o período da realização do concílio num período posterior ao evento, cujos comentários distanciam cerca de três décadas, é pertinente considerar os depoimentos de dom Armando que passam pela ação

¹⁸⁰ Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, Dom Irineu Roque. História da Igreja – Reflexo das mudanças do Concílio Vaticano II na Diocese de Toledo. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano II, nº 21. Toledo : setembro/98. p. 6.

seletiva da memória, sendo ainda depoimentos colhidos para fins de publicação para um público católico. No depoimento do bispo é enfatizado o contexto de mudanças que a sociedade humana atravessava e lembra de várias situações em âmbito mundial que caracterizava o momento histórico. Para dom Armando, todas as dimensões, sejam elas sociais, culturais, morais e religiosas, estavam num processo de reavaliação, onde novos pensamentos e atitudes vinham aos poucos influenciando a maneira de ser das sociedades ocidentais.

Se, pois, a esses acontecimentos da época incluirmos outros que se deram nas áreas política e econômica em diversas nações, de diferentes formas e intensidade, como o movimento estudantil na França, as manifestações contra a Guerra do Vietnã e o racismo, nos Estados Unidos, e o Ato Institucional número 5, no Brasil, têm-se uma visão mais completa dos ventos de contestação, de questionamentos e de mudanças que sopravam em muitos lugares. Em discussão e julgamento estava o passado social, cultural, moral e religioso¹⁸¹.

Ao analisar a influência do Concílio Vaticano II na região oeste do Paraná, dom Armando observa que os aspectos de renovação do próprio concílio foram facilmente aceitos pela comunidade de fiéis, devido à caminhada da Igreja na região, caminhada que era muito recente, e pela característica de heterogeneidade própria da população que estava na região.

¹⁸¹ Idem.

Na nossa região, tudo tinha poucos anos de vida. A população, vinda de diversos estados do Brasil e de diferentes tradições, não opunha resistência aberta ao novo e às transformações que estavam acontecendo no mundo e também na Igreja. Não tendo como empecilho acentuado o passado, foi mais fácil apresentar os documentos produzidos em Roma e Medellín, que aconselhavam a Igreja a refletir sobre si mesma para depois iniciar um processo de mudanças internas e no seu modo de se relacionar com a sociedade.¹⁸²

O concílio marcou inicialmente as mudanças no campo litúrgico. Foi nessa dimensão que a comunidade de fiéis mais sentiu as mudanças que o concílio provocou. A mudança litúrgica caracterizou-se como um elemento importante, onde buscou construir a idéia de *igreja universal*, portanto, vista na sua dimensão de totalidade, e ao mesmo tempo enfatizando a idéia de unidade da Igreja na pluriformidade católica, valorizando alguns elementos particulares das mais diversas culturas dos grupos católicos. A ênfase pastoralística do concílio é perpassada no discurso do bispo.

Já que era preciso, entre outras novidades, passar de uma fé vivida de modo tradicional para uma fé vivida no dia-a-dia, com um comportamento coerente, logo entrou em questionamento a religiosidade popular, a pastoral dos sacramentos e a pastoral litúrgica. Muitos se lembram da religiosidade popular, feita de votos, de promessas e de uma infinidade de devoções, não dando nenhuma importância à participação ativa na vida da Igreja. Outros se lembram de que os sacramentos eram administrados sem uma preparação prévia, pondo em risco a sua eficácia no exercício da vida cristã. Os mais velhos ainda recordam que o padre entrava

¹⁸² Idem.

para dar início à função religiosa sem saudar o povo e levava adiante a celebração, até o seu fim, de costas para todos. Essa pastoral em vigor na época, sem dúvida idônea para o seu tempo em que as estruturas sociais, Igreja, família e escola, eram impregnadas de valores cristãos e em que a fé se transmitia pela mesma força da inércia e da tradição, tinha de ser revista e substituída por motivações mais autênticas¹⁸³.

As observações do bispo caracterizaram uma interpretação histórica visando demonstrar sucessivos momentos que foram marcando a vida da Igreja, segundo a tríplice orientação: renovação, dinamismo pastoral e sensibilidade social. No depoimento do bispo, a recorrência às expressões típicas dos documentos conciliares é referida, procurando sempre vincular o pensamento conciliar com o momento particular que a Igreja no oeste paranaense atravessava:

‘chegou o momento de inventar, com imaginação criadora, a ação que cabe realizar’ (...) ‘a Igreja não pode ficar indiferente perante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina’. As palavras-chave ‘renovação, dinamismo pastoral e sensibilidade social’, fizeram com que se apressasse também o desmembramento da Diocese. Não era difícil perceber que a Igreja presente nesta região tinha outra tarefa a desempenhar diante das necessidades, quer religiosas ou sociais. Não teriam sucesso os esforços para apagar a chama da renovação¹⁸⁴.

Ao caracterizar o efeito das resoluções definidas durante o Concílio Vaticano II, dom Armando insiste que foi tamanha a repercussão na Diocese

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ Idem.

de Toledo que está entre as coisas que não podem ser esquecidas. Para ele, as mudanças ocorridas pelo concílio foram tão significativas que modernizou a instituição, provocando um avanço que há séculos não se registrava.

Alguém denominou este Concílio de ‘Terremoto na Igreja’. Difícil é dizer o seu grau, mas foram muitas as realizações abaladas por ondulações e convulsões desse terremoto. O fato é que, em pouco tempo, operou-se na Igreja mais mudanças que nos quatro séculos anteriores. O Concílio pôs fim a uma etapa histórica da igreja e lançou as bases para a sua nova etapa, indicando-lhe duas diretrizes de marcha: a espiritual e a teológica, buscando a renovação da Igreja e a renovação do coração visando o serviço ao mundo, sobretudo aos pobres¹⁸⁵.

A Diocese de Toledo participou do concílio, sendo representada pelo próprio bispo dom Armando. Segundo sua avaliação, a diocese, que ora se instalava, procurou viver, do melhor modo possível, o tempo de mudanças deflagrado pelo mesmo. O discurso episcopal enfatiza a mudança de perspectiva do olhar da Igreja a partir do concílio, no sentido de reconstruir uma outra identidade para a Igreja Católica.

Com o concílio, a Igreja mudou o modo de olhar para dentro de si mesma, enquanto instituição hierárquica por direito divino, mas democrática o mais possível, por precisar da colaboração de todos os seus membros para cumprir a sua missão. Isso a levou a renovar a sua imagem, a sua identidade, a sua doutrina, a sua liturgia, a sua pastoral, a sua organização e sua presença no mundo e com o mundo¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – Concílio Vaticano II mudou a face da Igreja. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 25. Toledo : fevereiro/99. p. 17.

¹⁸⁶ Idem.

No depoimento de dom Armando, é enfatizada a idéia de que, após o concílio, a Igreja manifestou a possibilidade de mudar seu modo de olhar para o mundo, visto não mais como se fosse penetrado e dominado pelo mal. Passou a considerá-lo mais positivamente, manifestando a sua admiração pelos progressos extraordinários conseguidos nas gerações anteriores. O diálogo e, conseqüentemente, a consideração do homem, abrangendo todas as suas dimensões, foi um avanço possível, permitindo um discurso construtivo com a sociedade moderna, a qual, para o bispo, embora ainda se mantivesse a sociedade como sendo “*incerta e contraditória, é, todavia o fruto de Deus*”¹⁸⁷.

Outro elemento recorrente no discurso do bispo é a valorização da figura do leigo, recurso necessário para construir a identidade da Igreja enquanto “povo de Deus”. Ao atribuir uma ação intransferível para o laicato, a hierarquia convocava os leigos para assumirem um grau de responsabilidade dentro da estrutura eclesial, que se fundamentava basicamente numa dupla ação. A primeira era a participação pastoral, onde mais destacadamente aparecia a dimensão de diaconia. O laicato era convocado para o serviço eclesial. Outra ação, de nível mais interior e pessoal, era a conclamação para que os leigos tivessem um estilo de comportamento que os identificassem

¹⁸⁷ Idem.

enquanto pertencentes ao “povo de Deus”. Esta dupla posição é bem expressa no depoimento de dom Armando:

*A Igreja também mudou o seu modo de olhar para o leigo, que precisa ser inserido na engrenagem da vida eclesial para poder fermentar, implantar e firmar, nas realidades e nas condições humanas diversas que aparecem, o Evangelho de Jesus Cristo, de maneira concreta, compreensível e convincente. Os cristãos comuns são hoje o único Evangelho que boa parte do mundo lê. Isto é: a palavra que pode mudar o mundo não é mais a Bíblia, na qual muitos não acreditam ou simplesmente ignoram, mas a do comportamento dos membros da Igreja, particularmente os leigos.*¹⁸⁸

Ao comentar, em 1999, sobre um período de três décadas decorrido do Concílio Vaticano II, ocasião em que registrou o depoimento, dom Armando avalia de forma positiva e valorativa a ação do laicato.

*Passados pouco mais de 30 anos do Concílio Vaticano II, estamos vendo que os leigos de hoje são mais maduros, conscientes, criativos e responsáveis que os de ontem. Hoje os leigos constituem verdadeiramente ‘a vanguarda da Igreja’, porque se preocupam não somente em dizer coisas maravilhosas, mas também de vivê-las*¹⁸⁹.

Embora o concílio apontasse para uma dimensão de ordem pastoral e doutrinal, ele se fez notar com maior intensidade na região oeste a partir das reformas litúrgicas implementadas. Esta mesma característica é enfatizada por dom Armando Cirio.

Com o Concílio, a Igreja mudou o modo de realizar as celebrações litúrgicas, os sacramentos e a sua ação pastoral. Aliás, foram esses novos modos que mais impactos criaram na Diocese de Toledo, recém-criada e composta de pessoas oriundas de muitas partes do

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem.

Brasil. A introdução de ritos, de linguagem, de experiências, de mudanças, de normas pastorais, em aberto contraste com a mentalidade e tradições reinantes, chocava com a consciência de muitos. Contudo, o que a Igreja queria era reagir ao espetáculo de um cristianismo reduzido à observância legal e ao cumprimento externo das obrigações. A reforma litúrgica visava renovar a fé, a piedade, a participação dos fiéis, antes mudos e ausentes espectadores de fórmulas e palavras que não entendiam, e os sacramentos, cujos valores não eram mais compreendidos. Lembro ainda hoje a emoção que tive ao rezar a primeira missa em língua portuguesa, não mais de costas para o povo. Emoção não tanto para mim, que entendia o latim, mas muito mais para as pessoas, que ficaram felizes de poder entender o que o padre estava falando e ver o seu rosto durante toda a celebração¹⁹⁰.

Se, por um lado, o discurso do bispo aponta para uma dimensão valorativa da atuação do laicato no período pós-conciliar, por outro lado não falta uma demonstração de pessimismo e frustração ao avaliar que os objetivos propostos pela reforma conciliar não se consolidaram na sua essencialidade. Mas ao mesmo tempo argumenta que as frustrações registradas pela Igreja lhe eram o próprio desafio a ser enfrentado e que, na relação entre o mutável e o imutável, a Igreja se afirmava como guardiã da tradição e da sua riqueza teológica que contempla toda uma dimensão que a instituição atribuiu como sendo do campo da “revelação”, portanto, preservando o imutável. Ao mesmo tempo tomava uma postura diante das frustrações como sendo desafios a serem vencidos no plano pastoral. Nesta situação, a criatividade e estratégias

¹⁹⁰ Idem.

de ação eram incentivadas, pois se tratava de construir-se e consolidar-se nas mais diversas culturas e sociedade. O campo mutável era compreendido como espaço de ação pastoral de convencimento e conquista de mentes, o que a isso se atribuiu como sendo um campo permanente de “conversão”. O depoimento do bispo enfatizava essa dupla posição da Igreja.

O esforço empreendido pela Igreja para distinguir o essencial do acidental, entre aquilo que muda e varia e aquilo que é imutável, confiada a ela como valor eterno ou revelação, não deu o resultado esperado. As dificuldades enfrentadas pela Igreja provêm sempre da sua dúplici natureza, que lhe impõe, de um lado, permanecer fiel ao imutável depósito da fé e, do outro lado, buscar sempre novos caminhos à evangelização, caminhos que devem ser encontrados com a história, sempre diversa, confusa e até trágica, como a que tivemos de viver e que foi chamada ‘crise de civilização’¹⁹¹.

O período pós-conciliar se configurou em âmbito mundial, na ótica da Igreja, como sendo um período de crises, marcado principalmente pela difusão impressionante do ateísmo e individualismo religioso, portadores duma visão de mundo secularizado, isto é, uma visão de vida inspirada no materialismo e no hedonismo. Neste cenário de crise, os ataques que mais sensibilizaram a instituição foram os gerados internamente por setores da instituição. Ao referir-se sobre as crises advindas a partir das reformas conciliares, dom Armando utiliza-se de uma imagem do dualismo presente na sociedade, onde, numa postura apologética, atribuí, na luta entre o bem e o mal, uma aparente

¹⁹¹ Idem.

vantagem do mal, na medida em que sua ação era mais notória e de maior impacto, porém concluí que a ação do bem era menos visível, mas de maior operância. E esta seria a característica da Igreja, expressada no momento pós-conciliar.

O pior foi que os ataques contra a Igreja não vieram somente de fora, mas de dentro da própria comunidade cristã. Daí os numerosos grupos de cristãos contra a Igreja institucional, os grupos de cristãos que queriam fazer do cristianismo somente uma força de revolução social e política e os grupos de conservadorismo extremo. Daí, pois, o desabafo do Papa Paulo VI: 'Houve pessoas que aproveitaram o período de revisão e de ajuste na vida da Igreja para pôr tudo em discussão, para fazer críticas sistemáticas e destrutivas e para procurar um caminho mais fácil para o cristianismo'. Podemos dizer que houve 'crises' na Igreja, mas não 'crise' da Igreja. A Igreja queria uma reforma geral, sim, mas com a Igreja e na Igreja. Isto exigia, de quem tinha uma parcela de responsabilidade na Igreja, muita sabedoria, muito discernimento, muito equilíbrio e paciência. A gente sabe que o mal assume facilmente proporções alarmantes, mas muitas vezes irrealis e mentirosas. O bem, pelo contrário, aparece menos, é menos rumoroso, mas nem por isso é menos real, menos consistente, menos operante¹⁹².

Se, por um lado, é perceptível a construção de um discurso do bispo local afinado com as diretrizes emanadas do concílio, também se faz necessário explorar a atuação da Igreja no campo da ação pastoral para poder perceber a existência, ou não, de uma possível manutenção desta afinidade.

¹⁹² Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – Concílio Vaticano II mudou a face da Igreja. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 25. Toledo : fevereiro/99. p. 17 e 18.

A análise da atuação da Igreja na região oeste do Paraná parte do elemento identitário da Igreja como sendo o “povo de Deus”. Este termo, já anteriormente referenciado, obtém uma importância ímpar no campo conceitual da Igreja. Razão de ser freqüentemente citado durante os trabalhos conciliares e enfatizado nas mensagens conclusivas do evento, como, por exemplo, aparece na mensagem do episcopado brasileiro no encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II, publicada em 08 de dezembro de 1965, em Roma.

(...) Não é nossa intenção determo-nos a expor aqui nem sequer a síntese dos documentos promulgados. Isso vai ser nosso longo e cuidadoso empenho pelos anos que agora se seguem. Mas vamos salientar alguns aspectos da doutrinação conciliar. A constituição dogmática ‘De Ecclesia’ (Lumen Gentium) é como a espinha dorsal de todo o Concílio. Com nova clareza aí se apresenta a Igreja como ‘povo de Deus’, com toda a riqueza de conotações que este conceito traz consigo. Sente-se uma Igreja viva, consciente, dinâmica, que caminha e cresce. Sociedade organizada, estruturada, mas, sobretudo, organismo que vive, que respira. É o Corpo Místico de Cristo. Cristo vive na Igreja. E ela há de ser tão bela na vida exemplar de seus membros, que o mundo possa ver de fato um reflexo do esplendor de Cristo na fase da Igreja¹⁹³.

A ação pastoral da Igreja no oeste paranaense, já abordada no capítulo anterior, apontava para o esforço de uma atuação da Igreja que se identificasse com o pensamento conciliar. Atuação que, em alguns momentos, apontava para uma direção conservadora, em outras, numa dimensão mais progressista.

¹⁹³ Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 26, fascículo 1, março de 1966. p. 184.

Conceitos reconstruídos a partir do surgimento da corrente teológica de forte influência na América Latina e principalmente no Brasil, a partir dos anos de 1970, chamada “Teologia da Libertação”.

Fiel à concepção de “povo de Deus”, a atuação da Igreja sublinhou recorrentemente sua postura conservadora na região, atuação que pode ser observada através de alguns registros documentais, como, por exemplo, a realização, em maio de 1964, em Toledo, do movimento “Marcha da Família com Deus” em ação de graças pela vitória contra o comunismo¹⁹⁴. Esse mesmo espírito conservador é expresso na liturgia da celebração da missa em 1962, onde os padres consultores diocesanos da Diocese de Toledo tomaram posse e assumiram suas funções pastorais. A celebração terminou com o juramento anti-modernista¹⁹⁵, por parte dos padres empossados.

Em outros momentos posicionava-se de forma combativa em relação a grupos e instituições, como, por exemplo, o movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP) e o espiritismo.

Alertou-se o povo para analisarem e verem a veracidade ou não da promoção da T.F.P. dizendo-se combater o eminente comunismo. Deu-se uma explanação, do ponto de vista da Igreja sobre esta falha instituição¹⁹⁶

Alertou-se os fiéis quanto ao perigo que certas seitas trazem, tais como o espiritismo. Pois antes de vermos como funcionam estas

¹⁹⁴ Livro-Tombo, nº I, da Catedral Cristo Rei de Toledo. p. 18-B.

¹⁹⁵ Idem, p. 12-A.

¹⁹⁶ Idem, p. 72-B e 73-A.

*seitas devemos primeiro conhecer melhor e viver realmente a nossa religião*¹⁹⁷.

Por ocasião do décimo aniversário da instalação da Diocese de Toledo e decorridos cinco anos do encerramento do Concílio Vaticano II, o bispo diocesano, em colaboração com o conselho pastoral diocesano, produziu alguns subsídios para as pregações em todo o âmbito diocesano. Os documentos que tiveram como tema central a diocese – “família de Deus”, eram compostos, numa primeira parte do histórico da Igreja na região oeste do Paraná. Na segunda parte abordavam o conceito de *diocese* e em seguida apresentavam a organização da diocese em geral e em particular, culminando com a parte mais extensa e elaborada que era intitulada o programa da diocese. Nesta parte do documento, enfatizava-se que, por ocasião da celebração do décimo aniversário da diocese, tinha-se a oportunidade de constatar o que já havia sido feito a nível pastoral e, ao mesmo tempo, se caracterizava como sendo uma oportunidade privilegiada para pensar e marcar metas que eram apontadas numa perspectiva de renovação do espírito diocesano.

A organização da diocese é sem dúvida um fato positivo. Mas não é tudo, porque poderia se tornar uma simples estrutura fria e inútil. Para proceder de verdade à adaptação e transformação exigida pelos momentos atuais, deve-se também proceder a uma renovação

¹⁹⁷ Idem, p.81-B.

*no espírito de todos os católicos da Diocese. Destacamos aqui três linhas fundamentais do programa diocesano de renovação: Espírito Missionário, Espírito de Comunhão, Espírito de Serviço*¹⁹⁸.

As ações pastorais direcionadas a esta tríplice renovação da Igreja, seja na ação missionária, de comunhão e de serviço, eram expostas e defendidas pelo conselho pastoral a partir da construção representativa do sentido da diocese. Tratava-se de conceber a diocese como uma família.

*Considerando a Igreja como “povo de Deus”, poderíamos chamar a diocese como uma “família do povo de Deus”, de maneira que a doutrina do concílio sobre a Igreja Universal, reflete-se sobre as igrejas particulares, que são as dioceses.*¹⁹⁹

Ao considerar a representação da diocese enquanto uma família, a própria idéia de família também é definida. Os elementos de unidade, direcionamento de objetivos e principalmente do exercício do poder ministerial no seio desta família ficam bem definidos pelo comentário que segue no documento:

*Daí poderíamos dizer que a diocese é ‘A Família de Deus em marcha’. Uma família **santa**, porém, que deve lutar para conquistar e conservar sua santidade. Uma família **una** porque nela todos possuem a mesma vida: a graça; a mesma fé na palavra de Deus; os mesmos direitos de filhos de Deus; os mesmos alimentos: os sacramentos; a mesma lei: o amor. Mas com funções diferentes: Bispo, sacerdotes, leigos*²⁰⁰.

¹⁹⁸ Subsídios para pregação sobre “Diocese-Família de Deus”. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel-PR.

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.

Assim concebida a Igreja, a ação pastoral dentro do âmbito diocesano se articulava dentro de sete áreas de atuação que caracterizariam a dimensão missionária da Igreja. A primeira área era a atuação da Igreja no seio das famílias cristãs. Após definir uma posição de irrestrita defesa ao matrimônio indissolúvel, sob a alegação de supostas falsas concepções do amor e da liberdade, a Igreja posicionava-se na eminente necessidade de defender as famílias de todas as insídias do materialismo hedonista e afirmava a necessidade de resguardar o direito-dever de educar os filhos em sua legítima autonomia. As ações pastorais eram redirecionadas a fim de que possibilitassem que

(...) todas as famílias cristãs desempenhem sua tarefa de colaboração ativa no plano da salvação, como células vitais da Igreja, sendo elas também comunidades de amor e de salvação. Será inexoravelmente frustrado o ministério da Igreja se faltar o ministério das famílias, que são fruto e semente da mesma Igreja²⁰¹.

O documento recorria aos ensinamentos do concílio para legitimar e demonstrar sua ação de sintonia com os preceitos da Igreja enquanto universal “a família é a primeira escola de virtudes sociais de que necessita a sociedade”²⁰².

²⁰¹ Idem.

²⁰² Decreto *Gravissimum Educationis*. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos e declarações*. 13ª ed. Vozes : Petrópolis, 1979. p. 585.

Outra área de concentração da ação pastoral foi em relação à educação, tendo como estratégia de atuação a gama de professores católicos que, paralelamente às atividades inerentes ao trabalho do ensino, passam a ser convocados a desempenhar uma missão de afinidade com a doutrina cristã. Próxima dessa área, a pastoral catequética também recebeu uma valorização dentro das atividades apostólicas da Igreja. A esta pastoral caberia a preparação sacramental das crianças e dos adolescentes. Recorrendo novamente ao texto conciliar, o documento aponta a ação dos catequistas como sendo de “singular e indispensável auxílio à expansão da fé e da Igreja”²⁰³.

A pastoral da juventude também se configurou como sendo outra área de destaque, onde o objetivo de marcar uma presença mais próxima e intensa junto aos jovens era caracterizada pelo grande número de jovens que compõem a sociedade. O documento enfatiza a necessidade de uma pastoral bem organizada junto a esta parcela dos cristãos, afirmando que

(...) a Igreja espera da coragem e da generosidade dos jovens, um progresso real de vivência na religião, na propagação das verdades do Evangelho e uma maior aceitação de Deus na vida do homem
204

²⁰³ Decreto Ad Gentes. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos e declarações*. 13ª ed. Vozes : Petrópolis, 1979. p. 373.

²⁰⁴ Subsídios para pregação sobre “Diocese-Família de Deus”. Arquivo da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel-PR.

O documento contemplava outras áreas que eram relativas à presença da Igreja junto às autoridades constituídas do poder civil, a presença de um espírito missionário junto a todos os fiéis e a ênfase de renovação eclesial junto ao clero e religiosos, pois que, diante dos ensinamentos conciliares, registrava-se um certo desconforto no esforço de assimilação de uma nova visão de Igreja.

A Igreja pós-conciliar esforça para efetuar a renovação e reestruturação postulada pelo Concílio e está vivendo, sobretudo entre o clero e religiosos, horas de sofrimento e de incerteza, parecendo a alguns ser isso, confusão. É a situação típica de crescimento, de superação de uma condição bem conhecida e estável, para uma outra melhor, da qual se conhece somente a meta que se quer alcançar²⁰⁵.

A dimensão do espírito de comunhão apontava a importância da Igreja em se caracterizar como uma, onde a estreita comunhão da Igreja Universal com a Igreja do Brasil, com as igrejas regionais e, por sua vez, com as inúmeras comunidades paroquiais e comunidade de base, deveriam ser construída e preservada. A nível estrutural, essa unidade é perceptível, principalmente no estabelecimento de uma estrutura hierárquica em que a Igreja Universal é representada pelo papa e pelo corpo cardinalístico composto por membros de todos os continentes e pela presença das nunciaturas em quase todos os países. No âmbito nacional, a composição da Conferência

²⁰⁵ Idem.

Nacional dos Bispos do Brasil, com a presença de todos os bispos, portanto, todas as dioceses unidas, e subdivididas por vários setores regionais, abrangendo todo o território nacional e a estrutura de Igreja em âmbito diocesano, onde todas as paróquias e comunidades católicas estabelecem uma relação direta através dos seus párocos e vigários com o bispo. Se, na perspectiva estrutural, a dimensão de comunhão foi estabelecida, a mesma não foi garantida no estabelecimento de uma comunhão no campo discursivo e ideológico.

Ao considerar a dimensão do espírito de serviço, o documento expressa a necessidade do serviço no campo da evangelização. Ao ressaltar o valor do poder hierárquico constituído, a idéia se concentra no exercício de um poder que deveria ser exercido junto aos fiéis, o qual necessitava estar antenado às novas circunstâncias em que a sociedade se encontrava.

(...) o ministério hierárquico, como também o apostolado dos leigos, dever ser um serviço, algo que seja proveitoso para os homens e às necessidades de hoje. Exige, por conseqüência, uma mudança de mentalidade, de método, de apostolado, de sistema de tratar com os homens. O apóstolo deverá constantemente atualizar o seu serviço, para que seja entendido e aproveitado pelos fiéis. Os fiéis, por sua parte, devem tomar as suas responsabilidades: não exigir que o sacerdote faça tudo sozinho, dar seu apoio com uma colaboração leal, não com segundas intenções, mas, visando o bem real da comunidade²⁰⁶.

²⁰⁶ Idem.

A dimensão do espírito de serviço também era expressa no campo da cultura, onde defendia uma postura em que os “*crístãos promovam o aprofundamento e a dilatação da cultura, e levem na interpretação e no uso da cultura os princípios de sua fé*”²⁰⁷. A ênfase se direcionava à atuação dos colégios católicos. Outros campos eram os das obras de caridade, o campo da ação política e social, o campo dos meios de comunicação social, e posicionava-se também em face aos bens materiais.

No transcorrer das décadas seguintes ao concílio, a Igreja em âmbito regional, manifestou constantemente uma ação voltada para a valorização institucional, buscando a readequação das pastorais, tendo como premissa básica a edificação do “povo de Deus”, insistindo constantemente na caracterização de uma comunidade unida nos laços da solidariedade e no exercício pastoral que envolvia a co-responsabilidade do clero e dos fiéis. Na carta pastoral de dom Armando, no ano de 1987, manifestava esta necessidade latente na ação da Igreja em todo o território diocesano, enaltecendo uma trajetória histórica das pastorais e apontando a necessidade de avanços.

Iniciamos o ano de 1987 com mais padres, mais religiosas, mais paróquias, mais forças religiosas. Porém, na busca de novas formas de fazer pastoral não vale tanto a valentia de um padre, de um religioso, de um leigo, quanto à atitude madura de toda a Diocese, unida na solidariedade interna e no exercício da co-responsabilidade. Faz-se necessário, por isso, dirigir nossa atenção

²⁰⁷ Idem.

sobre todos os setores da vida pastoral, para aperfeiçoar e até criar novos programas e métodos de apostolado, a fim de responder às necessidades dos nossos tempos. Só assim a evangelização encontrará caminhos apropriados, eficazes e duradouros. Não obstante a grande caminhada que se fez, gostaria de ver mais aperfeiçoada a catequese às crianças e aos adolescentes e encaminhada a catequese para os adultos; gostaria de ver realçado o incentivo à pastoral da família e das vocações; a importância da formação de grupos paroquiais de jovens, com iniciativas para preservar os valores morais, espirituais, evangélicos e sociais; o impulso para se ter um número crescente de leigos inseridos, com convicção, no apostolado e traduzido na própria fé em obras concretas na vida da sociedade; gostaria de ver o interesse pelas necessidades da Igreja e de cada pessoa do nosso irmão; uma pastoral mais autêntica e um melhor serviço ao mundo; os grupos de reflexão com o espírito de comunidades eclesiais de base; uma Igreja aberta aos novos fermentos da história; uma Diocese mais viva e mais rica de espírito missionário; enfim, gostaria de ver um trabalho não de quem semeia e quer colher imediatamente, mas de quem sabe que a colheita deve ser esperada²⁰⁸.

Por ocasião da discussão e elaboração do Plano de Pastoral Diocesano, em 1988, novamente estava presente a linha inspiradora do Concílio Vaticano II, que era a concentração de todas as forças da Igreja no sentido de formar o “povo de Deus”.

A primeira reunião do clero do ano em curso se dará o dia 1º de março. Dada a sua importância pastoral, não só faço apelo para que todos os padres estejam presentes, mas que os párocos tragam também à reunião mais três agentes de pastoral, entre leigos e religiosos. O assunto central da reunião do dia 1º de março será: o Novo Plano de Pastoral Diocesano. Com este ano, 1988, damos início a um Novo Plano de Pastoral Diocesano, que tem como tema: Comunidade. Lema: Todos Igreja a serviço do Reino (Comunhão).

²⁰⁸ Carta de dom Armando Círio. *Comunicado ao povo de Deus*. Cascavel, 04 de abril de 1987.

*Programa: Formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna.*²⁰⁹

Ao justificar a definição do tema para o plano pastoral diocesano, dom Armando fez uma retomada dos planos anteriores, apontando uma ação da Igreja de forma contínua, seqüencial e planejada. Inicialmente apontou o objetivo do primeiro plano pastoral, que teve como meta a conscientização do cristão enquanto pessoa e a consciência de pertença a uma comunidade.

Para entendermos melhor a escolha da ‘comunidade’, como tema do terceiro plano, é oportuno reportarmo-nos brevemente aos objetivos dos dois planos já realizados. O primeiro plano visava fazer com que o cristão tomasse mais a sério a sua dignidade de cristão, posta em cheque pela tradição, pela conveniência, pela superstição, pelo conhecimento superficial da própria fé. Tratava-se, portanto, de levar o cristão a ter uma noção mais exata dos sacramentos, da oração e santificação do Domingo, do cumprimento das obrigações religiosas e também da organização da vida da comunidade. Teve como lema: ‘ Igreja, caminho do cristão ’²¹⁰.

O segundo plano apontava para a postura do cristão diante das ameaças sociais que colocam em risco a dignidade da pessoa humana. Este plano, inserido no contexto do Concílio Vaticano II, e mais sintonizado às resoluções das Assembléias de Medellín e Puebla, “*indicava a necessidade de uma ação social da Igreja direcionada na promoção de todos os homens e do homem*

²⁰⁹ Orientações feitas pelo arcebispo de Cascavel, dom Armando Cirio, em 02 de fevereiro de 1988.

²¹⁰ Idem.

todo, enaltecendo, entre as dimensões da caridade, o seu aspecto ‘libertador’ e ‘transformador’”²¹¹.

O segundo plano visava fazer com que a Igreja tomasse mais a sério a dignidade da pessoa humana, posta em cheque pela pobreza, pela desigualdade, pela opressão. Tratava-se, conseqüentemente, levar a Igreja a ter sensibilidade pelas necessidades dos irmãos, interesse pela promoção de todos os homens e do homem todo. Passou-se, com isso, a refletir sobre as três dimensões da caridade: caridade assistencialista, caridade promocional, caridade libertadora ou transformadora. Teve como lema: ‘Homem, caminho da Igreja’²¹².

No plano, que ora era discutido, a ênfase recaía novamente na idéia de igreja, enquanto comunidade e espaço de atuação da responsabilidade.

(...) Este terceiro plano visa fazer compreender que é na comunidade que a Igreja desenvolve normalmente a sua ação pastoral e o cristão descobre e encontra a sua vocação, a sua responsabilidade, a sua parte que lhe toca para participar efetivamente no apostolado da Igreja, na dinamização do corpo eclesial e social, na construção do Reino de Deus. A união e o diálogo com os irmãos na fé, sendo essenciais, adotou-se o lema: ‘Todos, Igreja a serviço do Reino’²¹³.

Ao abordar uma dimensão identitária da Igreja, que é a dimensão de comunidade, as orientações vindas do bispado apontavam para uma definição de comunidade e a especificidade do conceito que melhor se adequaria aos objetivos da ação pastoral da Diocese.

A pessoa humana é um ser essencialmente social e gosta se integrar numa comunidade, quando atraído por algum interesse.

²¹¹ Idem.

²¹² Orientações feitas pelo arcebispo de Cascavel, dom Armando Cirio, em 02 de fevereiro de 1988.

²¹³ Idem.

Comunidade, portanto, é um grupo de pessoas que têm em comum algo de sua vida. No nosso caso, temos em comum uma vida orientada pela fé, com a tarefa de testemunhá-la e de traduzi-la com obras de caridade e em gestos de partilha. Lembremo-nos de que estamos no meio de um povo que anseia por uma libertação. E uma comunidade cristã, unida, encarnada na realidade, dotada de estruturas, com uma pastoral que não separa os seus diversos aspectos, pode-se tornar um instrumento valioso na prestação de um serviço ao homem e à sociedade²¹⁴.

Na perspectiva comunitária, buscava-se fundamentar a ação da Igreja, apontando para a postura do concílio, o qual destacava que a idéia de “santificação” não se opera de forma isolada e individual, mas de forma comunitária, enquanto membros do “povo de Deus”. Ao mesmo tempo, a preocupação do bispo era que a ênfase do plano pastoral não se configurasse como algo redutor e limitado da ação da Igreja no âmbito diocesano, mas que os elementos tratados nos planos anteriores fossem incorporados ao atual.

O cristão, pois, inserindo-se numa comunidade, garante mais facilmente a sua perseverança e o cumprimento da sua missão de enviado e de servidor. ‘Aprove a Deus santificar e salvar os homens não individualmente e sem nenhum vínculo entre si, mas constituir um povo que o reconhece na verdade e fielmente o servisse’. (L.G.)²¹⁵. Logicamente, nos quatro anos de duração do plano, ano por ano será focalizada uma das quatro comunidades que mais nos interessam: família, comunidade eclesial, paróquia, diocese. Porém, não pode se tornar assunto exclusivo do ano²¹⁶.

Na visão do bispo, a ação pastoral da Igreja somente poderia registrar bons resultados na medida em que a dimensão de comunhão se tornasse uma

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

²¹⁶ Orientações feitas pelo arcebispo de Cascavel, dom Armando Cirio, em 02 de fevereiro de 1988.

característica constante. Mais do que definir claramente a atuação das diversas pastorais, a ênfase parece residir na consolidação deste elemento identitário.

Só através duma pastoral, na perspectiva da comunhão, é possível renovar as comunidades cristãs e torná-las capaz de responder aos desafios da hora presente. A comunhão, que tem a mesma raiz da palavra comunidade, indica também um grupo de pessoas, que têm em comum, no nosso caso, a fé, as concepções da vida, a mesma maneira de interpretar as coisas e fatos. E o Papa João Paulo II acrescentaria: ‘Comunhão é termo com o qual se quer indicar que cada um dos fiéis participa com os outros na mesma vocação, na mesma fé, no mesmo batismo, na mesma Eucaristia, na mesma comunidade eclesial, na mesma missão da Igreja, no mesmo mundo’. ‘Todos Igreja’, pois, no plano operacional, significa criar condições para que se realize de fato a co-responsabilidade. Hoje, e mais ainda no futuro, a presença de comunidades cristãs, que vivam a comunhão e a expressam em atitudes e em organismos de participação é uma comunidade²¹⁷.

Numa abordagem conclusiva das orientações do arcebispo em vista à elaboração do plano pastoral, a recorrência ao conceito de “povo de Deus” estava intimamente ligada à idéia da construção de uma sociedade justa e fraterna. Esta perspectiva da justiça social é posta então como outra dimensão da ação pastoral, que permitiu a articulação e apoio às várias iniciativas dos leigos nos diversos campos sociais, tendo como defesa da dignidade e da liberdade do homem, enquanto valores inalienáveis.

Formar o povo de Deus é, antes de mais nada, orientá-lo para que realize a síntese entre fé e vida, de forma que, inserido no mundo, ele possa transformá-lo encarnando em suas estruturas os valores evangélicos. A tarefa da construção de uma sociedade justa e

²¹⁷ Idem.

fraterna é uma responsabilidade de todos os membros do povo de Deus, quer atuando individualmente, quer atuando através das mais variadas organizações de que participam. A Igreja procura colaborar com todos, tendo em vista tão alto objetivo. Essa colaboração será tanto mais eficaz quanto mais numerosas e bem formadas forem as comunidades da Igreja. Levar o cristão a participar na edificação de uma sociedade em que sejam respeitadas a dignidade e a liberdade da pessoa e sejam promovidos todos os seus valores e direitos inalienáveis, constitui uma outra dimensão da ação pastoral da Igreja²¹⁸.

A partir das repercussões das definições conciliares e, conseqüentemente, a redefinição conceitual da Igreja, enquanto “povo de Deus”, e a incorporação desta concepção dentro dos planos pastorais, proporcionaria à Igreja, no âmbito regional, a possibilidade de posturas diante das circunstâncias que se apresentariam no contexto social. Ora algumas posturas mais conservadoras, outras mais avançadas. Diante de um cenário social marcadamente influenciado pelo processo modernizador do campo, e com todas as conseqüências sociais decorrentes desse processo, principalmente na ampliação dos espaços urbanos, colocaria a Igreja diante de novos desafios e enfrentamentos. Neste contexto que, sob a influência de correntes sociais que influenciaram a ação da Igreja, de modo destacável a influência da ação pastoral francesa, seria possível perceber uma rearticulação da Igreja voltada para uma atuação no campo social, sem perder de vista seu conceito de “povo de Deus”.

²¹⁸Idem.

IV - Ação da Igreja frente ao processo modernizador do campo

Se, no capítulo anterior, a abordagem esteve mais concentrada no período da realização do Concílio Vaticano II, enquanto construção do conceito de *igreja*, neste capítulo o enfoque busca compreender a Igreja tanto no contexto rural, agora modificado, como no contexto urbanizado. A abordagem lança seu olhar para outros momentos que a Igreja vivenciou no seu campo de ação teológico-pastoral. Para essa abordagem, entre as várias iniciativas e movimentos articulados durante o século passado, um que marcou de forma significativa a trajetória da Igreja no Brasil, contribuindo na caracterização identitária parcial da Igreja durante a segunda metade do século, foi a Ação Católica que, em nível de Igreja universal, teve seu início no período entre-guerras, incentivada pelo Papa Pio XI. No Brasil, a partir dos anos de 1960 sofreu um processo de reelaboração e acabou por desempenhar uma influência significativa na Igreja. A corrente teológica, elaborada a partir de vários teólogos latino-americanos, chamada de Teologia da Libertação, que marcou a ação da Igreja no Brasil no final da década de 1970 e na década seguinte, pode ser entendida como uma produção teológica que, entre outros elementos, possui uma raiz ligada ao processo iniciado ainda pela Ação Católica.

4.1. A Ação Católica e o movimento “Economia e Humanismo” – reflexos de uma trajetória do agir social da Igreja

A Igreja Católica tem sido tema de inúmeras investigações nas áreas das Ciências Sociais. Muitas delas têm sido direcionadas a explorar a dimensão contraditória da própria instituição, onde posições conservadoras se interpõem e se contrapõem a posições mais progressistas sobre as mais diversas questões sociais que lhe são afetas. No vasto leque das posições teológicas e pastorais assumidas no decorrer da história, este tipo de interposição ou contraposição torna possível a sua visibilidade. São posições ora de forma oficial, através de todo o aparato burocrático e autoritário advindo das diversas congregações do Vaticano, cujas posições, por se pretenderem universais, geram conflitos significativos, por não contemplarem situações plurais. Ora são posições de forma alternativa, articuladas através de teólogos, leigos e membros do clero engajados de forma muito direta em situações específicas, que, por sua vez, também contribuem e alimentam o campo de conflitos, uma vez que, ao assumirem posições dentro de circunstâncias bem delimitadas, não mantêm a preocupação de uma afinidade com a posição oficial, e, na busca de sua legitimidade, é construída uma interpretação teológica e definidos alguns estilos pastorais que visam demonstrar que suas posições são legítimas e coerentes com os princípios evangélicos. Exemplo disso são os movimentos

ligados à luta pela terra no Brasil, onde as posições teológicas e pastorais não se aproximam do discurso emanado de Roma.

Este dualismo, já bastante demonstrado por vários estudiosos, pode induzir a uma leitura precária da complexidade que envolve esse tema. Percebe-se na história desta instituição que iniciativas nitidamente voltadas à implantação de projetos que se pretendiam universais, globalizadores da Igreja, têm provocado, em suas trajetórias de implantação, possibilidades outras de iniciativas que se caracterizaram de forma diferente e até mesmo contraditória ao mesmo projeto. Um exemplo dessa espécie de transmutação entre o projeto oficial e iniciativas alternativas pode ser constatado, por exemplo, com a Ação Católica no Brasil. Para ambas as tendências que defendem cada uma das linhas de ação, não se trata de uma transmutação. Para os defensores do projeto conservador, o que aconteceu com a Ação Católica no Brasil foi antes um “desvio” de finalidades, onde a proposta inicial não foi suficientemente bem entendida e sua prática sofreu um processo de influência política que teria contaminado o real objetivo da Igreja Romana. Já para quem defende as posições que vários agentes da Ação Católica passaram a tomar, a partir de um engajamento da Igreja no campo social, tendo como base uma análise mais elaborada das relações de poder na sociedade, principalmente em relação aos quadros da juventude universitária,

operária e estudantil católica, o que ocorreu também não foi uma transmutação e, sim, um “amadurecimento” da Ação Católica, despertando para uma visão das relações sociais, levantando questões que justificariam a ação do cristão de forma crítica e engajada dentro de um meio social, caracterizando essa ação como sendo “fermento na massa”, ou seja, levando a uma posição de leitura do real, um julgamento das estruturas a partir de uma leitura crítica e uma ação sustentada no princípio da justiça social. É neste contexto que se insere a atuação da Ação Católica, diferenciando-se dos anos de 1930, onde num momento posterior, terá uma atuação de suporte para o surgimento de movimentos com a perspectiva libertadora.

A trajetória histórica pela qual a Ação Católica passou pelo Brasil traz alguns elementos que permitem uma análise deste tipo de transmutação entre as posições assumidas pela Igreja. Entende-se por Ação Católica o nome dado a um grande movimento pastoral nascido entre as duas grandes guerras mundiais e destinado a atender os diferentes meios sociais em sua especificidade. Seu ponto de partida foi a ‘juventude operária cristã’ (JOC) fundada em 1927 em Bruxelas pelo abade Cardijn. A convicção central que animou a Ação Católica desde sua origem era a de que cada meio deveria ser evangelizado por ele mesmo. *‘Os apóstolos dos trabalhadores serão os próprios trabalhadores’*. A Ação Católica propunha uma pedagogia simples

‘Ver, Julgar e Agir’, uma estrutura onde os responsáveis desempenhavam um papel de animação de equipas onde eles mesmos se avaliavam em vista de um aprimoramento espiritual, moral e apostólico: ‘A Revisão de Vida’. Encorajados pelo papa Pio XI e pelos bispos de diferentes países (França, Itália, Alemanha, etc.), a Ação Católica caracterizava-se por um engajamento de leigos, ‘colaborando com a missão apostólica da hierarquia com o objetivo de extensão do Reino de Deus’²¹⁹.

A hierarquia da Igreja Católica, principalmente as posições do papa, tinha na Ação Católica um grande projeto de envolvimento do leigo como coadjutor da ação evangelizadora da Igreja. Em numerosos documentos, o papa repete a definição, tornada clássica da Ação Católica: Participação dos leigos no apostolado hierárquico²²⁰. Essa definição, o papa a anunciaria ainda em termos mais concretos: ‘A Ação Católica não é outra coisa que o apostolado dos fiéis a serviço da Igreja, atuando, sob a condução dos bispos, e se colocando à disposição do ministério pastoral’²²¹

²¹⁹ Estas considerações estão embasadas no comentário de: BEDOUELLE, Dictionnaire d’Histoire de l’Eglise, C.L.D. Chambray Lés-Tours, p. 12/13, 1994.

²²⁰ Cartas do Papa Pio XI enviada a Steenberghe, 30 juillet 1928. Carta ‘Quee Nobis’ ao cardial Bertram, 13 novembro de 1928. Carta ‘Sane Nuntius’ ao cardeal Segura, 6 novembro de 1929. Encycl. ‘Non abbiamo bisogno’, 29 junho 1931, etc.

²²¹ Carta de Pio XI, ‘Cum ex epistola’, ao Cardeal Von Roey, 15 de agosto de 1928.

O Papa Pio XI declarava que a Ação Católica “lhe é querida como a pupila dos seus olhos”²²². Tratava-se nitidamente de um projeto onde a Igreja buscava se afirmar nos meios operários e estudantis, sobretudo, com vista a conquistar ou manter um espaço ameaçado por outras ideologias sociopolíticas. Todas as atividades relativas à Ação Católica estariam sempre diretamente subordinadas à hierarquia da Igreja. Conforme lembra o Papa Pio XI, “*trata-se da participação do laicato no apostolado da hierarquia*”. E Pio X interpela os leigos a uma “*grande cruzada para ‘tudo restaurar em Cristo’*. *Não só os homens consagrados, mas todos os fiéis sem exceção, devem dedicar-se aos interesses de Deus e das almas, mas sempre sob a direção e segundo a vontade dos bispos*”²²³.

O projeto da Ação Católica possuía um objetivo bem definido na visão da hierarquia, e se justificava na medida em que a Ação Católica viria a suplantar um clero insuficiente, viria penetrar numa sociedade paganizada e viria a coordenar os esforços dispersos.²²⁴ Uma representação imaginária muito forte presente nos discursos sobre a Ação Católica era a constituição de uma grande família social, onde, independente das classes sociais e condições de vida, os esforços deveriam ser direcionados a construir uma relação familiar, dando ênfase ao aspecto fraternal e pacífico. “*A Ação Católica é a*

²²² Discurso ao comitê da Ação Católica Italiana, em 9 de março de 1924.

²²³ RICHAUD, Paul. *Notions Sommaires sur l'Action Catholique*, Éditions SPES : Paris, 1936.

²²⁴ Idem, *ibidem*.

grande família de Cristo que, num espírito familiar, busca se expandir para a maior glória de Deus e o maior bem da família humana”²²⁵. Ao mesmo tempo é destacado o papel espiritual da Ação Católica em detrimento a uma ação político-social sendo que “*a missão da Ação Católica é então essencialmente religiosa. É o Papa Pio XI que afirma taxativamente : ‘A Ação Católica deve ser uma associação essencialmente religiosa em sua natureza e em seu objetivo*”²²⁶.

No Brasil, a Ação Católica teve alguns desdobramentos bastante diferentes dos fins projetados pela Igreja em Roma, dando a possibilidade do surgimento de um cristianismo progressista e até contrário à concepção da Igreja de Roma. Esta característica inovadora da Igreja aconteceu a partir de uma série de fatores que, no seu conjunto, permitiram o surgimento de um estilo de cristianismo mais engajado nas questões sociais e determinado em buscar uma nova ética social. A Ação Católica passa a ser um instrumento de grande importância, pois vai dar o suporte inicial para uma série de movimentos religiosos voltados para a perspectiva libertadora, como, por exemplo, a Juventude Universitária Católica, a Juventude Operária Católica, Juventude Estudantil Católica e várias outras pastorais com forte ênfase na base social, como a Pastoral Operária, Comissão Pastoral da Terra e as

²²⁵ Idem, p. 69.

²²⁶ TIBERGHIEU, Chanoine Pierre. L’Action Catholique – expériences passées vues d’avenir. Editions comprendre : Lille, 1945.

Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que se irão desenvolver num momento posterior. Através destas novas iniciativas pastorais é que a Teologia da Libertação irá desenvolver sua práxis no meio dos movimentos populares²²⁷.

Por necessidade de delimitação dessa abordagem, tomo como opção a consideração de alguns acontecimentos que, de certa forma, influenciaram a Ação Católica no Brasil e alguns aspectos que marcaram sua trajetória. Os anos de 1950, década que antecede o Concílio Vaticano II, são marcados por uma série de elementos que irão delinear uma nova roupagem à Igreja no Brasil. Entre esses elementos podem ser considerados o processo de elaboração de novas correntes teológicas, destacadamente na Alemanha e na França. Sob o suporte teológico, desenvolvem-se também novas formas de atuação do cristianismo social como, por exemplo, a ação dos padres operários e a forte influência que teve no Brasil a economia humanista desenvolvida pelo padre dominicano Luis Joseph Lebrecht. Associado a isso merece destaque a aproximação, por parte de alguns setores da Igreja, às preocupações da filosofia moderna e das ciências sociais, principalmente a reflexão teológica que aconteceria mais tarde tomando como referência de análise as categorias do pensamento marxista. Somado a isso, dois outros fatos são merecedores de

²²⁷ Sobre o tema ver LOWY, Michael. *A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina*. Petrópolis : Vozes, 2000.

destaque para a Igreja, que lhe permite uma reflexão mais aberta ao campo social. O pontificado do Papa João XIII (1958-1963) e a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965).

Neste conjunto de questões que possibilitam uma nova redefinição da ação da Igreja no Brasil, um elemento que teve grande importância foi a contribuição da atuação do clero francês no Brasil e, de modo muito particular, a contribuição do padre Louis Joseph Lebret. Sem margem de dúvida, advém do clero francês uma contribuição significativa para uma nova concepção da Ação Católica no Brasil. De maneira destacada pode-se citar a figura do padre Lebret e do movimento, por ele idealizado, chamado *economia e humanismo*.

A fundação de Economia e Humanismo foi decidida de maneira definitiva em 1938, durante os acontecimentos de Munique que anunciavam a proximidade da Segunda Guerra Mundial. Segundo o próprio padre Lebret,

os discursos de Hitler nos apontavam a certeza que a conflagração estava se tornando inevitável. (...) O organismo a fundar se chamaria 'Centro de Estudo sobre o Marxismo'. Pelo marxismo, com efeito, nós nos colocamos no ponto-chave da conjuntura. O marxismo estava constituído como reação contra o capitalismo e o nacional-socialismo e se pretendia a única força válida e aceitável (...). Considerado sob seu aspecto negativo, nossa atitude deveria ser a tripla rejeição de três ideologias e de três regimes ainda que sobre seu aspecto positivo, ela seria a procura de uma quarta via que nós chamaríamos de 'Economia Humana'. Nós não pretendíamos nos colocar fora do catolicismo social, mas contribuir com ele para oferecer a análise dos mecanismos econômicos, para o

*estudo aprofundado das correntes de pensamento que acompanham o mundo, pela perspectiva da realidade contemporânea total, uma extensão mais larga e uma objetivação mais rigorosa.*²²⁸

Economia e Humanismo tinha como princípio a busca de elementos que tornassem a dimensão do econômico voltada para a dimensão do social. A designação *economia e humanismo* proposta por Lebret foi adotada. “A palavra ‘*economia*’ significaria uma vontade de não se ter um social paliativo, mas de colocar em questão as estruturas. A palavra ‘*humanismo*’ exprimiria uma reação contra os falsos humanismos ainda dominantes e a valorização, sobretudo, do homem e todos os homens”.²²⁹

A influência de padre Lebret nos espaços católicos no Brasil teve uma marca importante a partir do curso realizado na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, entre os meses de abril e junho de 1947. O curso tratou sobre a introdução geral da economia humana. Dividido em várias sessões, padre Lebret insistia na crítica do que chamou o drama de um século e que o caracterizou como sendo a ditadura do dinheiro e do poder, defendendo a posição de que, numa perspectiva comunitária, a pessoa humana não poderia ser simplificada nem diminuída. A busca do bem comum das sociedades humanas deveria resultar em uma ordem integral humana onde um máximo de

²²⁸ Archives Nationales du Fontainebleau. Documento – 45 AS – 146 (Articles – 1958-1960).

²²⁹ Carta de padre Lebret, Arquivo Nacional da França.

liberdade fosse garantida na busca do desenvolvimento total de cada um e de todos. Era esse, precisamente, o programa proposto pela Economia Humana.

Na primeira parte do curso realizado por padre Lebret foi feita uma análise do mundo moderno, enfatizando a crítica de uma economia política capitalista e apresentado uma abordagem bastante prolongada do pensamento marxista, tendo como texto de análise o livro *Capital*, de Marx. Dividido em três partes, o curso sobre a “*Introdução à Economia Humana*” apresentou, num primeiro momento, uma síntese das posições de Marx e Engels e aprofundou vários elementos da corrente marxista. Na segunda parte, padre Lebret se ocupou em apresentar várias linhas de orientação de uma economia humana, detendo-se na definição de economia humana e nos postulados da mesma, dando ênfase aos métodos de análise e de síntese deste movimento. A terceira parte caracterizou-se pela apresentação de perspectivas de uma economia humana. O trabalho realizado por padre Lebret contemplava uma forte tendência “desenvolvimentista”, mas, ao mesmo tempo, proporcionou uma reflexão no campo social onde as condições de vida, pobreza e relações socioeconômicas entre as classes sociais foram analisadas numa perspectiva da ética social. Em vários momentos do curso o capitalismo foi criticado, apontando para a necessidade da construção de uma nova estrutura econômica e social. Um dos grandes méritos dos trabalhos de Lebret foi a aproximação da

leitura marxista dentro dos quadros católicos no Brasil, principalmente nos movimentos de juventude universitária.

O interesse em investigar a relação da atuação de movimentos mostra uma identificação com o clima renovador que caracterizou a realização do Concílio Vaticano II, em Roma, no que tange ao desenvolvimento da doutrina social da Igreja. O contexto deste concílio representou um momento crucial para a Igreja, no sentido de mudanças internas tanto no campo pastoral como doutrinal e, portanto, sujeito a provocar situações de crise na instituição. Ao mesmo tempo em que o concílio gerou um certo clima de otimismo na expectativa de a Igreja tornar-se uma instituição mais avançada e moderna, proporcionou uma aproximação por parte de alguns membros do clero a uma corrente mais crítica, anticapitalista. O movimento liderado por padre Le Bret, juntamente com outros grupos, movimentos e intelectuais, sendo uma grande parte advindo da França, deu uma contribuição significativa para essa aproximação a nível da Igreja no Brasil.

A partir das mudanças conciliares e a redefinição conceitual de Igreja, registrou-se um aspecto que marcou a ação e a posição da Igreja. Este processo, como foi citado anteriormente, provocou uma situação que não é singular na Igreja Católica na região geográfica onde esta investigação se concentra, no que se refere à reestruturação pastoral e de ação dos próprios

padres, sendo que a demonstração de simpatia às mudanças conciliares é quase que uma unanimidade, embora o estilo de ação pastoral de vários sacerdotes revelaria resistência e dificuldade de incorporação do conceito de uma outra Igreja. Esta situação provocou a realização de práticas e discursos muito antagônicos, o que demonstra uma certa crise organizacional da Igreja no seu campo de atuação pastoral, servindo como um exemplo de como alguns aspectos da dimensão tradicional e progressista se interpuseram na ação da Igreja Católica no Brasil.

Uma tese pertinente a esta análise sobre a atuação da Igreja no Brasil é apresentada por José de Souza Martins,²³⁰ onde o autor aborda o uso transformador da mediação conservadora, considerando a Igreja Católica, um dos setores da sociedade historicamente caracterizada pela tradição conservadora, tenha tornado em ativa protagonista de mudanças sociais no país, como, por exemplo, a sua atuação através de pastorais ligadas aos índios e aos camponeses. Numa situação limite, como a do Brasil, a própria intenção conservadora se radicaliza e se transforma em arma de pressões por mudanças até profundas. Martins se utiliza desta interpretação para entender o papel singular da Igreja Católica no país, no que tange o seu envolvimento e

²³⁰ MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. 2ª ed. São Paulo : Hucitec, 1999. p.95 e ss.

identificação com as potencialidades transformadoras das lutas populares no campo e na cidade²³¹.

Observe-se que, no oeste do Paraná, se configurava um período de modernização agrícola e ampliação dos espaços urbanos, num processo que se configurava na violação do bem-estar social, onde pequenos agricultores eram expulsos de suas propriedades e as periferias das cidades se inchavam com a presença de *bóias-frias* e de outras pessoas que não tinham mais perspectivas de vida no campo. Este contexto confrontava-se com a ação da Igreja na região. Enquanto isso, a nível nacional, vários setores da Igreja começavam a dar expressão a um vasto movimento social, iniciado pela Ação Católica, envolvendo vários outros movimentos religiosos, como a Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes de pastorais com base popular.

Ao pensar a Igreja frente ao processo modernizador na região, faz-se pertinente perceber a possibilidade de alguns aspectos residuais dos grandes movimentos da Igreja que possivelmente se interpuseram no contexto da atuação da Igreja a nível regional.

Essas correntes de cunho teológico-pastoral tiveram seus reflexos na ação pastoral do oeste do Paraná. O apontamento desses reflexos a nível

²³¹ Idem, op. cit. p. 15.

regional tem uma importância significativa na medida em que permitiu construir uma possibilidade de ação alternativa da Igreja na região, face ao momento social que era atravessado. A modernização do campo e o crescimento das cidades tiveram um impacto social de empobrecimento de pessoas, e, paradoxalmente, o enriquecimento de um grupo econômico que obteve a ampliação de seus negócios, seja na compra de pequenas propriedades, no investimento em mercados de tecnificação, como venda de equipamentos agrícolas, implementos, sementes, fertilizantes, transportes, enfim, uma gama de possibilidades em que apenas uma elite economicamente bem estruturada pôde beneficiar-se. Num contexto de redefinição das relações sociais, redefinição que ocorre num campo conflituoso, a Igreja Católica se articulou, de forma parcial, numa ação voltada aos grupos sociais que sofreram as conseqüências desta nova conjuntura socioeconômica, seja pela situação de empobrecimento, pela expulsão dos pequenos proprietários, do crescimento da mão-de-obra disponível no campo, bem como da presença cada vez maior de famílias na cidade, sem poder usufruir de condições dignas de vida no espaço urbano.

4.2 A Igreja diante do processo de urbanização no oeste paranaense

O Estado do Paraná foi marcado por transformações profundas durante os anos de 1970. Além da expansão da indústria num ritmo bastante elevado, as relações entre a agricultura e o próprio setor industrial se tornaram mais estreitas. *“Nessas condições, a agricultura do Paraná (...) torna-se também moderna e tecnificada, incorporando à sua pauta de principais produtos a soja e o trigo, que puderam contar com tecnologia disponível no exterior, e no caso da soja, com preços internacionais atraentes”*²³². Ao mesmo tempo em que se constata a tecnificação do campo, registra-se também uma acelerada urbanização do Estado.

*Paralelamente, a mecanização e conseqüente elevação da produtividade do trabalho agrícola respondem por um rápido esvaziamento populacional do campo, graças à recuperação das terras cedidas a colonos, parceiros e arrendatários possibilitada pelo uso de tecnologias modernas. Embora o número de trabalhadores assalariados tenha ganho importância no período, não pôde compensar o número de não-proprietários dispensados, os quais migraram para os centros urbanos do Estado, em especial os de maior porte, e para outras regiões do país*²³³.

A tecnificação do campo está diretamente ligada ao grande problema social causado nas cidades, onde muitos viriam ocupar as áreas periféricas das

²³² LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. *O Paraná nos anos setenta*. Curitiba : Ipardes, Concitec, 1989. p.1.

²³³ Idem, *ibidem*.

idades, sob condições sub-humanas e principalmente a expulsão de um contingente significativo de famílias que migraram para outras áreas do Brasil.

Embora dinâmico, o mercado de trabalho urbano foi incapaz de absorver a massa de trabalhadores que deixava o campo. Em conseqüência, o Paraná passou, na década de setenta, de pólo de atração a pólo de expulsão de população, enquanto o desemprego e o subemprego nas maiores cidades começa a se tornar visível²³⁴.

Os dados apresentados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes) revelam a intensidade e impacto que a tecnificação no campo causou no Paraná.

Na pesquisa sobre a situação do Paraná nos anos de 1970, Igor Leão constata que ocorreu, no período de 1970-80, uma perda relativa dos estabelecimentos menores na área de lavoura e uma crescente importância dos maiores, ao lado da progressiva concentração das áreas cultivadas em reduzido número de propriedades. *“Os estabelecimentos de até 20 ha a 50 ha, apesar de perderem 6% do número de estabelecimentos e 5% da área total, aumentam sua área de lavoura e os grupos maiores chegam a apresentar incrementos de 90% sobre a área cultivada em 1970”*. Leão avalia que, apesar da importância que ainda possuem os estabelecimentos de até 50 ha na área de lavouras, registra-se um processo de concentração da produção nos

²³⁴ Idem, p. 2.

estabelecimentos médios e grandes, o que está associado à expansão da soja, cuja tecnificação exige áreas de plantio maiores²³⁵.

Os números apresentados por Igor Leão em relação ao desaparecimento de pequenas propriedades e de áreas deixadas de serem trabalhadas por parceiros, colonos e arrendatários são surpreendentes. Entre 1970 a 1975 registrou-se a redução de 76 mil propriedades agrícolas de até 20 ha, cuja contrapartida foi a expansão dos grandes estabelecimentos e numerosas conseqüências sociais. Segundo observação do pesquisador,

os estabelecimentos acima de 500 ha tiveram sua área aumentada de 26,1% para 30,8% do total das áreas dos estabelecimentos, nesse período de cinco anos. Em relação às conseqüências sociais, estas incidiram sobre os pequenos proprietários agrícolas mas sobretudo nos parceiros, colonos e arrendatários. Enquanto os proprietários perderam 15 mil estabelecimentos entre 1970 e 1980, os não proprietários, principalmente os parceiros, perderam 84 mil, representando um total de 600 mil ha de terras²³⁶.

O contexto da urbanização do oeste do Paraná se desenvolve paralelamente a uma complexa problemática que envolvia a posse das terras na região. De certa forma, os conflitos pela posse da terra e o litígio em relação às propriedades rurais, marcaram a forma como ocorreu o processo de urbanização no oeste do Estado.

²³⁵ Idem, p. 40.

²³⁶ Idem, p. 41.

Segundo depoimento de dom Armando Cirio, o caos e a insegurança no campo se, por um lado, tenham ocorrido num período relativamente breve, a intensidade desta situação e as conseqüências foram profundas.

O litígio era completo e de difícil solução. A confusão era geral e o confronto entre colonos, posseiros, grileiros, companhias, pequenos e grandes latifundiários era sempre mais visível. No fundo, as dificuldades provinham do egoísmo de quem queria garantir interesses e privilégios, mesmo à custa do sofrimento dos outros. Não menos confiável era também a ação pouco clara do governo, que continuava a expedir títulos de propriedades. Assim, apareciam títulos de posse da União, do Governo do Estado, títulos provisórios, títulos falsos²³⁷.

A situação de conflito se configurava para a Igreja local como um desafio. Primeiramente porque limitava a sua ação pastoral. Numa área de conflito agrário, qualquer discurso voltado ao objetivo de constituir uma comunidade de fé e da necessidade da justiça social, exigiria primordialmente a superação dos problemas relativos à disputa e posse da terra. A posição da Igreja foi, naquele momento, um tanto tímida, pois, num primeiro momento, apenas se manifestou através de cartas²³⁸ às autoridades constituídas expondo e argumentando sobre a necessidade de resolução dos conflitos locais. Nessas cartas, a Igreja procurava se identificar com os sofrimentos dos pequenos agricultores, caracterizando-os como trabalhadores que constituíam suas

²³⁷ Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – Dos conflitos pela terra ao êxodo e ao fim da alegria e do espírito comunitário. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 26. Toledo : março/99. p. 23.

²³⁸ Ver no primeiro capítulo, trecho de correspondência enviada ao então governador Ney Braga. A referência do texto é a nota de rodapé nº37.

famílias com muito esforço e tinham como principal preocupação trabalhar a terra para garantir sustento digno a si e a seus familiares.

Essa complexa problemática das terras desafiava a Igreja, que tem o dever de estar ao lado dos injustiçados. Para não ver e sentir os problemas e o grande sofrimento de muitos, era preciso ser cego ou insensível. No esforço para compartilhar com eles a dor, participar de seus justos anseios, sofrer com eles em suas legítimas pretensões, nada mais restava senão tomar as opções que mais se coadunavam com as aspirações da população, formada, então, na sua quase totalidade, pelos homens do campo. Os princípios que animavam a Igreja nas suas opções em favor de quem sofre são sempre os mesmos: caridade, espírito de serviço, ânsia de justiça. Todo sistema que é contra o homem não pode ser aprovado. O bem comum, para a Igreja, compreende o conjunto das condições de vida social, que permitam aos indivíduos e às famílias alcançar mais facilmente o seu desenvolvimento e o seu bem-estar. Daí o trabalho para apontar caminhos, estimular iniciativas particulares e governamentais, oferecer pistas. Afinal, o agricultor é a classe obreira que menos reivindica para si, quando muito, pede reconhecimento dos seus direitos, paz e tranqüilidade para trabalhar, preço justo para o que produz e facilidade para o transporte de sua produção²³⁹.

A posição da Igreja Católica naquele momento procurava caracterizar-se como uma instituição favorável aos pequenos agricultores. Tal postura possibilitava à Igreja uma posição de fortalecimento entre os agricultores, o que particularmente lhe renderia reconhecimento e valorização por parte de uma camada social que lhe era muito importante, primeiro por possuir uma

²³⁹ Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – Dos conflitos pela terra ao êxodo e ao fim da alegria e do espírito comunitário. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 26. Toledo : março/99. p. 23.

longa tradição religiosa, principalmente dos agricultores vindos da frente sulista de colonização, segundo, porque tal posicionamento da Igreja a tornaria uma instituição forte e respeitada em todas as esferas políticas da região. A política e ocupação do território paranaense que foi estimulada nos governos anteriores, sobretudo de Bento Munhoz da Rocha e Moysés Lupion, passou a ser considerada prejudicial, sobretudo pela “herança” de inúmeras irregularidades. Tal herança, tanto para o governador Ney Braga (1961-1965) como para o governador Paulo Pimentel (1966-1971), foi o resultado de administrações equivocadas em alguns momentos, e possivelmente até corruptas em outros. No discurso de Ney Braga, em 1961, a situação do conflito da terra do Estado era assim caracterizada.

(...) na ânsia de agradar amigos e subverter consciências de manter posições, a administração anterior ultrapassou tudo que se possa imaginar. O que foi feito na titulação de terras devolutas no Paraná é verdadeiramente espantoso²⁴⁰.

O texto do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IparDES) caracteriza o período de superação da problemática de titulação de áreas no Paraná como sendo o período dos governos estaduais que antecederam e continuaram no governo militar do país. Os problemas não solucionados da questão dos conflitos de terras tiveram as soluções apontadas por Ney Braga e Paulo Pimentel pelo caminho da via legal.

²⁴⁰ Discurso de Ney Braga, proferido em 1961. in: IPARDES – Fundação Edison Vieira. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba, 1989. p. 57

*(...) a legalização da situação das terras já ocupadas, geralmente localizadas no Oeste e Sudoeste, regiões de maior conflito. Propõe, também, a revisão de títulos expedidos pela administração anterior, procurando, dessa forma, assegurar a posse efetiva da terra ao '(...) verdadeiro homem do campo(...)'*²⁴¹

Na avaliação tanto do governador Ney Braga como do seu sucessor, Paulo Pimentel, o Paraná atravessava o momento em que se estava definitivamente procurando solucionar o problema de litigiosidade das terras. Além disso, o Paraná se antecipava à reforma agrária, pondo fim a conflitos antigos e oferecendo a posse pacífica a muitos agricultores do Estado. Ney Braga atribuía para sua gestão o mérito da solução, tendo como referência o expressivo número de acordos feitos entre titulados e posseiros, sendo que somente no município de Cascavel os acordos se aproximavam de mil.

*A superação definitiva dessa situação exige do governante uma atitude positiva, ou seja, agindo somente com determinação e firmeza é possível clarear '(...) esse labirinto que se transformou o problema de terra no Paraná'. Contudo, a atuação de diversos órgãos do governo levou Paulo Pimentel à seguinte avaliação: '(...) se pode afirmar com segurança que está praticamente erradicada a disputa de terra no Paraná. O Departamento de Geografia, Terras e Colonização vem atuando como verdadeiro mediador do Estado, com extraordinários resultados no setor de partilha de terras(...)'*²⁴²

Se, por um lado, a atuação do governo estadual em relação à solução do conflito das terras na região oeste do Paraná pautou-se numa perspectiva econômica, a riqueza do solo e a alta produtividade da região não permitiria

²⁴¹ IPARDES – Fundação Edison Vieira. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba, 1989. p. 57.

²⁴² Idem, p. 58.

surtir os efeitos desejados, se não regularizasse com urgência os títulos das áreas em disputa. Por outro lado, a participação do governo federal, no sentido de resolver os problemas da terra na região oeste, ocorreu por motivos militares e sociais, uma vez que a região faz fronteira com Paraguai e Argentina. Além disso, a construção da Usina de Itaipu, a construção do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, o crescente comércio exterior e o contínuo aumento de turistas, exigiam um outro ambiente social na região.

Contudo, a União, tendo à sua frente os militares, ao mesmo tempo em que ajudou a apressar a solução, direta ou indiretamente, de muitos problemas, criou também um outro grande problema: o êxodo, o assustador esvaziamento rural. A instauração do governo sob regime militar teve uma ação que se manifestou na região oeste do Estado através de uma política de modernização agrícola. Esta modernização regional era concebida através da execução de uma geopolítica energética e de segurança nacional.²⁴³ O modelo econômico implantado, no que diz respeito à agricultura, passou a dar maior incentivo aos produtos de exportação. Este modelo era expresso pelo I e II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), sendo o primeiro desenvolvido durante os anos de 1972 até o ano de 1974. O segundo iniciou em 1975 e foi até 1979. O objetivo de ambos visava oferecer condições favoráveis ao desenvolvimento

²⁴³ Ver: SCHREINER, Davi Felix. *Entre a exclusão e a utopia – um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais (região sudoeste/oeste do Paraná)*. Tese de doutorado. São Paulo : Universidade de São Paulo. 2002. p. 88.

do Brasil, através da construção de uma economia moderna, competitiva e dinâmica, promovendo a integração nacional.

No espaço do oeste paranaense os planos repercutiram na construção de usinas hidrelétricas, sendo a de maior porte a Usina Hidrelétrica de Itaipu, no Rio Paraná. No campo, os produtos para exportação, como a soja e o trigo, receberam prioridade através de políticas que viabilizavam a extensão de áreas mecanizadas e a expansão dessas culturas²⁴⁴.

Aos poucos, os pequenos proprietários, pressionados pelos grandes proprietários e levados pelo desejo de ter uma área maior de terra em outras regiões, ou atraídos pelos encantos, confortos e oportunidades oferecidas pelas cidades, foram perdendo o estímulo de ficar numa pequena propriedade. O processo de venda de pequenas áreas e de migração passou a ser crescente. Infelizmente, uma grande parcela dos pequenos proprietários não alcançou êxito em sua empreitada, acabando por inchar as periferias da cidade, dando origem ao fenômeno dos chamados *bóias-frias*.

A partir da década de 1970, registrou-se um aumento vertiginoso da concentração da terra. Segundo os dados do Censo Agropecuário do Paraná levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 536.208 estabelecimentos de até 100 hectares existentes no Estado em 1970,

²⁴⁴ Ver: SCHREINER, Op. cit. e Brasil. Presidência da República. I Plano Nacional de Desenvolvimento – 1972/1974. Brasília, 1971. e _____. II Plano Nacional de Desenvolvimento – 1975-1979. Brasília, 1974.

em 1995 existiam apenas 342.925 estabelecimentos. Os dados apontam também que se, por um lado, o número de propriedades com mais de mil hectares tenha aumentado minimamente, a área ocupada por estas unidades aumentou substancialmente. De outro lado, diminuiu o número e a área ocupada pelas propriedades com menos de cem hectares²⁴⁵.

Estima-se que, no Paraná, segundo pesquisa feita pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado do Paraná (FETAEP) havia, em 1976, um total de 550.970 *bóias-frias*. Em 1981, a FETAEP calculava existirem 800 mil. Paralelamente ao aumento do uso da mão-de-obra do bóia-fria, durante os anos de 1970, foram expulsos cerca de um milhão de pessoas da área rural no Paraná²⁴⁶.

O processo de tecnificação do campo e a crescente urbanização que se intensificaram no último quartel do século passado provocou uma situação de redefinição da ação da Igreja, a qual passou a remodelar seus discursos e reconstruir outras representações frente às mudanças ora registradas. Somado a isso, foi possível perceber que a recepção dos discursos por parte dos fiéis também passou a exigir, dos emissores, estratégias mais elaboradas e convincentes.

²⁴⁵ Estes dados estão mais detalhadamente trabalhados na tese de doutorado de SCHREINER, Davi Felix. Op. cit. p. 91.

²⁴⁶ SCHREINER, Davi Felix, Op. cit. p. 97.

Com a mecanização da lavoura e a crescente urbanização, a Igreja percebeu a necessidade de se rearticular, uma vez que se registrava um processo de desintegração das comunidades do interior. Na avaliação do bispo local, perdia-se uma característica de vivência de comunidade, tão cara para a ação da Igreja no contexto regional, e encaminhava-se para uma nova situação, que a anterior já denotava. No discurso clerical há um sentimento de perda e nostalgia, pois aquele momento expressava melhor a representação da Igreja enquanto “povo de Deus”. Segundo dom Armando Cirio,

Passamos a viver uma situação de desintegração seja das pequenas comunidades como das pequenas cidades, e também das famílias. Onde tudo era festa, alegria, amizade e espírito comunitário, passou a reinar a indiferença, onde cada um se interessava de dar um rumo à própria vida. Assim terminou uma epopéia que poderia ter tido um final mais feliz²⁴⁷.

No contexto de tecnificação e urbanização no oeste paranaense, a Igreja passa a articular-se não mais com as companhias colonizadoras, como fizera no período da colonização da região, mas agora uma parcela majoritária do clero se articulava com o empresariado emergente e outra parcela menor do clero procurava afinar-se com os grupos sociais que ocupavam uma posição

²⁴⁷ SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – Dos conflitos pela terra ao êxodo e ao fim da alegria e do espírito comunitário. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 26. Toledo : março/99. p. 23.

de exclusão dentro desse novo contexto. No campo, a atuação da Igreja teve como principal expressão a Comissão Pastoral da Terra (CPT). A nível nacional, a Comissão Pastoral da Terra surgiu a partir de um encontro de bispos da Amazônia sobre Terra e Mineração em Goiás, em junho de 1975. A Comissão Pastoral da Terra foi pensada numa perspectiva ecumênica e tinha como principal base teórico-teológica a Teologia da Libertação. Possuía como referência uma mística bíblica e uma metodologia que priorizava o trabalho de base e a participação democrática e organizada no processo de discussão e decisão. A nível regional, a CPT começou a ser organizada no Paraná, a partir de 1978, ocasião em que foi realizada uma reunião no município de Marechal Cândido Rondon. Desde então passou a apoiar e articular a luta de posseiros, pequenos proprietários e arrendatários, principalmente contra a assustadora ameaça de expulsão do campo devido aos projetos de construção de usinas hidrelétricas²⁴⁸. A presença da Igreja nas cidades significaria uma crescente ocupação de espaços, através da criação de novas pastorais, criação de novas paróquias, requisição de mais padres.

Em nível de organização pastoral, na Diocese de Cascavel não se registrou nenhuma articulação pastoral voltada para a problemática da urbanização. Segundo o primeiro coordenador da pastoral diocesana, Lázaro

²⁴⁸ Sobre a atuação da CPT no Oeste do Paraná, ver: SCHREINER, Davi Felix. Op. cit. p. 104 ss.

Bruning, no processo de urbanização do oeste do Paraná, onde várias cidades surgiam, provocando, ao mesmo tempo com o advento do êxodo rural, o inchamento das mesmas, a Igreja não conseguiu implementar uma ação pastoral voltada para as demandas sociais vindas com a urbanização. Sendo atribuída a esse fato a dificuldade de um clero de formação heterogênea e diferente da perspectiva do então bispo diocesano.

Como coordenador de pastoral, sentia essa realidade, mas da parte da Igreja, não se demonstrava uma preocupação efetiva quanto a isso. Havia iniciativas individuais. Nem tanto iniciativas isoladas, mas individuais. Não havia um plano de ação a respeito disso. O bispo dom Armando na época, sempre foi uma pessoa de visão muito ampla, inclusive nas questões sociais. Ele pessoalmente sempre foi uma pessoa de ampla visão. Onde devia atuar, como devia atuar, como fazer. Só que o clero, no seu comando, tinha outra formação, outra visão. Quando dom Armando chegou, já havia aqui um clero mínimo secular. E a maioria de ordens religiosas, isso em 1978, e, além disso, a maioria, 80 a 90 por cento do clero diocesano veio de outras dioceses, de outras formações. Começou com o padre Antônio Capelesso, depois o padre Odilo Scherer e eu. Outros ficaram em Toledo, na Diocese de lá. Se for pensar bem, o padre Santo, padre Breda, padre Clemente, padre Ceschim, tem outras origens, que não vem da Diocese, não começaram a formação de acordo com a mentalidade do bispo daqui. O bispo tinha uma visão aberta, sensível às questões sociais. Mesmo assim não se articulou uma ação pastoral voltada para as cidades, a não ser a expansão de paróquias, mas aí é um campo mais administrativo²⁴⁹.

²⁴⁹ Depoimento de Lázaro Bruning, concedido em 14 de outubro de 2002. Arquivo do Autor.

A articulação da Igreja a nível pastoral e social visando atuar diante de uma nova realidade urbana foi bastante precária, pois se, por um lado, a visão social entre o clero era bastante diferenciada, por outro, as estratégias de ação também eram diferentes. Uma parcela significativa do clero acreditava que as iniciativas deveriam surgir do meio dos leigos, o que os eximia de qualquer esforço de organização a nível pastoral. No depoimento do então coordenador de pastoral diocesano essa crítica é bastante evidente.

Embora eu reconheça que da parte do clero havia uma formação e origem diferente da do bispo, a Igreja Católica aqui na região nunca conseguiu efetivamente fazer qualquer plano a esse respeito. Não houve nenhuma iniciativa, porque também acho que a maioria do clero era da opinião de que falando aos cristãos, nas homilias, cursos, reuniões, deveriam eles agir, por conta. Utilizou-se demais essa idéia, da presença e atuação do cristão na sociedade, no meio em que ele vive. Acreditava-se demais nisso, mas os cristãos não tinham força, não tinham condições de se organizar para isso aí. Faltou certamente algo nesse nível, do apoio da Igreja nessa tarefa²⁵⁰.

A ênfase dada à participação dos leigos, enquanto agentes de atuação da Igreja, incorpora muito bem a tendência revelada pela Ação Católica no Brasil. A dimensão positiva deste posicionamento esbarrou na falta de uma articulação da Igreja de capacitar e preparar os leigos para que pudessem assumir uma atuação mais firme e de maiores resultados. Se, por um lado, o clero que atuava na região era diferenciado, seja nas concepções sociais, de

²⁵⁰ Idem.

atuação junto ao povo, principalmente entre os marginalizados, de outro, as diferenças também se expressavam em relação à concepção de atuação pastoral, onde alguns esperavam que as iniciativas surgissem do meio dos próprios fiéis. Neste campo de diferenças, até agora expostos, um outro elemento diferenciador entre o clero era o de uma concepção teológico-social da vida e da fé do povo da região.

A gente tinha algumas brincadeiras, que no fundo eram as maiores verdades, por exemplo, nas reuniões de diocese, nas reuniões de regional, falava-se muito assim: ‘vamos reunir fé e vida’, e eu, pelo menos, estava numa outra perspectiva, e dizia, ‘vamos trabalhar para não desunir fé e vida’. Eles queriam unir fé e vida, e nós queríamos que nunca se separasse, uma vez que já estava na pessoa, unir fé e vida, nosso trabalho era manter isso e explicitar isso na vida da pessoa. Eles diziam ‘vamos unir’, e nós dizíamos, ‘nunca vamos separar’²⁵¹.

No contexto de urbanização do oeste do Paraná, a Igreja a nível regional não conseguiu consolidar uma pastoral urbana que fosse ao encontro de um projeto de sociedade que atendesse às camadas mais carentes e marginalizadas nas cidades que cresciam vertiginosamente. Entre elas merece destaque a cidade de Cascavel, que registrou o maior crescimento na região oeste. Esta mesma cidade contava, em sua sede diocesana, com a presença de um bispo que, conforme a própria coordenação de pastoral diocesana, tinha uma grande sensibilidade para as questões sociais. O coordenador de pastoral também

²⁵¹ Idem.

tinha uma preparação teórica e pastoral que poderia dar passos significativos para o avanço das pastorais nas áreas urbanas.

Mesmo com estes requisitos não se consolidou, nos anos de 1980, uma ação pastoral voltada para as cidades. Na análise do então coordenador de pastoral diocesano, as razões desta dificuldade se concentravam na limitação do próprio clero. Seja pelo número escasso de padres, seja pela postura por demais formalista e tradicional de uma parte desse clero, e também pela baixa formação intelectual de muitos deles.

Não adiantava um grande projeto, sem ter quem levasse adiante. Em a nível da cúria, o bispo sempre deixou transparecer isso. O que eu posso dizer é que no fundo no fundo eram poucos padres para muito serviço. Uma paróquia tinha muitas capelas, eram todos os dias. Você não conseguia fazer uma programação efetiva. Havia também uma limitação do clero. E eu comentava com dom Armando que a nossa formação do clero era muito baixa, muito tradicional, muito legal, muito formalista, ficando naquele nível apenas, ela nunca abriria para as pessoas uma visão mais ampla e com isso vem que os futuros padres tinham suas origens, fundamentalmente no campo, pessoas também limitadas intelectualmente. Não se podia esperar dessas pessoas uma outra visão. Eu dizia para dom Armando que nós estávamos nivelando o clero por baixo, e eu achava que tinha que ser o contrário, tínhamos que nivelar para cima. Tínhamos que levantar esse pessoal para cima. Mas para isso tinha que ter outra origem os futuros padres, outras capacidades. Eu me lembro que comentava a nível de crítica que aqueles que fugiam da tradicional limitação intelectual, que avançavam, esses todos quase foram saindo do seminário²⁵².

²⁵² Idem.

Em nível de comparação da Igreja localizada no oeste do Paraná com a Igreja a nível nacional, um fenômeno similar foi registrado. A partir da década de 1980 não surgiram maiores lideranças dentro dos quadros da Igreja, o que pode ser atribuído a uma série de fatores, entre eles o efeito que o regime militar causou em relação à formação de novas lideranças sociais.

Eu me perguntava, quando haverá um novo dom Paulo Evaristo Arns? Um novo Pedro Casaldáliga, um novo Helder Câmara? Que eram expoentes na Igreja. Hoje não cito ninguém. Esse fato acho que atrapalhou demais a Igreja. Aquilo que foi um corte na liderança política nacional civil, também aconteceu na Igreja, do golpe de 1964 para cá. E o preocupante é que isso não se renovou na Igreja. Depois tivemos um movimento muito sério, no tempo da ditadura militar no Brasil, o campo de possibilidades de atuação como da Teologia da Libertação, e de qualquer outra perspectiva social acontecia dentro da Igreja. A hora que diminuiu a perseguição dos militares, a Igreja não soube o que fazer. As pessoas foram para outros campos, porque a Igreja não era mais resistência. Foi então o momento forte dos movimentos de cristandade na Igreja. São movimentos louváveis, mas não têm em seus projetos essa preocupação de uma ação mais política de ação. Registrou-se um vácuo político de atuação da Igreja. Depois vieram as pastorais, a partir de 1985, daí começam a aparecer melhor as pastorais, mais do que os movimentos, como as pastorais universitária, operária, juventude e outras pastorais²⁵³.

A demanda populacional durante o período de 1961, data da criação da primeira diocese, até 1978, ocasião em que a Diocese de Toledo foi desmembrada em mais outras duas, com a criação das dioceses de Cascavel e Foz do Iguaçu, foi muito intensa. Nesse período foram constituídas

²⁵³ Idem.

aproximadamente 50 paróquias²⁵⁴. Somente durante o período de 1962 até o ano de 1978 a população da Diocese de Toledo aumentou de 200 mil para um milhão e 200 mil habitantes. Estes dados apontam para a dificuldade da Igreja local se articular a nível pastoral, quando a preocupação do episcopado naquele momento era a busca de sacerdotes e edificação de templos para atender às demandas espirituais dos fiéis que aqui estavam e que a cada ano aumentava o número de famílias nas cidades de abrangência da Diocese de Toledo.

Podemos afirmar: a criação de novas paróquias e a construção de novas igrejas, ou lugares de culto, vieram a ser parte viva da história da Diocese de Toledo. De fato, a diocese não parava de florescer e mostrar vitalidade a olhos vistos. (...) Ao lado da família, a paróquia constituiu-se no lugar em que toda pessoa podia entrar em contato com a fé, com os irmãos, com a Igreja e aprender a enfrentar com coragem a vida com as dificuldades do dia a dia²⁵⁵.

Embora a atuação pastoral da Igreja na área urbana tivesse sido prejudicada pela escassez de padres, somado à crítica de que muitos membros do clero possuíam uma compreensão limitada de ação, o clero sempre foi motivo de valorização por parte do bispo.

Durante todo o período que atuei muito próximo de dom Armando, não me lembro ter visto alguma manifestação de frustração. Dom Armando era uma pessoa muito compreensiva e conhecedor da psicologia humana. Se a pessoa não tem a formação, não se pode

²⁵⁴ Este depoimento de dom Armando Cirio está registrado na Revista Cristo Rei, da Diocese de Toledo. SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – A programação especial para o 10º aniversário da Diocese. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano II, nº 20. Toledo : agosto/98. p. 30.

²⁵⁵ Idem.

exigir dela. Era uma pessoa muito compreensiva e condescendente. Ele lançava a semente, mas não demonstrava nenhuma frustração em não conseguir isso²⁵⁶.

Por ocasião do décimo aniversário da Diocese de Toledo, dom Armando assim expressou sua homenagem a todos os padres que atuavam na diocese. Reconhecendo que embora não se existisse uma atuação pastoral conjunta e de uma linha que viesse ao encontro das necessidades sociais que a comunidade atravessava, mesmo assim demonstrava um reconhecimento e espírito de agradecimento pela presença e atuação de cada um dos padres que dispensava seus serviços religiosos dentro da área de abrangência da diocese.

Louvamos os sacerdotes de ontem e os de hoje. Ontem eram apenas quinze, hoje, são mais de setenta. A união dos ministros do Senhor e a colaboração sempre prestada, foram de essencial importância para a vida da diocese. Bem conhecemos as vicissitudes de suas vidas, tantas vezes atribuladas pela pobreza de meios, entre sacrifícios e provações contínuas, em meio às incompreensões e angústias, mas sempre manifestando, ao par de conduta exemplar, o ardor apostólico e a dedicação admirável. Nesta diocese, lado a lado, militaram padres religiosos e seculares. Uns nascidos na terra brasileira, outros, abandonando a terra natal, adotando, pelo amor devotado aos encargos sacerdotais, o Brasil como a sua pátria. O heroísmo e o trabalho fecundo dos nossos sacerdotes serão sempre lembrados e a atuação deles será sempre uma página marcante na história de nossa região e de nossa diocese. A esses sacerdotes que deram o melhor de suas vidas em favor do povo de nossa diocese, manifestamos, com emoção, a nossa profunda afeição²⁵⁷.

²⁵⁶ Depoimento de Lázaro Bruning.

²⁵⁷ Carta episcopal escrita em 1969, por ocasião da comemoração do décimo ano de instalação da Diocese de Toledo, escrita por dom Armando Cirio e contou com a colaboração do Conselho Pastoral Diocesano. Arquivo da Cúria da Diocese de Toledo.

Se, por um lado, a Igreja tenha marcado presença na área urbana, através de criação de paróquias e capelas, pairou sempre a problemática da compreensão da vida urbana, e sua dinamicidade própria, muito diferente da área rural. A referência de qualquer tentativa de ação pastoral no setor urbano tinha como partida a representação da cidade eterna, a Nova Jerusalém. É a partir desta representação que se inspira a visão da Igreja e é desta representação que se esboça uma tentativa de atuação pastoral. A partir desta representação da cidade, a Igreja buscava firmar sua posição diante do complexo processo de urbanização, construindo uma concepção de si em relação à cidade. Não poucas vezes concebe a cidade como espaço de negatividade e de deformações das relações humanas.

Algumas referências bíblicas são utilizadas em documentos onde expressam uma dimensão identitária da Igreja voltada ao campo e de estranheza em relação às cidades.

A história da humanidade teve início no jardim do Paraíso, no Édem de delícias (Gn.2,8) e vai receber a plenitude na 'Nova Jerusalém', na cidade edificada por Deus, que vem do céu, não sendo obra humana (Ap. 21). Deus começa a criação num jardim, no campo e termina sua obra dentro de uma cidade. A cidade é o mundo, o kosmos, a criação acabada pelo homem e terminada segundo a imagem do homem. Na cidade o homem concentra ciência e arte. É obra da vontade. Os esforços humanos se submetem à uma obra comum. É objetivação da cultura e da civilização. É a riqueza comum dos homens, meio de liberdade, comunhão, comunidade. No entanto, está sujeita às tentações, às deformações das relações humanas. A cidade transforma em

*instrumento do orgulho, do enriquecimento, do egoísmo individualista, da volúpia de dominações de certos líderes, de certas famílias, ou de certos grupos político-econômicos*²⁵⁸.

A idéia da Nova Jerusalém é a construção de uma representação de que demonstra ser a área rural o espaço de excelência da Igreja, enquanto que o espaço urbano se configura como desafio social e pastoral para a Igreja. É entendido como campo de desafio, pois na cidade Cristo não é aceito, é na cidade onde ele é perseguido, aprisionado, julgado e é levado para fora da cidade para ser crucificado.

*Temos o ideal da Nova Jerusalém, como inspiração e paradigma para a construção de um modelo urbano, baseado na justiça, na fraternidade, tendo como luz o Cordeiro Imolado fora dos muros da antiga Jerusalém. Esse paradigma permite à Igreja exercer sua função profética e denunciar aspectos anti-humanos formados pelas bases do desenvolvimento urbano contemporâneo e oferecer pistas e criatividade a todos os que são responsáveis pela construção de uma cidade para que não distancie tanto do modelo da Nova Jerusalém*²⁵⁹.

A partir desta concepção de cidade, de relação da Igreja com a cidade, o documento apresenta aquilo que seria entendido como desafios da pastoral urbana. Inicialmente nomeando como *problemática urbana* o rápido crescimento das populações nas cidades, seja devido à alta taxa de natalidade,

²⁵⁸ Documento localizado no Arquivo Morto da Cúria Diocesana de Cascavel, utilizado para encontro do clero que tratou sobre a vida urbana.

²⁵⁹ Documento localizado no Arquivo Morto da Cúria Diocesana de Cascavel, utilizado para encontro do clero que tratou sobre o desenvolvimento urbano e as exigências da comunhão eclesial.

seja, principalmente, devido ao aumento exorbitante das taxas de migrações, em seguida, é apontado como desafio da pastoral urbana o conjunto dos problemas sociais relacionados ao aparecimento de favelas, cortiços, desemprego e o desenraizamento cultural. O documento aponta para a existência de dois estilos de pastoral urbana. Uma de característica conservadora, que sustenta determinado tipo de religiosidade muito vinculada à classe média e alta da cidade, valorizando, sobretudo, alguns movimentos de Igreja. Outro estilo de pastoral demonstra a simpatia pela opção pelos mais pobres, onde se registra alguns choques de mentalidade e atuação pastoral. Registrando uma tensão entre o centro e a periferia. O documento observa também a não existência de uma práxis adequada para a atuação da Igreja junto às populações de média e baixa renda. Acusa a formação deficiente do clero e afirma que muitas paróquias ainda estão fechadas para a problemática da cidade toda, onde não existe uma organização satisfatória entre as pastorais mais voltadas para a atuação social, como as pastorais da juventude, operária, familiar, não se registrando uma atuação pastoral de conjunto²⁶⁰.

Se, por um lado, registra-se a preocupação com o fenômeno da urbanização, isso não significa que, na prática, a Igreja tenha conseguido articular-se a nível de elaboração orgânica de uma ação pastoral efetiva. Isso

²⁶⁰ Documento sobre a vida urbana. Arquivo da Cúria Diocesana de Cascavel.

fica demonstrado nos registros de alguns livros-tombo, como, por exemplo, na cidade de Foz do Iguaçu.

Depois de quase um ano, já posso opinar sobre a cidade de Foz. A cidade sofre de problema familiar gravíssimo, a elite social, se não é espírita, tem algo semelhante. A Igreja está em Foz, como que numa canoa a balançar, nas ondas do Rio Paraná. Os jovens, esses jovens de Foz que noção tem de Deus, da Igreja, do matrimônio, do Sexo?! Pode melhorar, pois todo mundo está tateando, para ver se encontra algo onde se apoiar. (...) A Igreja luta pelos pobres a quem ainda não atraiu, e a classe média e classe da elite, estão querendo algo mais, mas tudo é difícil. O espiritismo, a maçonaria, Rosa Cruz, esoterismo estão em franca atividade, com grandes meios e muito dinheiro. Foz do Iguaçu, com este crescimento espantoso da Itaipu e turismo organizado, passou por uma grande sacudida. Deve acordar! Deve se pôr de pé! Deve passar por uma conversão espiritual. Foz precisa de líderes leigos, mas líderes espirituais, líderes convertidos.²⁶¹

Este registro expressa o desafio e a dificuldade que a Igreja encontrou em atuar nas cidades. A atuação da Igreja a nível urbano não angariou o mesmo êxito que a nível rural. Com o cenário da modernização do oeste paranaense, vários outros discursos emanaram da Igreja, mas não se registrou a mesma receptividade discursiva frente à realidade urbanizada. A urbanização trouxe novas configurações e desafios. Com isso exigiu novas estratégias de ação pastoral.

Percebe-se, por exemplo, que, nas cartas episcopais escritas durante o início da década de 1980, o teor tem uma dimensão voltada muito mais para a

²⁶¹ Texto extraído do Livro-tombo da paróquia São João Batista, Catedral de Foz do Iguaçu. Foi escrito em 31 de dezembro de 1982. Livro I-B, p. 10-B e 11-A.

postura política dos cristãos, do que no apelo a uma postura doutrinal, direcionada apenas para as questões internas da doutrina religiosa.

Creemos ser oportuno levar a nossos sacerdotes e fiéis uma palavra que ajude a nos colocar a todos num processo de responsabilidade política. (...) Aos fiéis em geral, como construtores da ordem secular, exortamos a não permanecerem indiferentes ao processo político, mas reflitam sobre os seus deveres, visando o bem comum e a unidade na caridade. (...) Os católicos versados em política, e devidamente firmes na fé e na doutrina cristã, não recusem cargos públicos, se puderem por uma digna administração prover o bem comum e ao mesmo tempo abrir caminho para o Evangelho. (...) Finalmente, lembramos a máxima que deve estar presente em nossas atividades: 'No terreno das opiniões, respeite-se a liberdade; nas necessidades do bem comum e princípios do Evangelho e exigências cristãs, observe-se a unidade; em tudo, no entanto, promova-se a caridade'²⁶².

A mesma ênfase da participação política se encontra em outras cartas episcopais, sempre apontando para a importância da participação dos cristãos leigos no campo político.

Está chegando o momento da comunidade, especialmente os leigos, ter mais clareza a respeito da caminhada dos cristãos num país onde muitos políticos se vestem de cristãos, apenas para angariar votos e conquistar privilégios na sociedade. (...) considero, por isso, muito importante que pessoas comprometidas com os trabalhos e com as diversas pastorais e movimentos da Igreja se tenham apresentando como candidatos (...). A Igreja continua, hoje mais insistentemente que ontem, ensinar que a vivência da fé e as práticas religiosas não devem tornar os católicos indiferentes à política. Antes, a consciência religiosa obriga, muito mais, a pessoa crente e fiel, a buscar os caminhos da melhoria de sua cidade, de seu estado,

²⁶² Carta Episcopal de dom Geraldo Majella Agnelo, bispo diocesano de Toledo, escrita no dia 06 de outubro de 1981. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo.

*de seu país. (...) O objetivo é despertar nosso povo para a política*²⁶³.

Somando a preocupação de uma ação mais participativa dos católicos na sociedade organizada dentro de uma conjuntura de crescimento das cidades, a Igreja registrou também o surgimento e aumento de outras denominações religiosas²⁶⁴, que se configurou como outro desafio para a Igreja Católica, desafiando-a a articular novas práticas e outros discursos, incrementando principalmente as pastorais da Juventude e da Família. A recorrência ao imaginário do pioneiro católico sempre foi constante, como forma emblemática de superação aos novos desafios que se apresentam e a permanência de uma catolicidade construída há décadas na região.

Por ocasião da comemoração do décimo ano de instalação da Diocese de Toledo, entre as várias homenagens prestadas durante as festividades, a primeira homenagem foi direcionada à figura dos pioneiros.

Com o correr dos anos, os povoados, as vilas, os distritos e as cidades foram fundados e cresceram. Com isto e como consequência, a diocese se desenvolveu e construiu a sua pujança. Proclamamos, por isso, o melhor louvor aos pioneiros, aos desbravadores das matas agrestes, aos construtores das cidades, aos homens e mulheres que, anonimamente, edificaram a grandeza

²⁶³ Carta Episcopal de dom Armando Cirio, arcebispo da Arquidiocese de Cascavel, escrita em 1982. Arquivo da Cúria Metropolitana de Cascavel.

²⁶⁴ Sobre esse assunto ver: DEITOS, Nilceu Jacob. *Representações pentecostais no oeste Paranaense (A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel-1970-1995)*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

*da região, mercê do suor, do sacrifício, do desconforto, da falta de recursos e, muitas vezes, das lágrimas da desesperança*²⁶⁵.

Em outras ocasiões, se não é a figura dos pioneiros, é a dos missionários, que em épocas ainda mais remotas, aturam junto aos índios. Tal figura passa a ser lembrada e valorizada. Os sacrifícios e dificuldades daqueles aparecem nos discursos como elementos a serem utilizados como instrumento de motivação e de empenho pelos missionários de agora. O discurso do Núncio Apostólico, dom Sebastião Baggio, durante sua primeira visita à região oeste do Paraná, em junho de 1966, demonstra bem a valorização da figura dos primeiros missionários.

*O futuro religioso da nossa terra depende também do esforço de cada um de nós. A palavra de ordem é: o entrosamento de todas as forças vivas da diocese no empenho conjunto para a vitória de Deus. O eco longínquo dos passos dos primeiros apóstolos deve animar os novos apóstolos e as clarinadas evangélicas, que há quatro séculos atrás ressoavam na imensidão da floresta, conclamando os índios para o louvor a Deus, não podem deixar de ressoar nas cidades e vilas no presente e os sacrifícios dos primeiros missionários unidos ao sacrifício dos presentes formarão belo e grandioso o futuro da nossa muito amada Diocese de Toledo*²⁶⁶.

²⁶⁵ Carta episcopal escrita em 1969, por ocasião da comemoração do décimo ano de instalação da Diocese de Toledo, escrita por dom Armando Cirio e contou com a colaboração do Conselho Pastoral Diocesano. Arquivo da Cúria da Diocese de Toledo.

²⁶⁶ Discurso do Núncio Apostólico, dom Sebastião Baggio, em junho de 1966. in: PIVETTA, pe. Rafael. Diocese de Toledo - Alguns acenos históricos. 1967. mimeografado. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo.

A recorrência aos primeiros missionários que atuaram na região, ou aos pioneiros, passa a compor uma representação importante e utilizável para outros momentos. A referência a essas figuras constrói um imaginário legitimador da Igreja, e uma representação de que o povo da região jamais se deixará abater ou desanimar diante das vicissitudes atuais, pois o passado é assumido como um campo representativo, o qual construiu e definiu as características do oeste do Paraná. Ao transmitir uma trajetória de desafios e vitórias construídas com o esforço e sacrifício dos primeiros missionários e dos pioneiros, o discurso cumpre um papel político importante, que é fazer com que a Igreja e a comunidade de fiéis que ela congrega se convença de que é importante o suficiente, pois enfrentou desafios em outras épocas que não os abateram; que é forte o suficiente, para não se deixar abater pelos desafios vindouros; que é necessária o suficiente, pois a presença da Igreja *“(...) era a presença de alguém que pudesse abençoar aquele começo, dando-nos a certeza que começávamos pelo caminho certo”*²⁶⁷.

²⁶⁷ Entrevista de Décio Galafassi, descendente de uma das primeiras famílias a morar em Cascavel, concedida em abril de 1995. Arquivo do Autor (A/A).

V - Considerações finais

A curiosidade investigativa em relação à presença da Igreja Católica na região oeste do Estado do Paraná, que foi o elemento motivador deste trabalho, me permitiu vislumbrar, através da abordagem teórica e da investigação documental, como a Igreja Católica construiu um corpo de representações sobre os fiéis, expresso tanto na articulação dos trabalhos pastorais, como no empenho que a Igreja desenvolveu a nível discursivo. Desta forma, realizou a construção de um imaginário que justificava inicialmente a presença dos colonos e permitiu que estes, por sua vez, se convencessem da importância da presença da Igreja. Esta relação, a Igreja também tentou construí-la em outros momentos desta trajetória histórica no oeste do Paraná. Em alguns deles obteve maior êxito, e, em outros momentos, maior dificuldade de articulação, como, por exemplo, no período da urbanização da região.

Ao nomear a Igreja Católica para esta investigação histórica, persegui a idéia de considerá-la no processo de sua constituição e consolidação dentro do espaço geográfico definido, sem perder alguns aspectos que a marcaram profundamente a nível nacional e mundial, durante o período delimitado.

Ao considerar a fase da colonização do oeste do Paraná, é fundamental entendê-la numa dimensão plural. Este aspecto é perceptível seja pelas várias frentes de colonização que se registraram, bem como pelos mecanismos utilizados para tal, ora através de empresas colonizadoras, ora pela apropriação litigiosa de territórios. No espaço geográfico do oeste do Paraná pode se ver o entrecruzamento de três frentes de colonização, num período relativamente curto.

No contexto da colonização da região é curioso perceber que o estabelecimento de uma relação próxima de várias culturas resultou num relacionamento diferente do que caracterizava internamente cada uma das frentes de colonização, apontando para uma aproximação tanto cultural como étnica, embora se registrasse a predominância da frente de colonização sulista. A convivência entre grupos diversos, ao mesmo tempo em que constrói uma relação cultural própria, também constrói o “outro” no imaginário de cada grupo, aspecto perceptível na investigação, principalmente na frente sulista e em alguns discursos do clero relacionado a estes migrantes.

Na convivência com "diferentes", ao mesmo tempo em que se configura uma nova característica das relações, também se propicia a criação de estereótipos depreciativos às pessoas de um meio que não seja o mesmo da colonização predominante. Trata-se da construção do "outro" no imaginário sulista, atribuindo a este "outro" uma conotação preconceituosa em relação ao estilo e forma de trabalho, que era diferente daquele dos colonizadores do sul, onde o trabalho era algo muito arraigado.

A partir dos discursos empregados pelo clero católico, é possível perceber as representações por ele utilizadas, que vão dando sentido ao seu mundo religioso. É nas cartas episcopais enviadas, nos documentos emanados do clero e nas entrevistas que se torna possível observar a expressão de um corpo de representações, fazendo com que o imaginário religioso seja construído e difundido.

Um elemento recorrente nos discursos episcopais é a idéia de colaboração e submissão ao clero. O estilo assumido pela colonização na região oeste do Estado registrou, como consequência, o redimensionamento do papel social assumido pela Igreja e a sua inter-relação com os colonos, tendo como referência a ação da Igreja exercida nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O suporte desta ação era a idéia de trabalhar na construção de comunidades, seja através de capelas ou pequenos grupos que

se reuniam na ocasião da presença do padre para orarem e receberem os sacramentos. Neste contexto da relação entre clero e fiéis, é evidenciável a valorização dispensada à figura sacerdotal, razão pela qual o padre, em algumas ocasiões, passou a exercer múltiplos papéis em algumas localidades.

A presença da Igreja na região, em algumas ocasiões, é caracterizada por um duplo posicionamento assumido a partir de algumas representações construídas. Uma delas é a representação expressa, em alguns discursos, como sendo a Igreja a figura mediadora e essencial dos colonos. Trata-se de um deslocamento do campo religioso para o campo do cotidiano, posicionando-se como porta-voz das preocupações que envolvem o homem do campo. Em outras ocasiões, lança mão de uma representação que a desenhe num perfil triunfalista. Estas representações são expressas a partir de um discurso que busca nos textos bíblicos a sua legitimidade.

A construção da figura do inimigo faz parte do processo de elaboração do imaginário religioso. A Igreja se utiliza, de forma recorrente, da figura do inimigo, a qual pode ser construída a partir de situações, pessoas e instituições. A figura da serpente, para caracterizar uma ação não conforme os interesses de alguns padres, e a presença do “outro”, que não confessa a mesma crença, foram utilizados para compor os elementos de uma representação do que seria o inimigo.

Por outro lado, o discurso voltado à valorização do trabalho, enquanto elemento positivo e identitário dos colonos, é algo muito recorrente no clero católico. Através do enaltecimento da figura do pioneiro, a Igreja intervém num processo de construção identitária. A figura do pioneiro que desbravou com muito suor e sacrifício as matas do oeste paranaense acaba exercendo um papel de localização histórica do colono. O pioneiro desbravador foi o agente da história que merece ser admirado, valorizado e até mesmo imitado no que tange à superação dos desafios que se colocam na lida da terra.

Como decorrência das relações estabelecidas entre o clero e os colonos vindos dos Estados sulistas para a região oeste do Paraná, dois aspectos merecem ser pontuados neste trabalho investigativo da construção discursiva da instituição religiosa. O primeiro aspecto é estratégia da Igreja utilizada para se colocar como instrumento necessário para prover os colonos dos “bens espirituais”, e o de construir, desta forma, uma espécie de auto-afirmação de sua importância naquele espaço geográfico, fortalecendo assim a catolicidade da região. Outro aspecto é a construção da imagem do colono, na ótica da Igreja, enquanto indivíduos com características voltadas para o espírito comunitário e a abnegação ao trabalho. Neste duplo aspecto, a investigação procurou registrar as formas de ação e articulação da Igreja Católica junto aos colonos na região.

A relação da Igreja Católica com os fiéis é marcada por um vasto número de ações pastorais que contribuíram, ao longo de todo o período, na construção de um discurso voltado para uma dupla finalidade. A constituição, na configuração regional, de uma legitimação da Igreja, enquanto instituição que buscava sua consolidação junto aos povos migrantes do oeste paranaense e, ao mesmo tempo, procurava se caracterizar como um instrumento de apoio, valorização e atendimento aos anseios, preocupações, desafios e problemas das pessoas que se encontravam na região. Nesta perspectiva, a construção do discurso católico tem a necessidade de garantir uma recepção por parte da comunidade emergente, que seja o mais próximo possível do conteúdo que ela se propõe a transmitir. Embora se perceba que um elemento freqüente no discurso dos padres era o da intimação.

Outro aspecto merecedor de destaque é o processo de redefinição da Igreja Católica vivenciada com a realização do Concílio Vaticano II. A investigação passa a ter como objetivo a Igreja Católica e sua atuação no espaço local e as interferências que começam a sofrer a partir do pensamento conciliar que a perpassa em âmbito mundial, reelaborando um novo conceito de *igreja* e a repercussão destas mudanças na região. O conceito de *igreja* passa por um processo de mudança e o concílio pode ser tomado como marco dessa mudança. É a tentativa de conceitualização de *igreja* enquanto “povo de

Deus”. Nos discursos episcopais, a recorrência de incentivo a formar uma *igreja* caracterizada pelos elementos de comunidade e unidade é constantemente enaltecida, o que aponta uma afinidade entre o discurso do bispo com relação ao novo conceito de *igreja*. No contexto daqueles discursos, a idéia de *comunidade e unidade* aparece como elemento identitário, uma vez que outras posturas, movimentos e correntes se colocavam de forma um tanto quanto hostilizada diante da Igreja. Em alguns discursos do bispo dom Armando Cirio, o termo *igreja* é substituído pelo termo “comunidades de fé, culto e de caridade”. O conceito de *igreja* que marcou presença junto aos colonizadores, durante o período de ocupação da região, não é mais o mesmo a partir das quatro últimas décadas do século passado, quando as definições do Concílio Vaticano II começam a repercutir e aos poucos começam a ser incorporadas na ação da Igreja. Não se trata de um conceito novo. Mas, na relação de mudanças e permanência, a idéia de *igreja* sofre modificações. Nos discursos de dom Armando, aparece o duplo desafio em construir uma nova diocese, num contexto em que se construía uma nova Igreja.

No âmbito regional se constata que, a partir das repercussões das definições conciliares e, conseqüentemente, a redefinição conceitual da Igreja, enquanto “povo de Deus”, e a incorporação desta concepção dentro dos planos

pastorais, permite à Igreja a possibilidade de outras posturas diante das circunstâncias que se apresentariam no contexto social. Frente a um cenário social marcadamente influenciado pelo processo modernizador do campo, e com todas as conseqüências sociais decorrentes desse processo, principalmente na ampliação dos espaços urbanos, a Igreja se depara com novos desafios e enfrentamentos. É neste contexto que, sob a influência de correntes sociais que influenciaram a ação da Igreja, de modo destacável a influência da ação pastoral francesa, seria possível perceber uma rearticulação da Igreja voltada para uma atuação no campo social, sem perder de vista seu conceito de “povo de Deus”.

O último enfoque a ser considerado é a compreensão da Igreja tanto no contexto rural, agora modificado, como no contexto urbanizado. Em nível mundial, é na atuação da Ação Católica que a presença da Igreja em um universo urbanizado visualizou-se como desafio. Com a mecanização da lavoura e a crescente urbanização, a Igreja percebeu a necessidade de se rearticular, uma vez que se registrava um processo de desintegração das comunidades do interior.

Para o clero, a Igreja estava perdendo algo muito importante, que era uma característica de *vivência de comunidade*. Este elemento se configurava como algo fundamental para a ação da Igreja no contexto regional, e

encaminhava-se para uma nova situação de desafios para Igreja. No discurso clerical há um sentimento de perda e nostalgia, pois aquele momento expressava melhor a representação da Igreja enquanto “povo de Deus”.

A Igreja não conseguiu, no âmbito da organização diocesana, articular uma ação pastoral voltada para a problemática da urbanização. A dificuldade dessa articulação é atribuída à existência de um clero de formação heterogênea, bem como uma formação limitada em alguns casos, e uma concepção de pastoral urbana cujas estratégias utilizadas eram muito diferentes de um padre a outro padre.

O espaço urbano, que se configurava como desafio de atuação e área de concentração de conflitos sociais, teve uma representação construída pela Igreja cuja recorrência estava vinculada ao imaginário da “cidade eterna”, a “Nova Jerusalém”. Se o jardim do paraíso, caracterizado pelo éden de delícias, tinha uma conotação rural, o paraíso urbano tinha que ser construído, pois na sua essência, a cidade é concebida como espaço de negatividade e de deformações das relações humanas.

Nesta perspectiva, a idéia da “Nova Jerusalém” é a construção de uma representação que demonstra ser a área rural o espaço de excelência da Igreja, enquanto que o espaço urbano se configura como desafio social e pastoral. O enfrentamento do desafio urbano contou também com a recorrência ao

imaginário do pioneirismo, como forma emblemática de superação aos novos desafios que se apresentam e a permanência de uma catolicidade construída há décadas na região.

BIBLIOGRAFIA

- 01 ALBERIGO, Giuseppe (Coord.) *História do Concílio Vaticano II*, Vol. 1., tr. J.R. Costa. Petrópolis : Vozes, 1995.
- 02 AQUINO, São Tomás. Suma Teológica. In: *Os pensadores*, vol. 8, São Paulo : Abril, 1973.
- 03 *ARQUIDIOCESE de Cascavel, ontem e hoje - 5 anos (1978-1983)*. Cascavel : Assoeste, 1983.
- 04 ASSOESTE – Associação Educacional do Oeste do Paraná. *Síntese da história do Paraná*. Cascavel : Assoeste, s/d.
- 05 AZZI, Riolando. *A cristandade colonial – mito e ideologia*. Petrópolis : Vozes, 1987.
- 06 _____. *O altar unido ao trono – Um projeto conservador*. São Paulo : Paulinas, 1992.
- 07 BACZKO, Bronislav. *Enciclopédia Einaudi, tomo 5 - Anthropos-homem*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- 08 BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1989.
- 09 BEDOULLE, *Dictionnaire d'Histoire de l'Eglise*, C.L.D. Chambray Lés-Tours. 1994.
- 10 BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- 11 BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis : Vozes. 1993.
- 12 _____. (org.) *A Igreja latino-americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Tr. J. R. Costa. São Paulo : Paulinas, 1993.

- 13 BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. J. C. Barcello. São Paulo : Ed. Paulinas, 1985.
- 14 BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l' imaginaire*. Paris : Belles Lettres, 1999.
- 15 BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.
- 16 BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1982.
- 17 _____. *Ce que parler veut dire*. Paris : Fayard, 1982.
- 18 BRASIL. Presidência da República. I Plano Nacional de Desenvolvimento – 1972/1974. Brasília, 1971.
- 19 _____. II Plano Nacional de Desenvolvimento – 1975-1979. Brasília, 1974.
- 20 BURKE, Peter (org.). *A escrita da história - novas perspectivas*. Trad. M. Lopes. São Paulo : Unesp, 1992.
- 21 _____. *Varieties of cultural history*. New York : Ithaca, 1997.
- 22 CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1982.
- 23 CEHILA – Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina. *Para uma história da Igreja na América Latina – Marcos teóricos*, tr. J. Clasen, Petrópolis : Vozes, 1986.
- 24 CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro : Forense, 1982.
- 25 _____. *A cultura no plural*. Campinas : Papyrus, 1995.
- 26 CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa : Difel.
- 27 _____. O mundo como representação. In: *Revista Annales*, n. 6, nov-dez, 1989.

- 28 COLODEL, Augusto. *Obrages & companhias colonizadoras - Santa Helena na história do oeste paranaense até 1960*. Santa Helena : Prefeitura Municipal, 1988.
- 29 DACANAL, José H., GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1980.
- 30 DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro : Graal, 1986.
- 31 DEITOS, Nilceu Jacob. *Representações pentecostais no oeste paranaense – A Congregação Cristã do Brasil em Cascavel – 1970-1995*. Dissertação de mestrado. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- 32 DREHER, Martin N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo : Sinodal, 1999.
- 33 DURKHEIM, E. As formas *elementares* da vida religiosa. In: *Os pensadores*. São Paulo : Abril, 1978.
- 34 DUSSEL, Enrique D. (org.), *História liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. São Paulo : Paulinas, 1992.
- 35 _____. *Caminhos de libertação latino-americana – história, colonização e libertação*. tomo I, São Paulo : Paulinas, 1984.
- 36 ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. Trad. R. Fernandes. Lisboa : Livros do Brasil, s/d.
- 37 EMER, Ivo Oss. *A construção da escola no Oeste do Paraná*. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- 38 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 6ª ed., São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- 39 _____. *Em mitos, emblemas e sinais*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- 40 GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.

- 41 GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. 2. ed. Trad. H. Mesquita. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1986.
- 42 GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel : Edunioeste, 2002.
- 43 GROSSELI, Renzo M. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1987.
- 44 HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. C.N. Coutinho; L. Konder. 3. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1989.
- 45 HISTÓRICO DA DIOCESE DE TOLEDO, 1960-1985. Cascavel : Assoeste, 1985.
- 46 HOORNAERT, Eduardo. *História do cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo : Paulus, 1994.
- 47 HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. J.L. Camargo. São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- 48 IPARDES - Fundação Édison Vieira/Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Nova configuração espacial do Paraná*. Curitiba, janeiro/1983.
- 49 _____. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba : 1989.
- 50 ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Edipucrs, 1998.
- 51 KLIEMANN, Luíza Helena Schmitz. *Rio Grande do Sul: terra e poder – história da questão agrária*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986.
- 52 KLOPPENBURG, Boaventura. A III Sessão do Vaticano II, in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 24, fasc. 4, dezembro de 1964.
- 53 KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos. Problemas teóricos e práticos. IN: *Revista Estudos Históricos*, nº 10. Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, 1992.

- 54 _____. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos.* Barcelona : Paidós Ibérica S.A., 1993.
- 55 LAMPE, Armando (org.), *História e libertação*, Petrópolis : Vozes, 1996.
- 56 LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. *O Paraná nos anos setenta.* Curitiba : Iparde, Concitec, 1989.
- 57 LE GOFF, Jacques et NORA, Pierre. *História: novas abordagens.* 2ª ed., Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1986.
- 58 LENHARO, Alcir. *Sacralização da política.* Campinas : Papirus/Unicamp, 1986.
- 59 LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário - razão e imaginação nos tempos modernos.* 2. ed. Rio de Janeiro : Forense, 1989.
- 60 LÖWY Michael. *A guerra dos deuses – Religião e política na América Latina.* Tr. V. :. M. Joscelyne. Petrópolis : Vozes, 2000.
- 61 MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente.* Trad. M.C. de S. Cavalcante. Rio de Janeiro : Rocco, 1984.
- 62 MARTINS, José de Souza. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta.* 2ª ed. São Paulo : Hucitec, 1999.
- 63 MAUSS, Marcel. *Représentations collectives et diversités des civilisations.* Oeuvres 2. Paris : Minuit, 1969.
- 64 MEZZOMO, Frank Antonio. *Religião, nomos e utopia. O catolicismo na colonização de Toledo (Paraná, 1940-1970).* Cascavel : Edunioeste. 2001.
- 65 OBERG, Kalervo et JABINE, Thomas. *Toledo: um município da fronteira oeste do Paraná.* Rio de Janeiro : USOM, 1960.
- 66 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário.* São Paulo : Rev. Brasileira de História, 1995.
- 67 _____. Crônica: a leitura sensível do tempo. In: *Anos 90*, Porto Alegre, nº 7, julho de 1997.

- 68 _____. História & história cultural, ed. 2ª, Belo Horizonte : Autêntica, 2004.
- 69 POMIAN, Krzysztof. Histoire et fiction. *Le Débat*, mars/avril. 1989, nº 54.
- 70 REGINATO, Pe. Pedro. *História de Palotina - 1954-1979*. Santa Maria : Pallotti, 1979.
- 71 *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 26, fascículo 1, março de 1966. p. 184.
- 72 RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. São Paulo : Paulinas, 1982.
- 73 RICHAUD, Paul. *Notions Sommaires sur l'Action Catholique*, Éditions SPES : Paris, 1936.
- 74 ROCHA, Bento Munhoz da. Apud: IPARDES – Fundação Édison Vieira. *O Paraná reinventado: política e governo*. Curitiba, 1989.
- 75 RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Tese de doutorado. UFRGS : Porto Alegre, 2002.
- 76 ROLIM, Francisco Cartaxo (org.) *A religião numa sociedade em transformação*. Petrópolis : Vozes, 1997.
- 77 SCHERER, dom Irineu Roque. História da Igreja – Dos conflitos pela terra ao êxodo e ao fim da alegria e do espírito comunitário. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 26. Toledo : março/99.
- 78 _____. História da Igreja – A programação especial para o 10º aniversário da Diocese. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano II, nº 20. Toledo : agosto/98.
- 79 _____. História da Igreja – Reflexo das mudanças do Concílio Vaticano II na Diocese de Toledo. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano II, nº 21. Toledo : setembro/98.
- 80 _____. História da Igreja – Concílio Vaticano II mudou a face da Igreja. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano III, nº 25. Toledo : fevereiro/99.

- 81 _____. História da Igreja - Primeiros passos da nova diocese. In: Diocese de Toledo. *Revista Cristo Rei*. Ano I, nº 12. Toledo : novembro/97.
- 82 SCHREINER, Davi Felix. *Cotidiano, trabalho e poder: a formação de uma cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. 2ª ed. Toledo : Ed. Toledo, 1997.
- 83 _____. *Entre a exclusão e a utopia – um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamentos rurais. Região sudoeste/oeste do Paraná*). Tese de doutorado. São Paulo : USP, 2002.
- 84 SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília : Editora da UnB, 1990.
- 85 _____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- 86 SPERANÇA, Alceu A. *Cascavel: a história*. Curitiba : Lagarto, 1992.
- 87 _____ et SPERANÇA, Carlos. *Pequena história de Cascavel e do Oeste*. Cascavel, 1980.
- 88 TIBERGHIEU, Chanoine Pierre. *L'Action Catholique – expériences passées vues d'avenir*. Editions comprendre : Lille, 1945.
- 89 VALLE, Edênio et. al. *A cultura do povo*. 3. ed. São Paulo : Cortez/Instituto de Estudos Especiais, 1984.
- 90 VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos e declarações*. 13ª ed. Vozes : Petrópolis, 1979.
- 91 VINCENT, Gérard. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: ARIES, Philippe et al. *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. São Paulo : Cia das Letras, 1992.
- 92 WACHOWICZ, Rui C. As frentes Pioneiras. In: *História do Paraná - Idéias em debate 5*. Biblioteca Pública - Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Curitiba, 1986.
- 93 _____. *Obrageiros, mensus e colonos - História do oeste paranaense*. Curitiba : Vicentina, 1982.

- 94 WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; T.J.M.K. Szmrecsányi. 5. ed. São Paulo : Pioneira, 1987.
- 95 _____. *Economia e sociedade*. 3ª ed. Brasília : Editora da UnB, 1994.
- 96 WEBER, Regina. *Os operários e a colméia*. Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de doutorado, 1996.
- 97 WENDEPAP, Tereza. Distrito de Novo Sarandi. Relato. In: *Com licença, somos distritos de Toledo*. Toledo : Prefeitura Municipal de Toledo, 1987.
- 98 ZAGHENI, Guido. *A idade contemporânea, curso de história da Igreja*. vol . IV, São Paulo : Paulus, 1999.

FONTES

1. Arquivos consultados

Archives Nationales du Fontainebleau - France

Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo

Arquivo da Cúria Diocesana de Foz do Iguaçu

Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Cascavel.

Arquivo pessoal do bispo emérito de Cascavel, dom Armando Círio.

Arquivo do Museu Histórico Willy Barth, Toledo-PR.

2. Cartas episcopais de dom Armando Círio (1º bispo de Toledo)

CÍRIO, dom Armando. *Apresentação do bispo ao clero e fiéis*. Toledo, março de 1961.

_____. *Conselho presbiteral*. Toledo, abril de 1969.

- _____. *Carta apostólica*. Toledo, 1969.
- _____. *Plano de pastoral*. Toledo, abril de 1969.
- _____. *Assembléia dos padres*. Toledo, janeiro de 1972.
- _____. *Carta-mensagem do Natal*. Toledo, dezembro de 1977.
- _____. *Carta Apostólica*. Cascavel, outubro de 1982.
- _____. *Comunicado ao povo de Deus*. Cascavel, 04 de abril de 1987.

CARTA anexada ao artigo: *Diocese de Toledo - Alguns acenos históricos*.
Feita pelo padre Rafael Pivetta, Toledo, 1967.

3. Cartas episcopais de dom Geraldo Magella Agnelo (2º bispo de Toledo)

AGNELO, dom Geraldo Magella. *Mensagem da Páscoa*. Toledo, abr. 1979.

_____. *Ano eleitoral*. Toledo, out. 1981.

4. Entrevistas

CID, Antônio. *Entrevista*. Cascavel, 04 de agosto de 1995. fita-cassete.

CIRIO, dom Armando. *Entrevista*. Cascavel, setembro de 1993.

BRACHT, Lotário Antônio. *Entrevista*. Toledo, 25 de junho de 1986.

BRÜNING, Lázaro. *Entrevista*. Cascavel, 14 de outubro de 2002.

GALAFASSI, Décio. *Entrevista*. Cascavel, abril de 1995.

_____. *Entrevista*. Cascavel, 10 de novembro de 1995.

LUCHESA, Itacir. *Entrevista*, fita-cassete. Cascavel, 01 de julho de 2002.

LUCHESA, Lídia Maria. *Entrevista*, fita-cassete. Cascavel, 01 de julho de 2002.

PADRE da Diocese. *Entrevista*. Cascavel, novembro de 2000. (O padre solicitou sigilo do seu nome)

PATUÍ, padre Antônio. *Entrevista*. Fita cassete. Ponta Grossa, novembro de 1979.

_____. *Entrevista*. Fita cassete. Toledo, 21 de julho de 1984.

POMPEU, Alberto. *Entrevista*. Cascavel, 05 de agosto de 1995.

RUARO, Alfredo Paschoal. *Entrevista*. Toledo, 02 de agosto de 1984.

_____. *Entrevista*. Toledo, 19 de julho de 1991.

SAWTCZUK, Irmã Philomena. *Entrevista*, fita-cassete. Toledo, 12 de setembro de 1985.

WIEZZER, Gentila. *Entrevista*, fita-cassete. Toledo, 01 de julho de 2002.

5. Livros-tombo consultados

LIVRO-TOMBO da Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel.

LIVRO-TOMBO da Paróquia Santo Antônio de Cascavel.

LIVRO-TOMBO da Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu.

LIVRO-TOMBO da Paróquia Cristo Rei de Toledo.

6. Documentos diversos citados

ARTIGO sobre a criação e instalação da Diocese de Cascavel.

ARTIGO sobre a Diocese de Toledo – “História dos 25 anos”.

ARTIGO sobre a Diocese de Toledo – “Presença da Igreja no mundo do trabalho”.

ATA da reunião do clero realizado em 1976, na Diocese de Toledo.

ATA das comissões para festejo do Ano Jubilar realizado em 1985, na Diocese de Toledo.

ATA do encontro dos padres realizado em 1974, na Diocese de Toledo.

ATA do seminário de estudos do clero realizado em 1971, na Diocese de Toledo.

BOLETIM em edição especial de homenagem a dom Armando – 10 anos de Diocese.

BOLETIM Informativo das paróquias N. S. Aparecida e Santo Antônio, veiculado na Rádio Colméia no período de 28 de agosto de 1967 a 13 de junho de 1970.

CARTA de padre Lebret, Arquivo Nacional da França.

CARTA de Pio XI, 'Cum ex epistola', ao Cardeal Von Roey, 15 de agosto de 1928.

CARTA enviada pelo monsenhor Guilherme Maria Thiletzek ao senhor Manoel Pompeu no dia 18 de abril de 1931. Arquivo particular de Alberto Pompeu.

CARTAS do Papa Pio XI enviada a Steenberghe, 30 juillet 1928. Carta 'Quee Nobis' ao cardeal Bertram, 13 novembro de 1928. Carta 'Sane Nuntius' ao cardeal Segura, 6 novembro de 1929.

CÓPIA da Homilia proferida na Igreja Nossa Senhora Aparecida de Cascavel. Cascavel, 24 de janeiro de 1971.

DOCUMENTO da Assembléia Diocesana de Toledo realizada em 1970.

DOCUMENTO da Assembléia Diocesana de Toledo realizada em 1979.

DOCUMENTO da Assembléia Extraordinária realizada no ano jubilar de 1984, na Diocese de Toledo.

DOCUMENTO da XXXII Assembléia Regional do Paraná, realizada em 1984.

DOCUMENTO dos bispos do Paraná - *Missão e renovação da Igreja*. Foz do Iguaçu, 1970.

DOCUMENTO histórico-comemorativo “*Toledo e sua industrialização inevitável*” (relatório de uma visita).

DOCUMENTO localizado no Arquivo Morto da Cúria Diocesana de Cascavel, utilizado para encontro do clero que tratou sobre a vida urbana.

DOCUMENTO localizado no Arquivo Morto da Cúria Diocesana de Cascavel, utilizado para encontro do clero que tratou sobre o desenvolvimento urbano e as exigências da comunhão eclesial.

ESTATUTO Paroquial da Diocese de Toledo.

FOLHETO da Campanha de Educação e Promoção Rural. Toledo, s/d.

FÓRMULA de abjuração e profissão de fé. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo.

HOMILIA escrita de dom Lúcio Ignácio Baumgaertner, na ocasião da missa solene do ano jubilar.

PIVETTA, pe. Rafael. *Artigo sobre a história da Igreja no Oeste*. Toledo, 1967.

PLANO da Pastoral Rural da Diocese de Toledo de 1984. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo.

PLANO de Pastoral da Diocese de Toledo do ano de 1984.

PLANO de Pastoral da Diocese de Toledo do biênio 1981/82.

RESUMO das palestras da semana de estudos da Diocese de Toledo realizada em 1970.

SUBSÍDIO para pregação sobre a “Diocese – Família de Deus”, produzida pelo bispo dom Armando em colaboração com Conselho Pastoral Diocesano, Toledo, 1970.

TEXTO comemorativo do décimo ano de instalação da Diocese de Toledo,
1969. Arquivo da Cúria Diocesana de Toledo.

THILETZEK, monsenhor Guilherme Maria. *Carta*. 18 de abril de 1931.